

LULA ROCHA, SALVE SALVE

Políticas de luta e amizade



MATERIAL PRODUZIDO PELA ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
ADUFES - Seção Sindical do Sindicato Nacional dos Docentes das
Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN
Av. Fernando Ferrari, 845
Campus Universitário - Goiabeiras
Vitória/ES
CEP 29075-015
Tel.: +55 (27) 3235-9294 | +55 (27) 3235-9192
www.adufes.org.br
<https://www.facebook.com/adufes.secao.sindical>
<https://twitter.com/adufes>
https://instagram.com/adufes_ufes

Capa | MÁRIO VICTOR MARQUES MARGOTTO

Projeto gráfico e editoração eletrônica | MARÍLIA CARREIRO

Revisão | LARISSA QUACHIO COSTA

Dados Internacionais da Catalogação-na-publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Bruna Heller (CRB-10/2348)

L955 Lula Rocha, salve, salve [recurso eletrônico] :
políticas de luta e amizade / Adufes (org.). –
Vitória, ES: Adufes, 2021.
Dados eletrônicos (1 PDF ; 60,5 mb).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-995620-3-7

1. Biografia. 2. Política. 3. Amizade.
4. Relatos. I. Rocha, Lula. II. Adufes. III. Título.

CDU 32(815.2)-051

Índice para catálogo sistemático:

1. Política 32; 2. Espírito Santo (815.2); 3. Pessoas como agentes,
sujeitos -051



SUMÁRIO

6 | APRESENTAÇÃO

9 | DEPOIMENTOS E RELATOS DA FAMÍLIA DE LULA ROCHA

10 | Lula Rocha: uma breve biografia

17 | Dessas origens sou rei, sim senhor

23 | SEÇÃO I: LULA ROCHA E OS MOVIMENTOS E COLETIVOS DE LUTA ANTIRRACISTAS

25 | Lula Rocha foi para Palmares

35 | Lula Rocha: parceiro de lutas, hábil articulador e agregador

38 | Notas sobre Lula Rocha: afetos, luta e ancestralidade

44 | Lula Rocha: um sorriso de vida para que vidas sejam vividas

49 | Afirmação: rede de cursinhos populares

53 | Lula Rocha e a escola de samba Unidos da Piedade

58 | O sorriso negro: a maior forma de resistência

64 | Sobre Lulinha

68 | Lula Rocha, a Piedade e o Raízes da Piedade

73 | SEÇÃO II: LULA ROCHA, OS MOVIMENTOS DE JUVENTUDE E DE DIREITOS HUMANOS

75 | O Fejunes, o Kisile e meu irmão-divindade, Lula Rocha

82 | A juventude de Lula Rocha

90 | Juventude negra em Primeira Pessoa

98 | Lula e sua atuação no Conselho Estadual de Direitos Humanos

102 | Lula: sujeito imprescindível

105 | Lula Rocha, direitos humanos já! Hoje e sempre!

108 | Lula e a luta pelos direitos humanos

112 | Lula Rocha, presente! Hoje e sempre!

115 | Lula Rocha: aquele que tinha o corpo na América e alma na África

120 | A Famoc e Lula Rocha

124 | Salve salve, Lula Rocha! Uma trajetória de fé, coragem e alegria

129 | Fórum Igrejas e Sociedade em Ação: um sonho interrompido

135 | Lula Rocha e o povo da rua

138 | Lula Rocha e a Comissão Popular de Monitoramento do Programa

Nacional de Enfrentamento à Criminalidade e Violência

142 | Lula Rocha: a alegria, a firmeza de princípios e a amorosidade

147 | SEÇÃO III: LULA ROCHA E SEUS DIÁLOGOS COM PARTI-
DOS POLÍTICOS E SINDICATOS

149 | O Lula do PSol

152 | Lula Rocha e o PT

159 | Lula Rocha: a dignidade, a resistência e o afeto

163 | ANEXO - FOTOGRAFIAS DIVERSAS

APRESENTAÇÃO

Fórum Capixaba de Lutas Sociais e Adufes¹



Grafite em homenagem a Lula Rocha, por Luhan Gaba e Starley Bonfim.

O painel está localizado na Vila Rubim, em Vitória-ES².

A perda extemporânea de Lula Rocha produziu em nós a iniciativa de organizar este livro. Essa dilacerante perda nos impôs o silêncio temporário e fecundo para que pudéssemos ouvir o que Lula nos diria com aquele imenso sorriso a emoldurar seu rosto negro. Ante a necessidade e a ideia de registrar a história não contada nos livros

1 Associação dos Docentes da Ufes.

2 Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/grafite-em-homenagem-a-lula-rocha-chama-atencao-na-vila-rubim-0321>. Acesso em: 10 set. 2021.

oficiais do Estado do Espírito Santo (ES), a história de luta do povo negro e de suas alianças, e para levar a cabo o princípio enunciado por Conceição Evaristo (2015)³ – “a gente combinamos de não morrer” –, ouvimos a voz sussurrada de nosso amigo e companheiro dizendo, como sempre fazia diante de qualquer desafio, tarefa, convocação: “Bora lá!”.

“O que a gente não registra o vento leva”, lembra-nos a ialorixá Mãe Stella de Oxóssi (2010)⁴. Assim, este livro cumpre o papel de fortalecer a memória da trajetória de um gigante, que se confunde com a própria memória das lutas do povo negro, no ES. A memória das tensões, dos enfrentamentos, da luta pelas políticas afirmativas e do afeto irradiado de sua humanidade atenua as dores do povo trabalhador que resiste e que trouxe aqui suas histórias com Lula, suas lembranças, seu pranto e também suas palavras de *des-ordem*.

Ao receberem o convite para dividir, em forma de texto, os afetos e relatos que a existência de Lula suscitou, familiares, movimentos, grupos e coletivos das lutas antirracistas, entidades ligadas aos direitos humanos, ao sindicalismo e a partidos manifestaram alegria, acolhendo a proposta e lançando-se, em um esforço coletivo e potente, para a efetivação do gesto de força, resiliência e amizade que este livro representa. Nosso agradecimento é tão imenso quanto será o alcance das palavras forjadas nas seções desta publicação, que se dá em meio a uma conjuntura de desolação, marcada por uma política genocida de gestão de uma pandemia, pelo recrudescimento de todas as formas de violência e pelo sofrimento de nosso povo, que adocece, passa fome e morre.

3 EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. *In: Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

4 SANTOS, Maria Stella de Azevedo. *Meu tempo é agora*. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2020.

Lula vive muito além das páginas que chegam às suas mãos. Vive no grafite da Vila Rubim, nas marchas contra a exclusão, nas fileiras de estudantes do cursinho Afirmação, nas reivindicações por uma universidade popular e contra a PM nos *campi*. Lula vive nos protestos contra o braço armado do Estado, nas articulações contra o encarceramento do povo preto e pobre, nos enfrentamentos à política genocida de segurança no ES. Vive também na memória oficial, por meio do reconhecimento traduzido na concessão da Comenda Lula Rocha em Cariacica e em Vitória. Lula vive nos brados de “Lula Rocha, presente”, em tantas manifestações, atos, protestos, plenárias. Vive nas postagens e comentários que continuam sendo feitos em suas redes sociais, mesmo depois de sua passagem, como marca de que nosso companheiro continua aqui, lembrando-nos do que fazer e de como fazer.

O “salve salve” sempre proferido por nosso Lula e que hoje intitula o livro em sua homenagem vai ecoar, incessante, em nós, como síntese do que foi, do que fez, fertilizando novos atos nascentes sempre que a realidade brutal e profundamente desigual nos convocar. E nos convoca hoje. O batuque do tambor que Lula improvisava com qualquer coisa segue ressignificado como legado seu em cada corpo periférico, em cada peleja, cada quebrada. Tem o que na mão, um balde? Faça batuque. Uma lata? Uma caixa? Bata o tambor. Do atrito que fizermos ao fustigar as superfícies é que nasce o som que jamais cessará.

Lula Rocha, presente, hoje e sempre!

DEPOIMENTOS E RELATOS DA FAMÍLIA DE LULA ROCHA



Família de Lula Rocha, 2019.

Lula Rocha, uma breve biografia

Isaias Santana da Rocha e família



Lula e seus pais, Isaias Santana da Rocha e Maria da Penha Silva, comemoração de seu aniversário em janeiro de 2016.

Da infância ao início de uma trajetória de luta e militância

Nascido em 1985, recebeu de seus pais, Isaias Santana da Rocha e Maria da Penha Silva, o nome de Luiz Inácio Silva da Rocha, homenagem ao líder popular e sindical que naquele momento trazia esperança para a classe trabalhadora, para os negros e pobres desse país. Nosso ativista, antes mesmo de nascer, já era chamado de Lula.

Com sua família sendo católica, seguiu os preceitos dessa religião e, então, foi batizado, crismado e participou do grupo da Perseverança

e da Pastoral da Juventude. Com a mesma dedicação, iniciou a sua trajetória escolar na Pré-Escola Municipal “Disneylândia”, no Conjunto Santana; cursou o Ensino Fundamental na Escola Estadual Coronel Olímpio Cunha, em Santana; e concluiu o Ensino Médio na Escola Estadual Maria Penedo, o Polivalente de Itacibá.

Onde Lula passava encontrava seu ninho de militância, tornando-se a voz das vítimas do racismo e de todas as formas de preconceito. Sua determinação e sua entrega à militância eram familiares; pois seu pai, sua mãe, suas tias, sua irmã mais velha e seu irmão mais novo sempre foram engajados na luta pelos direitos humanos, contra o racismo, contra a LGBTIfobia, nas lutas sindicais, populares e culturais. Lula foi cercado por uma família de muitas lutas, garra, resistência, dedicação e comprometimento com o outro, com a dor alheia, com as suas próprias dores.

No Polivalente de Itacibá, organizou o grêmio escolar e participou na União Cariaciquense dos Estudantes Secundaristas, a UCES. No CEFET/ES (Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo, atual IFES (Instituto Federal do Espírito Santo), participou do REBELE-SE, movimento de defesa da Escola Técnica durante o governo Fernando Henrique Cardoso (FHC). Ainda na sua adolescência, foi trabalhar como voluntário no Conselho Estadual de Direito Humanos. Mais tarde, ingressou no cursinho Universidade Para Todos, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), prestou vestibular para o curso de Ciências Sociais e foi aprovado; mas optou por ingressar no curso de Direito, na FAESA (Faculdades Integradas Espírito Santenses), onde concluiu seu bacharelado. Nessa época, Lula já militava em várias frentes, como a estudantil e a de direitos humanos, na luta dos negros, dos cursinhos populares para o povo de periferia.

Com essas vivências, Lula Rocha foi pavimentando sua trajetória de luta e militância, adquirindo experiências e cada vez mais

liderança nas organizações das quais participava. Quando assumiu a Secretaria Executiva do Conselho Estadual dos Direitos Humanos do ES, deslanchou sua atuação política e organizativa nas várias frentes de lutas dentro e fora do Estado, como também em âmbito internacional.

Atuação no Espírito Santo

No Movimento Negro, Lula atuou na organização e liderança da juventude negra, fundou e coordenou o Fórum Nacional da Juventude Negra – FEJUNES e criou a Rede Afirmção de Cursinhos Populares para jovens negros e de periferia na região da Grande Vitória. Atuou junto ao movimento de mães e familiares vítimas de violência e desempenhou importante papel tanto na defesa dos familiares de vítimas de violência da greve da Polícia Militar do ES (PM/ES) quanto na coordenação do programa nacional da juventude do governo da ex-presidente Dilma Rousseff, o Juventude Viva. Além disso, foi um dos mentores da Campanha Nacional contra o Extermínio da Juventude Negra.

Até o carnaval Lula conseguiu transformar em espaço de grito contra o racismo; pois, com demais militantes, fundou o bloco Social/Político/Cultural denominado “AFROKIZOMBA”.

Atuou como conselheiro nacional do Movimento Nacional dos Direitos Humanos e participou da articulação e da criação dos conselhos nacional, estaduais e municipais da juventude. Entre tantas ações, participou também da comissão nacional e estadual de enfrentamento e combate à tortura, presidiu o Conselho Deliberativo do Programa de Proteção à Criança e ao Adolescente Ameaçado de Morte no ES, foi coordenador do Centro de Apoio aos Direitos Humanos/ES – entidade vinculada ao Movimento Nacional dos Direitos Humanos – e carregou a Tocha Olímpica quando passou pelo ES, em nome da juventude capixaba.

Em **âmbito** internacional, o militante participou do Encontro Internacional de Jovens Comunistas, na África do Sul, e do Pacto Mundial pelos Direitos Humanos dos Refugiados e Imigrantes, em Marrocos. Lula esteve em diversas conferências latino-americanas e, ainda, na conferência da ONU para Direitos Humanos e na Comissão Americana de Direitos Humanos.

Atualmente acompanhava de perto as lutas e debates nacionais a partir da Coalizão Negra por Direitos, composta por organizações, entidades, grupos e coletivos do movimento negro brasileiro. Ele estava atuando, nos últimos períodos, na coordenação do Círculo Palmarino e da rede de cursinhos AfirmAção. Fazia parte também da Unidade Negra no combate e enfrentamento à pandemia da Covid-19 e participava também da Federação das Associações de Moradores de Cariacica - FAMOC, da Convenção Americana sobre Direitos Humanos - CADH e do Conselho Estadual dos Direitos Humanos. Além dessas frentes de ação, apoiava as diversas lutas pelos direitos humanos, já que ele e seu pai são referências em esfera estadual e nacional.

Na Igreja Católica, participava do grupo de apoiadores à Pastoral Social do Povo de Rua e do Vicariato para a Ação Social Política e Ecumênica da Arquidiocese de Vitória. Lula foi um dos fundadores e coordenava o Fórum Igrejas e Sociedade.

Na política partidária, foi dirigente de três partidos políticos de esquerda no ES (PT, PSOL e PCdoB). Atualmente, estava organizando o PSOL em vários municípios. Mesmo no hospital, coordenou e articulou campanhas eleitorais dos mandatos coletivos, com a eleição de Camila Valadão.

Em Cariacica, seu município, atuou na presidência do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), na FAMOC e abriu várias salas de cursinhos da Rede AfirmAção.

No seu bairro, em Santana, participava da organização de encontros com amigos, das rodas de samba e paneladas, como a famosa panelada Cabeça de Porco, e tinha tempo para a famosa pelada como um bom amante do futebol.

Lula: o jovem festeiro, descontraído e boêmio

Era torcedor do Vasco e gostava de assistir aos jogos em turma. No centro da cidade de Vitória, participava das rodas de samba e da escola de samba Unidos da Piedade, como ritmista. No Forte São João e Romão, desfilava na Escola de Samba Imperatriz do Forte e, em Caratoíra e no Morro do Quadro, participava da bateria da Escola de Samba Chega Mais.

Lula: o bom amigo e familiar

Era um filho e irmão carinhoso, que participava afetivamente dos encontros e comemorações da família, era o primo mais querido de todos os seus “priminhos e priminhas”. Preservava as amizades com seus colegas de infância, organizava atividades festeiras com amigos e amigas de todas as frentes que participava.

Tinha uma afetividade coletiva e individual com cada amigo, amiga, criança, tias, tios e avós, mas também com todos que, em algum momento, cruzaram a vida dele. Era muito querido, amado e respeitado por onde passava.

Lula, o bom conselheiro

Com seu espírito articulador, negociador, porém rebelde e firme em suas lutas, Lula era procurado para dar conselhos e orientações. Transitava com respeito entre os seus opositores e divergentes ideológicos.

Essas poucas palavras não dão conta de expressar a sua grandiosidade, generosidade e o seu comprometimento com a luta por direitos e igualdade para toda humanidade em apenas 36 anos de idade, pois sua vida era muito maior que todos nós pudéssemos dimensionar. Ele era um ser que já estava em uma dimensão além das nossas. Foi cumprir outras frentes de lutas na dimensão divina.

Obrigado, Lula!

Lula Rocha, presente!

Lula Rocha, presente!

Lula Rocha, presente!



Lula com familiares, 2016.



Lula e sua mãe, em “Encontro Igreja e Sociedade em Ação”, 2019.

Dessas origens sou rei, sim senhor⁵



Lula e familiares, 2020.

Nosso Lulinha nasceu e foi criado nas lutas, como o próprio nome denuncia. Os idos de 1985 foi um período fértil à organização

5 Referência ao samba-enredo da Unidos da Piedade, de 1991. Trata-se de um dos nossos sambas preferidos, que marcou momentos em família e traduz muito da nossa luta que se faz com ancestralidade e samba.

popular, às batalhas pela democratização e também à articulação do movimento negro. Vale dizer também que Lula nasceu a poucos dias do Carnaval daquele ano.

Com sangue adubei a terra, com suor irriguei a plantação

Quando ainda estava na barriga da mãe, Maria da Penha, ganhou de seu pai Isaias, o nome de Luiz Inácio, demarcando desde sempre que a luta era o seu lugar. A sanha por não aceitar as injustiças é de berço. Como dizemos, nossos passos vêm de longe! Eles vêm do pisar firme de vó Rita, do pisar claudicante e certo de vô Tião e também do pisar, ora leve, ora duro, de vó Maria, que na verdade era Leocádia.

Nossos mais velhos teimaram deixar o extremo norte do Rio de Janeiro e extremo Sul do Espírito Santo, onde as fronteiras não faziam qualquer sentido, em busca por melhores condições de vida. Em Colatina-ES, encontraram a exploração do trabalho à meia⁶, imposto pela condição de migrantes. A sabedoria na lida com a terra, com os animais de criação e a vida em comunidade, colocou a família como referência de trabalho; contudo, na condição de sem terras e devido ao mal fadado milagre brasileiro, foram empurrados, na década de 1970, para as periferias de Cariacica e para o morro do Romão, em Vitória, onde construíram outras formas de se aquilombar e resistir.

6 Referência ao trabalho como meeiro ou em regime de meia, em que o trabalhador rural trabalha nas terras de um proprietário, na maioria dos casos por meio de um acordo oral e informal, e entrega metade do que produziu a este proprietário como pagamento pelo uso de sua terra. Ver: PINHO, Ricardo. Escravos, quilombolas ou meeiros? Escravidão e cultura política no médio São Francisco. Bahia: EDUNEB, 2018.

Com (luta) lágrimas conquistei a liberdade

Nossa vitória não será por acidente! Assim, lá estava nosso Lulinha, ainda criança, entre atos, missas, noites da Beleza Negra, procissões, ocupações, rodas de samba, congos, mutirões, reuniões e passeatas. Isso tudo contribuiu para lhe formar um olhar que via possibilidades onde a maioria só enxergava muros. Era sempre um sorriso no rosto e um “Bora lá!”. Com aquela habilidade de camisa 10 da seleção, mesmo sendo goleiro – e até podemos dizer que atravessou muita retranca –, fez muitos gols e deu muito passe certo... aquele tipo de meio gol ou “toma que o gol é seu”. Na verdade, era nosso!

Nessa de se jogar na vida e pela vida, foi abrindo cenários, desde o movimento estudantil secundarista, na juventude do Partido dos Trabalhadores - PT, passando pela construção do Fórum de Juventude Negra, pelo Encontro Nacional de Juventude Negra - ENJUNE e Juventude Viva, pela incidência no Movimento de Direitos Humanos e no Movimento Negro e, mais tarde, pela construção da sua candidatura a vereador, que unificou diversos setores da esquerda nas articulações com a ONU e, também, contribuiu para que se tornasse presidente do PSOL em Cariacica. Com toda essa trajetória, continuou o mesmo Lulinha, aquele que animava a pelada com os amigos da rua, os mesmos desde a infância, que rodava os botecos do bairro e fazia questão de dizer que era do ponto final de Santana, em Cariacica.

Sou arte, sou cultura, sou história

[...]

A alma de um povo

Que cultua a memória

[...]

Um cidadão que se orgulha da cor

[...].⁷

7 Trecho do samba-enredo *Dessas Origens Sou Rei, Sim Senhor*, da Escola de Samba Unidos da Piedade, composto em 1991, por Manoel de Souza, Edmilson

Ainda criança, Lula e Rafael, seu primo, o beque central do goleiro, transformavam qualquer balde em tambor, tudo virava batuque e, de repente, a roda estava formada. É em roda que a gente se reconhece. Quantas rodas de café, churrasco ou galinha em família! Conversas e gargalhadas até não poder mais, em que passado, presente e futuro se entrelaçam e nos fazem perceber quem somos e onde queremos e podemos chegar. Uma família negra que se reconhece, se celebra e, principalmente, tem consciência de seu lugar na história.

E por falar em roda, nosso Lulinha trazia todo mundo à baila, ouvia seus tios e tias mais velhas, socorria ou gastava os primos e primas. Reservava tempo e disposição para os mais novos, para um apelido (Cabeça, Presuntin, Tuzeira, Mô suco), uma zoação, uma pelada na rua com as crianças, as quais tratava com tanta igualdade e parceria que a bagunça era certa. Sempre foi de “boto fé”, mesmo com quem já não tinha muito crédito ou estivesse incerto das possibilidades, convencendo-os do que muitas vezes parecia impossível.

E o menino dengoso e sistemático foi crescendo, cada vez mais entendendo a hora de ser firme e a hora de escorregar.

Sou pai, filho e neto de Sambista
Neste palco sou artista
Dessas origens, sou rei sim, senhor!

O samba é mais do que música, é um jeito de viver e, sem dúvida, é um bem que nos une. Para a paixão pelo carnaval nem cabe explicação. Trata-se de algo que nosso pai nos transmitiu e Lula pegou para ele, desenvolvendo a paixão pela Piedade e pelos sambas da vida. Como se não bastasse, dedicou-se à criação do Afrokizomba, primeiro bloco afro do Espírito Santo e que, não por acaso, surgiu no dia do aniversário do nosso Lulinha.

Caroço e Edson Papo Furado. Os próximos trechos citados também pertencem a essa composição.

Meu reino de amor e de beleza
Racismo, maldade e tristeza
Não pode existir

Nosso Lula foi educado por Penha e Isaías na igreja católica e na associação de moradores de Santana. Na comunidade Sagrada Família, recebeu todos os sacramentos, participou do grupo de jovens, aprendeu o valor da vida e da partilha e, principalmente, a ver Cristo em cada pessoa que sofre. Foi na Comunidade Eclesial de Base que ouviu o chamado para colocar a fé e a defesa da vida em prática até a sua partida.

Mandela nas cores da Piedade
Grita contra o Apartheid
Para o mundo inteiro ouvir

Mesmo com pouca idade, Lula despontava como liderança nacional do Movimento Negro, atuando ativamente na luta contra o extermínio da juventude negra. Em sua caminhada, tocou a vida de vários jovens, na defesa de políticas públicas de juventude, denunciando como o racismo opera um verdadeiro *Apartheid* para o nosso povo e, principalmente, alimentando sonhos. Contribuiu para tornar evidente a potência da periferia, por meio de ações como a Rede Afirmação de cursinhos populares, o acampamento da Juventude Negra, o Sarau Palmarino e o Festival Criolando.

Por isso que eu proclamo a realeza
Na certeza do que fiz não foi em vão.
Sou negro por obra da natureza
Perante os Deuses todos nós somos irmãos

Ainda estamos traduzindo a dor da partida do nosso Lulinha. Há muito que se dizer e pensar. O combinado era não morrer. A vida

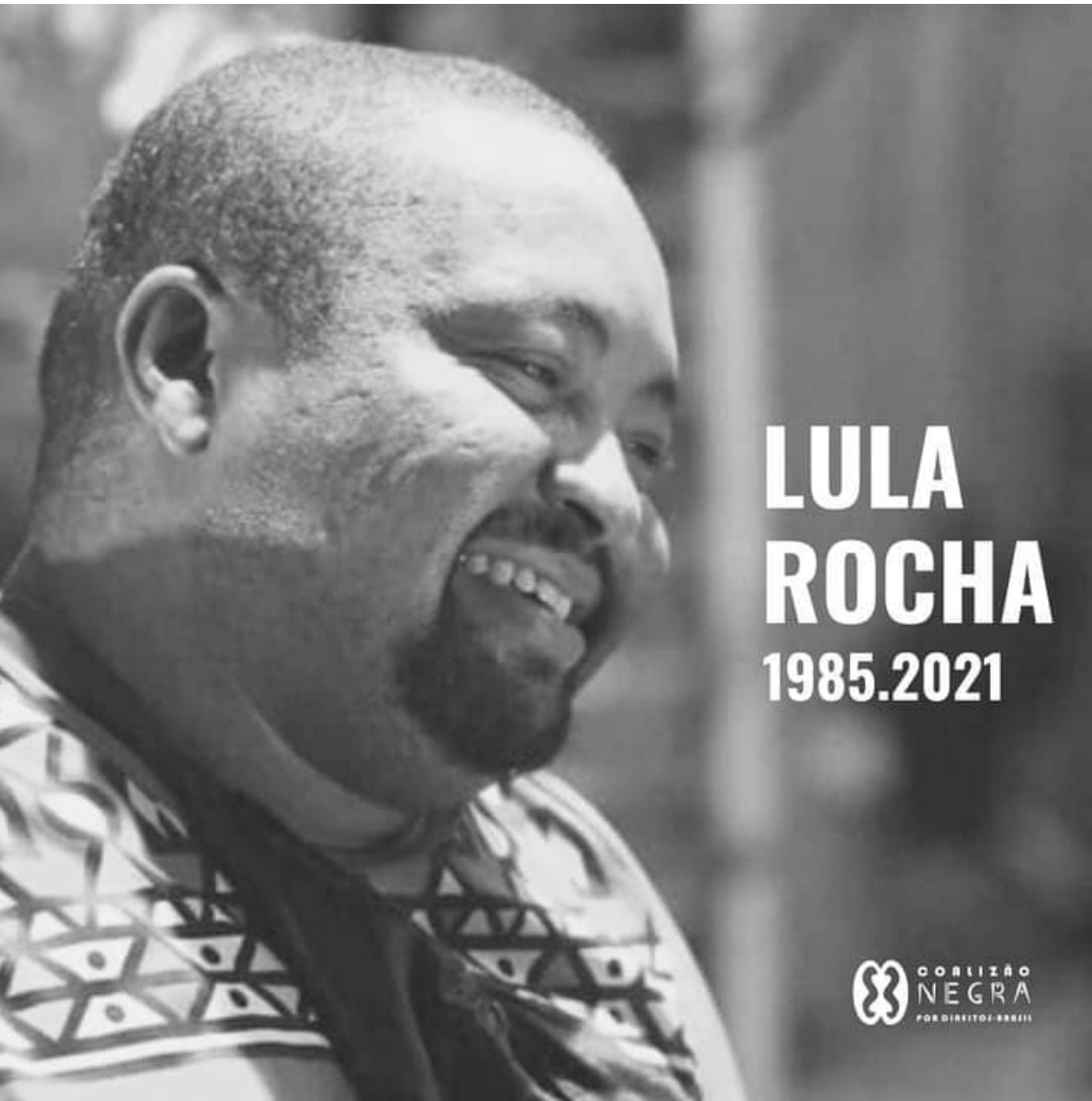
nos pregou uma peça. As ideias ainda estão embaraçadas. Fazem muita falta o irmão, o filho, o amigo e o companheiro... aquela gargalhada, o deboche e aquelas conversas pelas quais tramávamos nossos planos para o mundo. Não temos dúvida de que Lula Rocha foi gigante e seu legado de luta marcou esse chão.

Somos gratos por termos convivido, criado, gerado e parido esse menino que deu luz ao que temos de melhor, que é nos aquilombar e esperar dias melhores para o povo negro, sem perder a dimensão do humano, do que toca cada pessoa e lugar. O nosso Lulinha é fruto de um futuro que foi sonhado e construído pelos nossos pais. Nosso quilombo é potência, um verdadeiro manancial e somos felizes por beber dessas águas.

**Batuca nêgo
Bota a nêga pra sambar
Bate forte no couro
Deixa o pêlo arrupiar.**

SEÇÃO I

**LULA ROCHA E OS MOVIMENTOS
E COLETIVOS DE LUTA ANTIRRACISTAS**



LULA ROCHA 1985.2021



Foto de março de 2019, Cartaz feito pela Coalizão Negra por Direitos em fevereiro de 2021.

Lula Rocha foi para Palmares

Gilbertinho Campos, Coordenação Nacional
do Círculo Palmarino e membro do
Instituto Elimu Professor Cleber Maciel



Lula Rocha, Círculo Palmarino, 2021.



Lula Rocha no Encontro Nacional do Círculo Palmarino - São Paulo -, 2019.

Este texto relata alguns momentos marcantes da militância antirracista que vivi ao lado do companheiro Lula Rocha, no Círculo Palmarino e no Instituto Elimu Professor Cleber Maciel. Neste texto, portanto, não existem referências bibliográficas e sim reminiscências que trago na memória e aqui as revelo, tal qual um Griô, por meio da tradição oral africana. Assistindo à palestra do Lula Rocha, durante o 2º Acampamento de Jovens Negras e Negros, no Sítio Histórico de São Mateus, em janeiro de 2020, vi-o revelar que quando participava do movimento estudantil secundarista de Cariacica pensou em pautar sua militância somente nas bandeiras da Juventude e dos Direitos Humanos. No entanto, logo percebeu que existem outras “juventudes”, com pautas específicas que fazem parte daquela camada da população completamente esquecida pelo Estado brasileiro, que só se faz presente com as operações violentas da polícia nas comunidades negras e

periféricas. Percebeu também que a juventude negra e pobre, além de lutar por direitos sociais, teria também que enfrentar o seu maior inimigo, o racismo, fantasma que o acompanharia por toda sua vida. Por último, percebeu que a juventude negra é a mais vulnerável, a principal vítima da violência e está inserida em um círculo vicioso de pobreza, baixíssima escolaridade e trabalho mal remunerado, enfim, Lula na verdade estava refletindo sobre a sua realidade e sua negritude.

Durante os primeiros anos deste século, houve um período de grande movimentação no ativismo negro no Brasil. Inauguraram-se as primeiras ações governamentais no âmbito da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial - SEPPPIR, com a implementação de um amplo programa de ações afirmativas em prol das populações negras, tendo destaque as iniciativas no campo das políticas públicas voltadas especificamente para a juventude negra periférica. Nesse momento, ocorre uma forte institucionalização do movimento negro brasileiro com deslocamento de quadros e lideranças das organizações tradicionais para postos na Administração Pública, devido ao desenvolvimento de programas de promoção da igualdade racial. Por via de consequência, há uma acomodação das organizações na luta cotidiana do movimento negro e é nesse vácuo que se inicia o processo de construção do Círculo Palmarino, pensado inicialmente por Fabio Nogueira e Gilbertinho Campos, a partir da compreensão de que não basta combater o racismo, pois é imperativo destruir o seu mecanismo de perpetuação – o sistema capitalista –, e, além disso, mobilizar o povo negro para fortalecer a resistência ao neoliberalismo. As articulações se deram nos seguintes estados: no Pará, com Byani Sanches; em São Paulo, com Fabio Nogueira, Joselicio Junior, Professor Toninho e Raquel; no Espírito Santo, com Gilbertinho Campos, Ilma Viana, Vanda Vieira e Lula Rocha; e, na Bahia, com Edson Bonfim e Hamilton de Assis.

Em março de 2006, ocorreu o lançamento oficial do Círculo Palmarino na cidade de Vitória-ES, com a seguinte formulação:

O Círculo Palmarino é um espaço de organização permanente de negros, negras e militantes antirracistas que têm em comum o objetivo de transformação da sociedade, organizando os lutadores e as lutadoras que se opõem à atual ordem, que promove a segregação e o empobrecimento do povo negro, combatendo o racismo e todas as suas manifestações concretas⁸.

A organização da juventude negra, nesse período, foi um dos fatos mais importantes na luta racial. Essa articulação de jovens negros nasce com o objetivo de construir uma articulação nacional marcando, indelévelmente, a história recente do movimento negro brasileiro. Foi também o resultado da ação do movimento negro pensando em alternativas de lutas no combate ao racismo e às desigualdades sociorraciais. O 1º Encontro Nacional da Juventude Negra - ENJUNE, com a participação de mais de 600 jovens negros de todo Brasil, foi realizado na cidade de Lauro de Freitas-BA e, a partir daí, passou a se articular nacionalmente por meio do Fórum Nacional da Juventude Negra - FONAJUNE. Por consequência, é realizado em 29 de setembro de 2007, em Vitória, o 1º Encontro Estadual de Juventude Negra para criação do Fórum Estadual de Juventude Negra - FEJUNES. Nesses dois processos, Lula deixou sua marca e tornou-se uma das maiores referências na luta pela defesa da vida de jovens negros, atuando tanto nas trincheiras dos movimentos sociais quanto nos espaços institucionais, quando da elaboração do Plano Juventude Viva.

Entre os anos de 2012 a 2016, o Círculo Palmarino, no Espírito Santo, enfrentou uma crise interna, redundando em um grande racha,

8 Trecho da Cartilha *O que é o Círculo Palmarino*, de 2007, produção artesanal do Círculo Palmarino.

com significativa perda de militantes, e em uma paralisia completa da organização no estado. Lula se desfilou do PSOL por não acreditar que o partido daria centralidade à luta racial ou acolheria as demandas da população negra. No entanto, o deslocamento político mais importante na trajetória militante do camarada Lula Rocha se deu logo após a campanha eleitoral de 2016, quando foi candidato a vereador no município de Cariacica, pelo Partido Comunista do Brasil - PCdoB. Foi uma campanha voltada para o conhecimento da realidade da vida das pessoas que vivem nos bairros populares e territórios periféricos, na sua absoluta maioria, pessoas negras. O resultado numérico de sua votação se tornou irrelevante diante do fato de ter conhecido de perto o quadro de total exclusão do seu povo. Lula considerava esse cenário impactante, o que exigia dos militantes mais engajados a tarefa de mobilizar o povo negro da periferia, formar quadros e lideranças capazes de organizar principalmente a juventude negra, afastando-a do caminho da criminalidade e construindo consciência política para fortalecer sua cidadania e sua negritude.

Após a "derrota eleitoral", fizemos uma bilateral⁹ para pensar em uma proposta política a partir do conhecimento adquirido durante a campanha eleitoral, visando transformar este acúmulo em ação política concreta, seja no movimento negro ou no partido político. O primeiro ato foi retomar o funcionamento orgânico do Círculo Palmarino, com a proposta de privilegiar sua autoconstrução a partir do envolvimento e vivências nos territórios negros, com ênfase na organização da juventude negra, que passa a ser o foco central de mobilização. Outro eixo pensado foi levar o PSOL para a periferia, ampliando seu raio de atuação para além dos tradicionais *nichos* eleitorais dos partidos de esquerda, localizados nos bairros e categorias de classe média, e,

9 Fazer uma bilateral é um termo muito usado na militância política que significa fazer uma reunião entre líderes/coordenadores de entidades e movimentos sociais.

sobretudo, refletir com o povo preto sobre o voto étnico e a importância estratégica na ocupação de espaços de poder por pessoas negras.

Com o falecimento de Ilma Viana, no carnaval de 2017, Lula assume a coordenação estadual do Círculo Palmarino e inicia, com Gilbertinho Campos, Ana Paula Rocha, Winny Rocha e Moacir Alves Rodrigues (recém egresso do MNU/ES), a execução de um plano de ação baseado em eixos temáticos e políticos, entre os quais a criação do Instituto Elimu-Professor Cleber Maciel para o desenvolvimento de projetos educacionais em prol da população negra. Além de organizar, no Espírito Santo, o Observatório Popular das Políticas sobre Drogas do ponto de vista racial, em parceria com Coletivo de Entidades Negras – CEN, com sede em Salvador-BA, bem como o envolvimento de maneira efetiva com a produção cultural da periferia. Lula também idealizou e criou, junto com outros militantes, uma rede de cursinhos populares. Ele coordenou o Projeto Corpos Negros por Justiça, no Espírito Santo, em parceria com o Instituto Elimu-Professor Cleber Maciel, que consistia em fazer investigação dos crimes cometidos durante a greve da Polícia Militar do Espírito Santo, em fevereiro de 2017, cuja totalidade de **vítimas** correspondia a pessoas negras. Lula conduziu com primazia o processo de reconstrução do Círculo Palmarino, no Espírito Santo, expandiu suas fronteiras, incorporou novos quadros, criou novas metodologias para envolver a juventude negra periférica no debate político. Posicionou o Círculo Palmarino do Espírito Santo como referência nas ações políticas em defesa do povo negro, no debate educacional das relações **étnico**-raciais e na valorização da cultura negra periférica, expressa na realização do Sarau Palmarino, do Bloco Carnavalesco/político/cultural AfroKizomba, na rede Afirmação de Cursinhos Populares, do Acampamento da Juventude Negra - ACAMPANEGRXS, entre tantas outras realizações permanentes que são desenvolvidas pelo Círculo Palmarino do Espírito Santo, dando continuidade ao seu legado.



Posse da Diretoria do Instituto Elimu Prof. Cleber Maciel, Vitória-ES, 2020.

A primeira década dos anos 2000 foi chamada de “a era dos seminários, dos congressos, das conferências e dos grandes debates acerca da elaboração de políticas públicas com recorte de gênero e raça”. Também foi um período de surgimento de um grande número de organizações não governamentais – as ONGs –, que passaram a ocupar um vácuo aberto pelo despreparo do Estado em receber e executar todo conjunto de demandas sociais que surgem a partir da participação efetiva dos movimentos sociais na elaboração de políticas. Nessa direção, foi fundado no Espírito Santo, em 28 de fevereiro de 2004, o Instituto Professor Cleber Maciel, também designado pela sigla Elimu, palavra de origem do tronco linguístico africano *suailis* que significa conhecimento, educação e pedagogia. Conforme preconiza o Estatuto do Instituto Elimu, a entidade propõe-se a prestar serviços de interesse público, prioritariamente, nas áreas de educação, formação e pesquisa, com ênfase na promoção socioeducacional da população negra do Espírito Santo.

Os propósitos do Instituto Elimu coincidem com a inclinação militante do Lula no que diz respeito à ampliação dos espaços educacionais para a população negra capixaba. Sua participação mais efetiva nesse organismo acontece quando da sua incorporação no corpo diretivo da entidade durante a gestão da Presidenta Maria da Penha Gaspar, iniciada em 2015 e concluída em 2019, por Gilbertinho Campos. No ano de 2020, Lula integra a vice-presidência do Elimu, na gestão da Presidenta Ana Lucia Conceição, período de poucas realizações devido ao isolamento social imposto pelas autoridades sanitárias, durante a pandemia da Covid-19, culminando com o adoecimento e morte do Lula, no início de 2021.

No Elimu, Lula formulou e executou o Projeto “Corpos Negros por Memória e Justiça no Espírito Santo”, no ano de 2018, em uma parceria entre o Círculo Palmarino e o Instituto Elimu. O projeto contou com o financiamento da Coordenadoria Ecumênica de Serviços – CESE, tendo como objetivo acompanhar o processo de apuração dos homicídios de jovens negros ocorridos durante a “greve” da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo, em fevereiro de 2017, com vistas a garantir maior transparência na apuração, bem como contribuir para a memória e reparação dos danos causados ao longo daqueles traumáticos dias vividos pela população capixaba.



V Conferência, Mundial de Combate às Desigualdades Econômicas,
Racial e Étnica, Vitória-ES, 2018

Lula foi responsável pelo trabalho de mobilização de ativistas do movimento negro brasileiro para participarem da 5ª Conferência Mundial de Combate às Desigualdades Econômicas, Raciais e Étnicas, ocorrida na cidade de Vitória-ES, no período de 26 a 29 de setembro de 2018, a partir de parcerias firmadas entre organismos nacionais e internacionais, o Instituto Elimu, Núcleo de Estudos Afro Brasileiros da Universidade Federal do Espírito Santo (NEAB), o Instituto Humprey School de Minnessota (EUA) e o International Leadership Institute (Minnessota, EUA). Nessa construção, Lula foi o palestrante da Plenária Preparatória, realizada no Museu Capixaba do Negro – MUCANE, em 23 de junho de 2018, onde foram debatidos os eixos

da Conferência Mundial, como desigualdades na educação, na saúde, ambientais e econômicas. No ano seguinte, 2019, participou da celebração do acordo de mútuo interesse entre o Instituto Elimu e o International Leadership Institute, com sede no Estado de Minnessota, EUA, para promover o intercâmbio em assuntos educacionais, culturais, científicos e tecnológicos em prol da população negra do Estado do Espírito Santo, Brasil e do Estado de Minnessota, EUA.

Lula foi um grande líder negro, pois de maneira silenciosa – mas contundente – foi capaz de construir uma grande obra em tão pouco tempo de vida. Cumpriu com competência e paixão o papel reservado aos militantes revolucionários. Lula foi para o Orun para se juntar aos nossos heróis e às nossas heroínas que dedicaram suas vidas para libertação e emancipação do povo negro no Brasil

Obosifuó, Lula Rocha!

Lula Rocha: parceiro de lutas, hábil articulador e agregador

Lula deixou um legado que nos inspira a seguir em frente,
na busca pela equidade racial.

Wellington Barros, presidente da UNEGRO

A União de Negras e Negros pela Igualdade foi instituída em 14 de julho de 1988, no centenário da abolição em Salvador-BA, com o objetivo de associar o combate ao racismo à luta de classes e à superação do machismo. No Espírito Santo, nossa atuação vem desde de 2004 e, ao longo desse tempo, o saudoso Lula Rocha foi um aliado de primeira hora da UNEGRO.

Em 2008, ousados na teoria e buscando radicalidade na prática, articulamos no estado o Congresso Nacional Negros e Negras - CONNEB, com o objetivo de construir um projeto político para o povo preto. Estabelecemos um diálogo campo/cidade, tivemos vivência nas comunidades quilombolas, levamos esse debate para dentro das comunidades periféricas, como no Bairro Zumbi, em Cachoeiro de Itapemirim, José de Anchieta, na Serra, entre outros. Enfim, buscamos novas estratégias para a superação do racismo no Brasil, para uma possível convivência democrática e fraterna e para a justiça social.

Hoje, revisitando o passado nas reminiscências da memória, somos golpeados pela emoção, pois a nossa ancestralidade em África ensina que “não é necessário esperança para lutar, nem é preciso vencer para perseverar”, o importante é ter consciência da função que a história reservou para aqueles que fazem o processo de luta de libertação de seu povo.

Lula, como secretário executivo do Conselho Estadual de Direitos Humanos - CEDH, foi um grande incentivador para que disputássemos uma cadeira no colegiado em 2011, pois ele considerava importante ter uma entidade do movimento negro no CEDH. Era preciso inserir a agenda da equidade racial no colegiado e a presença de nossa entidade, por dois mandatos, sem dúvida, fez a diferença, mas é imperioso destacar a contribuição do querido Lulinha.

Diante do impasse do governo estadual em regulamentar a Lei nº 7.723/2003¹⁰, que trata da política de igualdade no ES, articulamos, junto com outras lideranças, uma Assembleia Estadual do Movimento Negro, em que cerca de 40 representações de entidades e lideranças de diversos municípios estiveram presentes na Ilha de Santa Maria, em Vitória-ES, em 2012, na sede do Conselho DH. A partir dessa articulação e da pressão política por essa agenda, foi formado um GT junto ao governo estadual e, assim, reunidos com representantes do poder público, construímos o documento que possibilitou a criação do Conselho e da Gerência Estadual de Igualdade Racial.

Estivemos juntos na articulação, no final de 2011, para a efetivação da Lei de Cotas no município de Vitória, e nossa interlocução junto à Câmara Municipal e ao então prefeito João Coser foi fundamental para mais essa conquista para a comunidade negra capixaba. Nas Marchas Contra o Extermínio da Juventude Negra sempre estivemos presentes, dando apoio e valorizando o protagonismo da juventude negra. Se tem uma característica que é preciso destacar do nosso guerreiro que foi pro Orún é a capacidade de construir coletivamente; pois foi assim que, por meio da Convergência Negra, realizamos, em 2020, um debate com candidatos/as ao governo do estado em 2018, um debate específico sobre a questão racial, e marcamos um “gol de

10 Disponível em: <http://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/LO7723.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

placa” naquela noite, no histórico sindicato dos estivadores... Revisitar essas memórias em certo sentido, neste momento tão sombrio que que estamos vivendo na vida política do país, é também buscar inspiração para a luta cotidiana.

Mais recentemente, diante da tragédia anunciada pela pandemia da Covi-19, como os seus efeitos sobre a população capixaba, articulamos a Unidade Negra Capixaba para o enfrentamento a essa situação, denunciámos a seletividade da pandemia para negros e negras, as dificuldades para esse segmento da população de fazer o isolamento social e garantir sua soberania alimentar, pleiteamos junto ao governo do estado e aos executivos municipais políticas públicas específicas. Assim formulamos um conjunto de proposições e buscamos viabilizar junto ao poder público. Além de praticarmos uma solidariedade ativa, campanha de distribuição de cestas de alimentos, kits de higiene/limpeza, entre outras ações, visando mitigar os impactos da referida pandemia.

Lula Rocha foi gigante em vida. Muitas vezes recebemos uma ligação e do outro lado da linha vinha: “Salve, salve camarada, tá acontecendo isso, precisamos nos posicionar, temos que articular nosso povo”. Não se forma um quadro político da estatura do Lula com facilidade, quadros assim são formados nas lutas árduas do dia a dia e com disciplina na formação teórica. Nosso samarada sabia se doar, ser compreensivo com as limitações dos companheiros/as. Para nós, unegrinos e unegrinas que estivemos junto com ele em muitas jornadas, fica o reconhecimento de seu legado político, mas sabemos também que as ideias não morrem, por isso “boto fé” e podemos afirmar que Luiz Inácio da Silva Rocha é inspiração para a juventude no presente e certamente também será no futuro.

Lula Rocha,
presente,
hoje e sempre!

Notas sobre Lula Rocha: afetos, luta e ancestralidade

Luizane Guedes Mateus,
Movimento Negro Unificado - MNU/ES



Lula, em Curso Formação para as relações **étnico-raciais**,
Museu Capixaba do Negro, 2018.

Escrever sobre Lula Rocha provoca os sentidos. Escrever sobre uma das lideranças mais ativas do Movimento Negro do Espírito Santo e que nos deixou, prematuramente, provoca sentidos ainda mais aguçados. Aguçados agora pela possibilidade de invocação da ancestralidade que nos permite partilhar essa escrita com ele. Escrita nossa, pois caminhamos junto com Lula Rocha, mas também dele, que pôde construir e lapidar tantos caminhos para negras e negros em nosso estado, assim como em nosso país.

Invocamos, aqui, a ancestralidade contida na mitologia dos Orixás, para ampliarmos nosso olhar para Lula e seu percurso...

Diziam os mais velhos que Olodumare, o Deus maior, determinou que Obatalá criasse os homens para que eles povoassem o Ayê – o mundo visível. Para criar os homens, Obatalá os moldou a partir de um barro primordial; para isso pediu a autorização de Nanã, a venerável Orixá que tomava conta daquele barro. Os seres humanos, depois de moldados, recebiam o emi – sopro da vida – e vinham para a terra; aqui viviam, amavam, geravam novos homens, cultuavam as divindades.

Aconteceu, porém, que o barro do qual Obatalá moldava os homens foi acabando. Logo não haveria a matéria primordial, e a questão foi levada a Olodumare; este convocou os Orixás para que apresentassem uma alternativa para o caso. Como ninguém pensasse uma solução, Olodumare determinou que se estabelecesse um ciclo. Depois de certo tempo vivendo no Ayê, os homens deveriam ser desfeitos, retornando à matéria original, para que novos homens pudessem, com parte da matéria restituída, ser moldados.

Resolvido o dilema, restava saber de quem seria a função de tirar dos homens o sopro da vida e conduzi-los de volta ao todo primordial – tarefa necessária para que outros homens viessem ao mundo. Vários Orixás argumentaram que seria

extremamente difícil privar os homens da vida. Foi então que Iku, até então calado, ofereceu-se para cumprir o designo do Deus maior. A partir daquele momento tornou-se imprescindível para que se mantivesse o ciclo da criação, mas também ficou conhecido como o Orixá da morte. Desde então vem todos os dias ao Ayê para escolher os homens e mulheres que devem ser reconduzidos ao Orum. Seus corpos devem ser desfeitos e o sopro vital retirado, para que, com aquela matéria, outros homens possam ser feitos – condição imposta para a renovação da existência. Dizem que, ao ver a restituição dos homens ao barro, Nanã chora; suas lágrimas então amolecem a matéria-prima e facilitam a tarefa da moldagem de outros homens. Iku é, desde então, o único Orixá que tem a honra de baixar na cabeça de todas as pessoas que um dia passaram pelo Ayê, pois ele as conduzem a volta ao todo primordial, reafirmando mais que a morte, mas o mistério maior - a possibilidade de outras e outras vidas. Assim diziam os mais velhos, que jamais vestiam luto - a morte é uma passagem de outras e outras vidas [...].¹¹

Iku, o orixá da vida e da morte, reafirma mais que a passagem, mas a grande possibilidade de outras vidas, infinitas vidas. Isso ora parece dor, ora parece alívio, pois nos aponta que o percurso feito não se finda, ele se alimenta em outras possibilidades de existência. É sobre isso que pensamos quando damos vida a esse texto, sobre como Lula Rocha não deixa de existir com a perda da corporeidade, mas como se faz presente, dia após dia, quando vemos novos alunos negros entrando nas universidades, oriundos dos cursinhos populares, que foi uma de suas lutas; quando presenciamos a luta diária de mães e familiares de apenados por dignidade e vida para além dos muros das prisões; quando caminhamos lado a lado com o Círculo Palmarino em atos pelas vidas negras e percebemos que Lula sempre estará ali conosco.

11 Disponível em: <https://www.facebook.com/page.orixas/posts/1488575947953504/>. Acesso em: 20 set. 2021.

Talvez estes escritos sejam sobre como Lula se lançou intensamente para a vida, de forma a garantir, para muitos de nós, a possibilidade de vencer a sina da morte nas periferias, da invisibilidade da vida de jovens negros, da morte mesmo em vida quando somos a base de uma pirâmide de desigualdades ou quando estamos no “topo” de todos os índices de violência – somos negros vivos porque pessoas como Lula Rocha foram negros vivos, militantes.

Esta escrita, ancestralidade para além da morte, é sobre a esperança na possibilidade de outras vidas. Nossos corpos negros não são só nossos, eles habitam outros. Nossos corpos, assim como o corpo-resistência de Lula Rocha, são feitos daqueles que sucumbiram nas lavouras, no período da escravidão, daqueles que se lançaram ao mar por não aceitarem a submissão e a separação de suas famílias em África – nossos corpos são memória maldita¹².

Essa memória maldita, dita vencida, ecoa cada vez que fincamos cruzeiros no começo da manhã, na luta pela vida dos jovens negros, quando gritamos na mídia em alto e bom tom que os corpos que tombam têm raça, classe e gênero bem delineados, quando usamos nossas tecnologias de sobrevivência para enfrentarmos as sinas coladas na nossa pele preta. Ela ecoa quando a luta de Lula se torna a luta de outros, a possibilidade de manter outras tantas vidas vivas!

Subverter a violência contra corpos negros e periféricos é reafirmar a vida de Lula Rocha, vida que, mesmo na morte, vaza. Vida cercada de existência e que, para não ser perdida, registramos aqui e em todos os lugares pelos quais possamos passar e gritar que Lula Rocha vive! Registramos hoje, neste texto, registraremos amanhã. Como diria

12 “As memórias malditas e perigosas dos vencidos – aquelas que não constam nos livros oficiais e que o Estado tenta incessantemente fazer desaparecer – ainda hoje insistem em nossos corpos. São histórias que fazem parte de nossas vidas e que continuam em nós, marcadas a ferro e fogo” (COIMBRA, 2021, p. 27).

a Ialorixá Mãe Stella de Oxóssi, “[...] o que a gente não registra, o vento leva”¹³. É por isso e para isso que escrevemos.

Escrevemos sobre um líder que caminhou com os movimentos, ensinando-nos que resistir é fundamental para existir, não como heróis de um tempo, porque nos negamos a individualizar e escolher representações para nossas histórias, mas como comunidade, uma comunidade¹⁴.

Um líder que, como tantos de nós, sucumbiu ao que colam em nossos corpos, como os ditos “corpos guerreiros que resistem a tudo”. Nossos corpos não suportam tudo, precisamos construir corpos possíveis, corpos que precisam caminhar mais lentamente para sobreviver, viver. Isso também a história de Lula nos ensinou... a linha sempre tênue entre dor e resistência, entre força e cansaço precisa ser respeitada. Que Lula Rocha seja lembrado por nossos mais novos e mais velhos, pois ele agora é ancestral! Lula Rocha, presente!

Referências

COIMBRA, C. M. B. **Fragmentos de Memórias Malditas**: Invenção de Si e de Mundos. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

13 Entrevista concedida por Mãe Stella de Oxóssi, em 23 de outubro de 2014, ao *Portal G1 Bahia*, à repórter Danutta Rodrigues, acerca da Festa Literária Internacional de Cachoeira - Flica, na qual foi a grande homenageada. Trata-se também de um trecho do livro *Meu tempo é agora* (SANTOS, 2020).

14 “É fundamental resistir à representação da história como o trabalho de indivíduos heroicos, de maneira que as pessoas reconheçam hoje sua potencial agência como parte de uma comunidade de luta sempre em expansão” (DAVIS, 2018, p. 19).

DAVIS, A. **A Liberdade é Uma Luta Constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ORIXÁS. **Orixá Iku** é o único que incorpora em todos humanos. A morte sobre o ponto de vista do candomblé. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/page.orixas/posts/1488575947953504/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu tempo é agora**. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2020.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Homenageada da Flica, Mãe Stella afirma**: ‘Se não registra, o vento leva’. [Entrevista cedida a] Danutta Rodrigues. Portal G1 Bahia, Salvador, out. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/flica/2014/noticia/2014/10/homenageada-da-flica-mae-stella-afirma-se-nao-registra-o-vento-leva.html>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Lula Rocha: um sorriso de vida para que vidas sejam vividas

Deise Benedito, fundadora do Geledés¹⁵

Lula foi fruto de um amor entre guerreiros, trazendo uma força ancestral indiscutível, uma força cercada de determinação, energia, direito e justiça.

As marcas dos castigos e injustiças no corpo de seus ancestrais foram ressignificados e a busca incessante por melhorias para a população negra e pobre capixaba foram tatuados na alma de Lula Rocha.

Seu sorriso era uma das mais poderosas armas na guerra contra as violações do direito de existir em plenitude. A vida me presenteou há décadas, ao conhecer em uma atividade do Movimento Nacional de Direitos Humanos, em Brasília, na década de 1990, o seu pai, Izaias Rocha. Um homem negro, sorridente, articulador, incansável contestador das injustiças e da violência contra a população negra e pobre, que traz no corpo a ancestralidade indígena e africana.

Izaias Rocha, um petista deveras vermelho, dos mais extraordinários ativistas que já conheci atuando na defesa e garantia dos direitos humanos. Anos depois, a vida me daria um dos mais magníficos presentes, Lula Rocha. Entre mim e Lula Rocha foi um amor à primeira vista, conheci-o em uma das atividades do Movimento Nacional de Direitos Humanos, bem jovem, mas totalmente já articulado, engajado, junto ao movimento estudantil e à juventude negra.

Os momentos mais extraordinários ocorriam quando tomava o microfone e fazia intervenções incríveis, pois trazia com muita

15 Fundadora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, especialista em Relações Raciais e Segurança Pública e mestre em Direito e Criminologia, pela Universidade de Brasília - UnB.

propriedade e naturalidade a questão dos direitos humanos na sociedade. Seus discursos eram diretos, didáticos, sempre marcados por um sorriso, por pior que fosse o tema. Assim, pelo seu sorriso, convidava todos para o seu discurso, principalmente os jovens. Lula Rocha, com suas palavras, simplicidade e altivez, era único.

Defendia, por meio dos seus próprios princípios, aquilo que acreditava: “serão possíveis outros direitos humanos que não incluam a juventude negra e a necessidade de se combater o genocídio dessa juventude?” Como ninguém Lula Rocha sabia reconhecer as várias fragilidades apresentadas pelo discurso sobre os direitos humanos e a ausência de implementação da garantia dos direitos humanos, que atinge principalmente a população negra e pobre. Lula Rocha trazia uma força ancestral, não apenas para falar, mas para dizer que o racismo provoca a violência estatal contra a juventude negra. Para Lula, era fundamental e importante desenvolver ideias e práticas de resistência.

Lula Rocha como ninguém tinha uma habilidade política única, era diplomático, conciliador e um analista político nato. Nesse sentido, sabia reconhecer as debilidades dos movimentos sociais e reconhecia os principais pontos positivos e negativos, Assim, no que se referia às disputas políticas tinha o respeito das autoridades. Lula Rocha articulava, negociava, conversava e dava muita risada, sempre tinha uma resposta, principalmente quando a questão era construção de alianças.

No sorriso de Lula Rocha havia a reinvenção, a tentativa de a todo tempo reinventar, implantar, garantir, assegurar, fomentar, mobilizar, articular a juventude negra. Sua defesa pela implementação de cotas na universidade bem como no serviço público se transformariam em poderosas ferramentas de emancipação social, em diferentes contextos sociais, principalmente no que se refere à garantia da vida de jovens negros.

Lula Rocha tinha como referencial para sua luta política e social o potencial da liberdade e o direito a ter direitos e, com isso, a sua liderança ganhou contornos indiscutíveis, como: a sua participação nos Fóruns, Seminários, Conferências; a sua participação no Conselho de Direitos Humanos; sua articulação no Encontro Nacional da Juventude Negra. Seu poder articulador e mobilizador para a necessidade de pautar os desafios para combater a violência contra jovens negros e o enfrentamento ao racismo trouxeram a reflexão para várias esferas do Movimento Negro brasileiro e outros movimentos sociais.

Sua participação na organização das marchas em Vitória-ES contra o genocídio da juventude Negra o transformou em um ícone e a principal e indiscutível referência nacional para a juventude negra brasileira. Destacou-se de forma única, adquirindo respeito e confiança e distribuindo sorrisos e solidariedade incomparável, pois amava o que fazia. Vida e luta e luta e vida, assim era o Lula.

A sua inquietação e preocupação com o impacto gerado pelas mortes violentas revelavam seu inconformismo ante a ausência de políticas públicas direcionadas para a inserção de jovens negros na educação e no mercado de trabalho digno, para o fim do encarceramento em massa, para o tratamento digno de jovens no sistema socioeducativo e enfrentamento e combate à tortura. Lula estava sempre preocupado com a preservação da dignidade humana, sua marca registrada.

A defesa pela manutenção dos direitos humano de jovens negros e negras buscava desenvolver uma forma de reflexão política inovadora e, assim, desafiou conceitos tradicionais e convencionais como, por exemplo, dentro da esquerda. Seu poder de mobilização junto aos movimentos sociais buscava sempre chamar a atenção para o problema do racismo e da violência.

Lula Rocha não se intimidava pelas condições adversas que ele enfrentava no ambiente político, junto a parlamentares ou no âmbito governamental. Para ele, o problema do enfrentamento ao racismo e à discriminação deveriam entrar como prioridade na agenda governamental de estado e municípios em todo Brasil.

Lula Rocha transitava como um grande estadista entre os diversos atores políticos e movimentos sociais. Sabia, como ninguém, explorar a abertura de uma fresta na política, sempre com um olhar para a configuração institucional. Principalmente, nos espaços decisórios, buscava influenciar o comportamento, principalmente de quem tem acesso a esses espaços.

Exímio articulador e mobilizador, jogava-se de corpo e alma nas campanhas eleitorais, ajudando companheiros e companheiras, buscando forma de garantir a eleição de negros e negras na Câmara e na Assembleia Legislativa. Lula era Lula na essência política.

Sua capacidade de observar as visões diferentes sobre a causa do problema, principalmente dos altos índices de homicídios e violência contra a juventude negra e, conseqüentemente, as suas soluções, especialmente entre membros do Congresso Nacional, secretarias de governos, bem como no interior da comunidade, dava importância para a resolução dos problemas, o que era sua meta.

Lula Rocha sempre buscava explicar a importância de se transformar a agenda da juventude negra em políticas públicas, em todo Brasil, apesar dos conflitos políticos, que não invalidavam o seu papel por meio de suas propostas.

Nossos encontros em seminários, conferências, congressos e reuniões eram marcados por um longo e afetuoso abraço e um magnífico sorriso. Eu recorria ao Lula quando não conseguia entender alguns movimentos políticos e ele, sempre muito solícito, amigo e companheiro, ouvia-me, orientava-me, esclarecia tudo para mim com afeto e muito carinho.

Eu não recusava os convites feitos pelo meu amigo para participar de atividades junto à Juventude Negra, fosse em qualquer espaço. Para mim, era uma honra dividir com ele uma mesa e aproveitar para aprender ainda mais. Foram momentos inesquecíveis, regados com uma boa cerveja, um bom samba no bar da Zilda e com as novas amizades que fiz, por intermédio de Lula, e que levarei comigo onde estiver.

Agradeço mais uma vez à vida pela oportunidade de ter conhecido uma pessoa extraordinária, como meu amigo Lula, e ter conhecido seus irmãos extraordinários, Ana Paula, Winnie e a sua afetuosa mãe, acolhedora e guerreira.

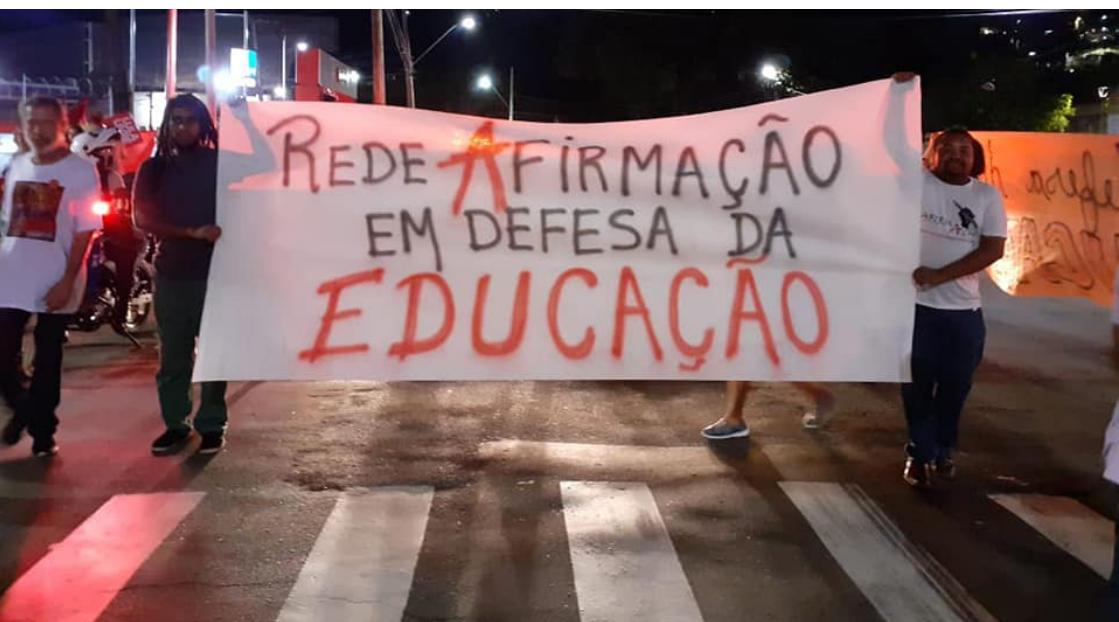
Meu amigo Lula Rocha tem um legado, seu nome e sua história devem ser preservados. Nesse sentido, acredito que deva ser criado o Memorial da Juventude Negra Brasileira, com o nome de Lula Rocha, no Espírito Santo, para que ele continue sendo a fonte de inspiração para esta e outras gerações.

Ele continuará iluminando os meus caminhos e de todo e todas que tiveram a oportunidade magnífica de ter dividido a existência. “Tamu junto, meu amigo! Até depois do fim!

AfirmAção: rede de cursinhos populares



Antônio Barbosa, coordenação geral da
AfirmAção - Rede de Cursinhos Populares



Lula em protesto pela educação, 2019.

Idealizada por Lula Rocha, por mim e outros militantes de movimentos sociais do ES, a *AfirmAção - Rede de Cursinhos Populares* é uma organização que tem como objetivo lutar pela democratização do acesso ao Ensino Superior e contribuir para a preparação de jovens e adultos periféricos e de camadas populares para a realização das provas do ENEM e demais vestibulares.

Nossa inspiração vem da história de luta do movimento negro, de educadores populares e outros setores da sociedade que sempre lutaram pela inclusão da população negra e periférica no ensino superior. Foram muitas as iniciativas, principalmente a partir da década de 1990, voltadas para a luta por democratização do ensino superior e preparação de jovens negros e pobres para os vestibulares. Educação popular e mobilização por ações afirmativas caminhavam juntas.

No período dos governos de Lula e Dilma, de 2003 a 2016, observamos certos avanços na ampliação do acesso ao ensino superior (apesar da expansão ter sido maior no segmento privado), bem como a implementação das **cotas sociais** na UFES, em 2008 (devido às pressões do Movimento Negro Capixaba por cotas raciais), e a implementação das **cotas raciais** em todas as universidades do país, em 2013, instituída pela Lei Federal 12.711/2012¹⁶, resultado da histórica luta do Movimento Negro em âmbito nacional.

Com o golpe institucional aplicado em 2016, as conquistas pontuais nas políticas sociais foram colocadas em xeque. O cenário desde então é de profundo retrocesso. A PEC do “teto dos gastos”, as contrarreformas do Ensino Médio, trabalhista e previdenciária, o desmonte de políticas públicas e os cortes de recursos da educação,

16 BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 10 ago. 2021.

promovidos pelos governos Temer e Bolsonaro, compõem o trágico momento que vivemos no país, nos últimos anos.

É nesse cenário de lutas contra os retrocessos e por garantia de direitos que a pauta pela democratização do ensino superior ganha força novamente e que surgem novas iniciativas de cursos preparatórios populares como a Rede de Cursinhos Populares Afirmação.

A Rede Afirmação começou suas atividades em 2017, com dois núcleos no município de Cariacica (bairros Santana e Rio Marinho), chegando a ter quatro núcleos no município (também em Cariacica-Sede e Nova Rosa da Penha II), e expandindo nos anos seguintes para outros municípios da Grande Vitória: um (1) núcleo em Vitória (Itararé), dois na Serra (Jardim Carapina e Serra-Sede) e um (1) em Vila Velha (bairro Santa Rita). No início de 2020, estava prevista também a criação do núcleo São Pedro, em Vitória; porém, com a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), todas as atividades da Rede Afirmação têm acontecido de forma remota, por meio de plataformas virtuais. Em 2022, as atividades presenciais serão retomadas nos núcleos da Grande Vitória, e há uma perspectiva de expansão para outras regiões do estado, como era a vontade de Lula Rocha.

Lula Rocha era o coração da Rede Afirmação. Com a professora Ana Heckert, idealizou o “**Ocupa Ufes**”, evento que consiste em um grande encontro de estudantes de todos os núcleos da Rede Afirmação na Universidade Federal do Espírito Santo (Campus Goiabeiras), com a realização de diversas atividades, como palestras, debates, exibição de documentários, oficinas, rodas de conversa, entre outras, coordenadas pela professora Ana Heckert e desenvolvidas por estudantes do curso de Psicologia da UFES. Para arrecadar recursos a serem direcionados para o custeio de materiais e ações da rede, Lula organizava uma **noite de caldos** com apresentação de artistas e contava principalmente com a participação de professores

e estudantes da UFES. Lula também era quem fazia a **interlocução com a imprensa**, tornando a Rede AfirmAção a principal referência na mídia quando a pauta era a preparação de estudantes periféricos para o ENEM. Outro aspecto importante da Rede AfirmAção é a **formação de professores/as e coordenadores/as** organizada por Lula e pela coordenação geral e educadores populares. Nos núcleos, além das aulas regulares, as principais ações eram o **intervalo cultural**, que contava com a apresentação de artistas locais e **rodas de conversa** com movimentos sociais, organizações da sociedade civil e ativistas, promovendo debates sobre importantes temáticas sociais.

Nesses tempos de pandemia, Lula articulou a participação da AfirmAção em campanhas de acesso à internet para estudantes e organizou a campanha **Rede AfirmAção Solidária**, uma importante campanha de arrecadação e doação de alimentos, produtos de limpeza e livros didáticos que atendeu a mais de 300 famílias em situação de vulnerabilidade.

Até hoje, mais de 2000 estudantes já passaram pela Rede AfirmAção e muitos conseguiram realizar o sonho de ingressar no Ensino Superior, tanto na UFES, quanto no IFES, e também em faculdades particulares. Alguns retornam para a Rede AfirmAção como professores, coordenadores de núcleo ou palestrantes, contribuindo para a formação de outros jovens.

Assim, nós, professores/as, coordenadores/as, estudantes da Rede AfirmAção, movimentos sociais e entidades parceiras, vamos dando continuidade ao legado de Lula Rocha!

Por democratização do ensino superior!

Por dias melhores para o nosso povo!

Lula Rocha, sempre presente!

Lula Rocha e a escola de samba Unidos da Piedade

Diretoria Executiva da GRES Unidos da Piedade



Lula com seu pai e amigos da GRES Unidos da Piedade, 2018.

Foi pelos anos 2000 que Luiz Inácio da Silva Rocha – Lula, filho e neto de bambas do morro do Romão – iniciou seu envolvimento com a escola de Samba Unidos da Piedade, quando seu pai veio morar no centro de Vitória, por ocasião de separação de sua mãe. Seu pai, Isaias Santana da Rocha, é uma referência para o samba capixaba e, na nossa escola de samba Unidos da Piedade, já foi vice-presidente e hoje é presidente de honra da Velha Guarda; mas também é um cientista político, defensor dos direitos humanos, militante ativo no movimento negro contemporâneo capixaba e ativista da cultura no Espírito Santo. Frequentar os bares e a boemia do centro de Vitória foi e é uma marca

de sua família que, desde que vieram morar no centro, passaram a protagonizar e a participar da cultura do samba, do carnaval e de tantas outras atividades culturais que este território permite vivenciar.

No início da década de 2010, Lula foi se achegando junto aos ritmistas da Unidos da Piedade, uma escola agregadora do samba e disseminadora dessa cultura por toda a ilha. Lula era assíduo e disciplinado junto aos ensaios técnicos e gerais da bateria, quando não podia ir sempre avisa aos mestres. Não perdia nenhuma oportunidade de confraternizar com os amigos ritmistas em paneladas e peladas organizadas pelos integrantes da bateria da escola e suas risadas eram necessárias e inesquecíveis.

Uma das passagens marcantes de Lula nesse período e que deixou todos dos morros e da periferia orgulhosos foi durante a passagem da tocha olímpica por Vitória. Lula carregou-a em nome das organizações de juventude das quais ele participava, mas também em nome de todos os meninos negros dos morros de Vitória e dos ritmistas da Unidos da Piedade. Realizou, assim, um feito que deixou todos com muito orgulho. Vale lembrar que aos 36 anos já era conhecido nacionalmente como representante de movimentos sociais no Espírito Santo e para a Escola de Samba Unidos da Piedade foi um parceiro muito além do segmento de bateria, em que tocava caixa, “pois desde sempre caminhava pela Escola, com toda elegância e prudência, nunca se ouviu algo diferente de elogios, isso desde a velha guarda, baianas, passistas, ritmistas, de todas as diretorias, e também da própria comunidade, no geral”, afirma mestre Tereu.

Podemos afirmar que Lula não caminhava sozinho, pois tinha o dom de fazer amigos por onde passava, seja no meio acadêmico ou no meio do samba. Com sua partida perde a juventude, perdem as lutas e os movimentos sociais, perdemos nós, os amigos e amigas, perdeu nossa bateria um ritmista que amava a nossa escola de samba.

“Aprendemos com ele que não basta ser contra o racismo, temos que ser antirracistas”, afirma o mestre Tião.

Além de ser membro da bateria, vários outros marcos dignificam a passagem do Lula em nossas comunidades, um deles foi quando tentaram minimizar as mortes de Damião e Ruan¹⁷, dois irmãos que foram assassinados a tiros no bairro morro da Piedade, fato que se tornou um marco de resistência para as lutas em defesa dos jovens negros, inocentes e mortos nas periferias.

Outro momento forte da presença do Lula conosco, citado por Rozilene de Sá, hoje secretária da escola de samba e que na ocasião era Conselheira de Segurança da Regional I (região que compõe o centro antigo da capital), foi em 2018, logo após a pressão popular por mais segurança no Morro da Piedade. A administração do município de Vitória queria se desfazer do Telecentro do bairro para receber no local um DPM. Lula estava ali, com outros movimentos, como o Instituto Raízes da Piedade, Movimento de Direitos Humanos e de Juventude, diretores escolares e da escola de samba, além das Associações de Moradores do bairro, ajudando a mobilizar toda a comunidade contra aquela decisão de se fechar um Telecentro, entendendo a deficiência do município em fechar um equipamento essencial, cuja chegada foi uma luta de anos, e compreendendo que essa troca não era a solução mais viável para o problema do bairro. A participação de Lula nessa luta foi essencial para manter um dos poucos equipamentos públicos funcionando nessa localidade. Ainda hoje é nesse Telecentro que muitas atividades das comunidades são realizadas, inclusive as atividades de oficina e ensaios técnicos da bateria da Unidos da Piedade, sempre às terças e quintas-feiras.

Não poderíamos deixar de citar outra luta marcante em nosso meio, protagonizada por Lula, que foi a recepção do movimento de

17 Damião era um dos passistas mais brilhantes de nossa escola de samba.

moradia no antigo e abandonado edifício Santa Cecília, no Parque Moscoso; pois, nos primeiros momentos dessa chegada, foi através dele e do seu pai que chegou até a diretoria da nossa escola de samba o pedido referente ao uso da cozinha da sede para a preparação dos primeiros alimentos para aquelas famílias que estavam em luta por moradia digna. Nesse período, as famílias faziam a comida e usavam os banheiros da nossa sede.

Não foram poucas as construções de Lula junto à nossa escola de samba, para nós ele será sempre lembrado como um jovem que fez a diferença, pois motivava outros jovens a não terem medo, a irem à luta e a lutarem pelo que acreditassem ser o certo. Para toda diretoria da Piedade, o ritmista Lula era uma existência iluminada, assim o atual presidente da Piedade, Valdeir Lopes de Sá, o definiu:

[...] era um ser generoso, astuto e um analista político sem igual, em comum ele acreditava no samba como símbolo de resistência, por isso estava sempre defendendo o pavilhão da Piedade, seja junto nas manifestações, nas audiências Públicas e inúmeras participações que estive conosco, para além do mundo dos sambistas, mas para todas as vertentes sociais.

Vale lembrar que além de integrante da escola de samba, ele foi apoiador de blocos carnavalescos de rua. Foi um dos fundadores do bloco Afro Kizomba, em que caminhou junto ao Mestre Tião e com vários outros que surgiram por aqui, nessa região da Cidade. Podemos assim afirmar que o samba e o carnaval também eram suas paixões. Demonstrava seu amor pela boemia, nos bares da Zilda, do Ney, Choperia das 7, Bar do Galeti, do Paulão, da Bimbo, do Gegê. Ele era uma carinha fácil junto aos outros boêmios do samba e do centro. Após as lutas e manifestações de rua realizadas pelos vários movimentos

dos quais ele participava, sempre vinha comemorar, celebrar nesse bares do centro, pois sabia que era só se chegar, que a turma iria se juntando ao entorno dele e uma roda de samba começaria. No peito, ele carregava a Escola de Samba Unidos da Piedade, mas tinha um carinho especial pela Imperatriz do Forte e pela Chegou o Que Faltava. Para todos os integrantes e apaixonados da Unidos da Piedade ficou a saudade eterna do eterno Lula Rocha.

Lula brilhava com muita intensidade, sempre nos lembrando que é possível e necessário acreditar na humanidade. E ele não fazia isso com palavras. Ele era assim. Era o melhor de nós e representava o que existe de melhor em nós, em nossa sociedade. Ele deixou o ensinamento de que o amor tem cor e um sorriso lindo e que não faz nada por interesse. (Depoimento de padre Kelder sobre Lula Rocha, 2021).

O sorriso negro: a maior forma de resistência

Lízia De Boni Silva, Bloco AfroKizomba



Lula e integrantes do bloco Afro Kizomba, 2020.



Lula entre amigos do AfroKizomba, 2020.

Nos becos da memória da favela tem olhos
d'água cheios de dor
Porque a mãe preta viu no mandela o corpo de
um filho trabalhador
A liberdade é uma luta constante, e se ninguém
soltar de ninguém
A união dessa corrente vai fazer mais forte a
força que o negro tem
(Jean Buquer e Monique Rocha, 2019)¹⁸

18 Composição tema do bloco Afro Kizomba para o ano de 2019. Composta por Jean Burquer, percussionista e compositor capixaba, e Monique Rocha, atriz,

A história da fundação do Bloco Afro Kizomba se entrelaça, em teoria e prática, com a vida de Lula Rocha. Uma história em prol do combate ao racismo e da denúncia do genocídio do povo negro, processo envolto a uma sistêmica exclusão econômica e social de povos que tiveram seus ancestrais sequestrados de África e, por essas terras, foram escravizados. Trata-se de um grito pela vida, liberdade e felicidade dos negros e negras desse país.

Em meados de 2017, entre sambas de roda e reuniões com a militância do movimento negro capixaba, pensou-se em fundar um bloco afro como uma possibilidade de expressão e resistência pela vida do povo negro no Estado do Espírito Santo.

Lula Rocha, durante sua trajetória, serviu como ponte entre diversos atores sociais do movimento negro capixaba e instituições civis para que esse projeto se materializasse. A partir de encontros no Museu Capixaba do Negro – MUCANE, surgiu o primeiro bloco negro do Estado do Espírito Santo, composto por militantes e artistas negros/as de diversas áreas.

A ideia era colocar a luta do povo negro, através de expressões artísticas, no centro dos movimentos de reconfiguração dos carnavais de blocos de rua. Para o Bloco Afro Kizomba, carnaval é um instrumento de resistência. A música negra integra simultaneamente pontos de convergência de dores, lamentos, guerras, vitórias e muitas alegrias.

É com referências nas palavras, na vontade e capacidade de Lula Rocha em unir pessoas de diversos setores da sociedade que surge o Bloco Afro Kizomba, sob a compreensão de que o Sorriso Negro é uma expressão de resistência pela vida.

Lula Rocha foi o grande articulador desse movimento, presente desde a concepção do projeto e articulação entre os movimentos negros

compositora e cantora capixaba, respectivamente. Musicistas que integraram a direção musical do bloco Afro Kizomba entre os anos de 2018-2020.

presentes no território capixaba e as comunidades, escolas de samba e aparato público, até o carregar dos primeiros instrumentos nas costas e a organização de eventos pra angariarmos fundos para colocar nosso bloco na avenida. O morro desceu o asfalto e era carnaval, mas não só.

Desse modo, o Bloco Afro Kizomba surgiu no carnaval de 2018 e tornou-se uma referência ao pautar a temática étnico-racial, abordando os 130 anos da falsa “abolição”. Valeu, Zumbi! Sob o comando de Mestre Tião, viga-mestre de bateria da Unidos da Piedade, escola de samba em que Lula Rocha integrava a bateria, nossos corpos negros ecoaram pelas ruas de Vitória, a favor da vida e da existência do povo negro.

Para Lula, que conviveu com grandes entraves do aparelho estatal para que o Bloco Afro Kizomba entrasse no circuito do carnaval do centro histórico de Vitória, o desfile de 2018 foi ponto impactante, pelo qual reafirmamos nossa negra existência e mostramos que nosso bloco veio para ficar.

Seu sorriso era o reflexo observado nos nossos mais velhos, que emanaram emoções, potência e alegrias, no decorrer do desfile pelas ruas, e tornou-se a marca registrada em nossos corações.

A musicalidade afrocentrada que passeia do congo até o maracatu, do samba ao afoxé, dá o tom do bloco Afro KIZOMBA, que desfila no centro de Vitória há três carnavais consecutivos, com a pluralidade da música, dança, bateria, pernas de pau, tudo isso desenhado por mãos pretas. Todas essas ações foram embasadas no papel do papel do movimento negro na construção de consciências negras e correspondem a um chamado para a luta coletiva, integrada ao projeto inicialmente idealizado por Lula.

No ano de 2019, voltamos à avenida com o tema “Lutemos pelos nossos”, denunciando a violência sofrida pelo povo negro que, impulsionada pela Greve da Polícia Militar, fez despontar os altos

índices de homicídio do nosso povo. Um momento potencializado pela presença de Lula Rocha como militante atuante, sempre nos atentando para a necessidade de lutarmos pelas nossas vidas.

Em 2020, “nós combinamos de não morrer»¹⁹ e reverenciamos a luta das mulheres negras. Iríamos viver para lutar eternamente, já que, como expressa o verso de Jean Burquer, “eles combinaram de matar a gente”.

Diante desse chamado, atuamos com projetos de formação em oficinas teóricas sobre as relações étnico-raciais e com oficinas de percussão para a comunidade. Atuamos também nas articulações de movimentos culturais, em manifestações junto aos movimentos sociais na luta contra o neofascismo racista e machista que paira hoje sobre nós e desgoverna o nosso país.

Com o advento da pandemia, dias após o desfile de carnaval, saímos das ruas, mas não paramos de lutar pelo nosso povo. Combinamos de não morrer nem de bala, nem de Covid-19, nem de fome. A passagem de Lula Rocha ao encontro de nossos ancestrais, remete-nos às dores e lamentos em formas de um cântico negro. Lula é grande referência para nós, para nossas crianças e também para nossos mais velhos.

Nós, do bloco Afro Kizomba, resistiremos aos desmandos do neofascismo. Pautaremos o antirracismo junto ao aparato público nas ruas, em movimentos de resistência contra o desmonte da democracia, por pão e vida digna para povo negro. Para nós, o sorriso negro, alegre, espontâneo e aberto está eternizado na figura de Lula Rocha, potente resistência a todas as formas de opressão.

A última música que ecoamos juntos, ao encerramos o carnaval de 2020, em frente ao nosso quilombo Bar da Zilda, será eternizada

19 Frase referenciada na obra **Olhos d'Água**, da grande escritora e *griot* da literatura negra no Brasil, Conceição Evaristo. EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. In: **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

em nossas mentes e corações. É um chamado que será eternizado em referência a Lula Rocha! Enquanto o nosso surdão bater na pele, iremos saudar o cântico negro: “Eu nunca vou, eu nunca vou morrer. Reis, Rainhas, pretos no poder! Eu digo Afro, Afro Kizomba sou!” (NASCIMENTO, 2020)²⁰.

Estaremos no carnaval e todos os dias, com o sorriso aberto, com a força, a leveza e o legado de Lula Rocha.

Lula Rocha, presente!

20 Composição de Tércio Ferreira do nascimento, percussionista e compositor capixaba, integra a direção musical do bloco Afro Kizomba.

Sobre Lulinha

Débora Maria da Silva,
coordenadora do Movimento Independente Mães de Maio



Lançamento da Ouvidoria Popular de Segurança - Adufes, 2019

Lula e companheiras de militância, em lançamento da
Ouvidoria Popular de Segurança – Adufes, 2019.



Lula e Débora Maria da Silva, 2015.

Meu nome é Débora Maria da Silva, sou fundadora e coordenadora do Movimento Independente Mães de Maio, que vem nos últimos 15 anos lutando por justiça pela morte de nossos filhos.

Foi com grande pesar que recebemos a notícia sobre o falecimento precoce de Lulinha, em fevereiro deste ano. Nós, mães, conhecemos Lulinha em uma Conferência sobre Direitos Humanos, através da sua atuação na Associação de Mães e Familiares de Presos do Espírito Santo. Após esse primeiro contato, passamos a admirar sua atuação na luta contra o genocídio da juventude preta no Espírito Santo e, em muitas ocasiões, pudemos trocar informações sobre as inúmeras violações que a juventude vivenciava na região de Cariacica. Nas várias vezes que estivemos na região, fomos prontamente recebidas por Lulinha, que se prontificava em nos acolher, buscando-nos no aeroporto e levando-nos para o local onde nos hospedávamos.

Tivemos um período de forte amizade e grandes trocas, porque ele tinha um respeito muito grande pelo enfrentamento que fazíamos em nossa luta. Ele sabia que no Espírito Santo havia muitas mortes com pouco enfrentamento e tinha ciência de que precisávamos de

reforços, de modo que foi gratificante essa parceria. Entre as tantas atividades das quais participamos juntos, uma que ficou marcada em minha memória foi o lançamento do material em livro sobre o outro lado “da cara do Espírito Santo”. O maior desejo de Lulinha era dar um suporte para as mães de vítimas do estado, mas se sentia impotente ao ver tantas mães sem saber o que fazer por elas e nesse ponto nossas trocas foi muito importante.

Uma das ações que o Lulinha organizava e achávamos fantástica, e me emocionava muito, era a Marcha contra o Extermínio da Juventude, porque tinha a interação da população. Quando ele foi para o Conselho Estadual de Direitos Humanos, eu senti muito orgulho do caminho que ele estava seguindo, principalmente por ver o respeito que as instituições passaram a ter pelo seu trabalho sério.

Enfim, falar do Lulinha é um preço muito alto porque custamos a acreditar que o perdemos. De qualquer modo, quero dizer ao Isaías que tanto nos acolheu que o Lulinha também nos amparou e é muito gratificante a amizade que tivemos.

Além disso, quero dizer também para a D. Maria da Penha, sua mãe, que o caráter do filho dela foi o maior bem que o Lulinha teve e ele estará sempre em nossos corações. Por isso, ele jamais morrerá, porque nós faremos com que ele permaneça vivo. Aqueles que amamos nunca morrem, permanecem vivos em nossos corações para continuar a caminhada.

A luta dele deve continuar! Esse encontro estadual que estava sendo organizado por nós e a Rede Nacional aconteceria no Espírito Santo e ele precisa acontecer, em nome do Lulinha, em nome da luta das mães que, mesmo no anonimato, lutam contra o genocídio da juventude e, conseqüentemente, lutam com o legado do Lulinha.

O Lulinha estava lutando para que entrasse em vigor, no Estado do Espírito Santo, a Lei Mães de Maio. Vinha almejando também a

semana estadual e a semana municipal das pessoas vítimas de violência do estado, para que todo mundo lembrasse que existiu essa violência, porque “o brasileiro tem a memória curta”.

Tem que haver uma referência à luta que Lulinha vinha travando e também para lembrar a pessoa digna e de honra que ele era. A maior honraria que ele poderia receber, para além da comanda, seria erguer um busto da imagem dele em Cariacica, porque em todos os lugares que ele passava falava da região onde ele fazia esse enfrentamento.

Ele falava para nós sobre a violência praticada pelo Estado e ele sabia que a luta era o caminho para vencer, ele acreditava nisso. Nos debates e nas trocas, ele sabia que o caminho era a transformação pela educação.

A nossa juventude é a nossa esperança de vida e é através da educação de qualidade, não de uma educação militarizada, pois a arma para nossos jovens é o livro. Era nisso que ele acreditava e nós acreditamos também. Ele tinha essa visão de que um país melhor só será possível com educação, que tenha uma formação do sujeito, porque o sujeito tem que ser formado não para dizer “sim senhor”, mas para um fazer crítico, porque onde está a crítica está a transformação.

A passagem do Lulinha aqui nessa terra foi breve, ele partiu prematuro e nós ficamos em choque. Talvez eu tenha sido a última pessoa que conversou com o Lulinha por mensagem e isso me deixou muito chocada, então por isso que esse depoimento para falar do Lulinha me custa caro. É uma demanda muito forte para mim, porque tenho muito para falar sobre a luta dele, nesse momento que estamos vivendo, um cenário político fascista, um momento de negação de direitos, de negação da vida e de não reconhecimento da luta dos negros.

Então é esse o legado que Lulinha deixa para todos nós. Que fique de exemplo, porque o caráter, a humildade e o desejo de ver a juventude viva é o que nos move, como era o desejo e o sonho de Lula. E nós temos que continuar. É um dever de todos nós.

Lula Rocha, a Piedade e o Raízes da Piedade

Jocelino Júnior, Instituto Raízes²¹

O envolvimento de Lula, com o território da Piedade supera a defesa da dignidade da vida humana e o enfrentamento às desigualdades e vulnerabilidades sociais que demarcam o cotidiano das pessoas. Lula foi além, foi ritmista da bateria da Escola de Samba Unidos da Piedade, chamada de Bateria “*Ritmo Forte*”, por vários anos, desfilando na escola e contribuindo para uma discussão mais coletiva da ação da agremiação como entidade poderosa de transformação social. Aglomerou, como sempre, fez muitas amizades e despertou muita admiração, pois era reconhecido como o cara “dos direitos humanos que sempre está na TV”. Lula, mais uma vez, tornou-se referência para essa comunidade. Tornou-se um grande aliado das ações que o Instituto Raízes se propôs a fazer, inclusive do jogo de futebol em um domingo de sol, no alto do morro.

21 Membro do Instituto Raízes, filho dos morros da Piedade e Fonte Grande, professor e pedagogo da rede municipal de Vitória, pesquisador do NEAB/UFES e mestrando em Educação - PPGMPE/UFES.



Lula em ensaio da GRES Unidos da Piedade, 2017.

O Instituto Raízes é uma organização sociocultural, sem fins lucrativos, criada em 2008 por jovens e moradores das comunidades Piedade e Fonte Grande. Desde então, possui um trabalho dedicado a preservar as memórias e histórias do território e dos moradores das comunidades. A partir desse trabalho, mantém uma Casa de Memória no Morro da Piedade, que é Ponto de Memória reconhecido pela Secretaria de Cultura do ES, em 2015. Com isso, realiza um trabalho a partir da memória social local, com a valorização dos saberes e práticas dos atores da comunidade, como também a prática de oficinas sociais e culturais e eventos voltados para todos os gêneros e faixas etárias, promovendo a integração familiar e social, refletindo sobre o contexto socioeconômico do território. O companheiro Lula Rocha acompanhou a criação e o surgimento do Raízes desde as suas primeiras atividades. Um momento de alegria que esteve junto foi no lançamento

do CD Memória II – *Onde Mora o Samba* (2012), que reuniu em um CD diversas composições dos artistas locais das comunidades, uma produção inédita de valorização dos nossos griôs²² do samba.

Não é possível deixar de relatar as tensões vividas no território, em 2018. O Morro da Piedade e adjacências sofreram com a violência urbana, com o registro de vários episódios de tiroteios, invasões de gangues rivais disputando o controle do tráfico de drogas, a inércia do poder público e das políticas sociais, resultando nesse processo 11 assassinatos de jovens em oito meses, além da evasão de 46% da população local (o que representa 43 famílias e 212 pessoas). É durante esse processo que tivemos uma atuação muito parceira com o companheiro Lula. A lembrança de uma intervenção conjunta merece ser relembrada:

No dia 18/06/2018, uma segunda-feira chuvosa, por volta das 10h40, o então Secretário Estadual de Segurança Pública do Espírito Santo, anunciava na quadra de esportes e no Centro de Vivência da comunidade que a Base da Polícia Militar seria construída naquele local, ou seja, perderia a sua essência inicial de práticas de esporte e lazer, além de entretenimento da comunidade, para receber a estrutura da base. A reunião organizada sem envolvimento da comunidade, mas com muita mobilização do governo para a presença da imprensa e de autoridades, foi interrompida por nós e Lula juntos, contrariando a ideia do secretário de que

22 Segundo o historiador africano Hampaté Bâ, há várias categorias de griots (palavra francesa, para aqueles chamados de dieli, em bambara, língua da África Ocidental): narradores orais, músicos e/ou cantores. Os griots não são os únicos tradicionalistas, mas podem tornar-se, se for a sua vocação: “É fácil ver como os griots genealogistas, especializados em histórias de famílias, geralmente dotados de memória prodigiosa, tornaram-se naturalmente, por assim dizer, os arquivistas da sociedade africana e, ocasionalmente, grandes historiadores, mas é importante lembrarmos que eles não são os únicos a possuir tal conhecimento. Os griots historiadores, a rigor, podem ser chamados de “tradicionalistas”, mas com a ressalva de que se trata de um ramo puramente histórico da tradição a qual possui muitos outros ramos” (HAMPÂ-TÉ BA, 1980 apud BRASIL, 2006, p. 219).

a Base não seria ali. O movimento de intervenção foi estratégico, forte e corajoso, pois todos os canais de imprensa acompanhavam naquele momento as falas das autoridades, e nós sem o devido convite nos envolvemos.

Esse relato, sempre que lembrado, traz à memória o quão importante foi aquela bravura de intervenção, pois a decisão do governo, sem diálogo, sem escuta à comunidade, ocorreu dois dias depois de uma reunião da comunidade com a prefeitura da cidade, que afirmava que nenhum espaço público de utilização comunitária seria cedido para a polícia, mas não foi isso que aconteceu na prática. O desrespeito dos agentes governantes foi enorme, pois também dias antes a comunidade realizou uma assembleia com mais de 100 moradores e a decisão coletiva foi de que se a Base fosse construída deveria ser no alto do morro. Outro encaminhamento foi a necessidade de maiores ações sociais e políticas públicas no território como, por exemplo, a disponibilização de agentes de saúde, o que não aconteceu até os dias atuais. Mas sim, a cronificação do esvaziamento das escolas públicas locais, a não mobilização social da comunidade em busca de direitos sociais, desenvolvimento de depressão e outras doenças.

Devido à sua atuação junto às comunidades, o Instituto Raízes recebeu, no ano de 2018, o Prêmio Estadual de Direitos Humanos, que honrosamente foi entregue por Lula. Vale destacar que uma nova ação acertada foi a articulação com a Defensoria Pública para acionar o poder judiciário, a fim de que fosse viabilizado às famílias da região o aluguel social provisório, beneficiando 203 pessoas de 40 famílias que foram expulsas de suas casas.

A última ação que pensamos e atuamos de certa maneira coletiva, com o apoio da inteligência do companheiro Lula, foi a criação, em 2020, da Central de Doações de Alimentos do Centro de Vitória, com mais de 1000 famílias cadastradas, totalizando mais de

4000 mil pessoas e entregando cerca de 3,8 mil cestas de alimentos, kit de higiene, cestas digitais e cesta com verduras.

A ação de defesa dos direitos humanos, da vida, do direito à alimentação e o enfrentamento ao racismo e às violências que atingem a população negra e seus territórios sempre foram a luta e a bandeira de LULA ROCHA, que nos ensinou e nos encorajou a permanecer nessas mesmas defesas e assim seguimos, com a saudade, mas com seus ensinamentos.

Obrigado, Lula Rocha!

Referências

BRASIL. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

HAMPÂTÉ BA, Amadou. **Amkoullel: o menino fula**. São Paulo: Palas Athena/ Casa das Áfricas, 2003.

SILVA JÚNIOR, J. C. **A atuação do Grupo Raízes da Piedade no território do samba capixaba: os morros da Piedade e Fonte Grande/Vitória, ES**. Vitória: UFES; Centro de Educação, 2015.

SEÇÃO II

LULA ROCHA, OS MOVIMENTOS

DE JUVENTUDE E DE DIREITOS HUMANOS



Homenagem de Suellen Silva Cruz a Lula Rocha, 2021.

O Fejunes, o Kisile e meu irmão-divindade, Lula Rocha

Rafael Miranda (Feijão),
fundador do Fejunes e membro do Kisile



Lula e colegas em Plenária Estadual do Fejunes, 2014.

Era uma tarde do dia 26 de julho de 2007 e uma delegação de jovens saía em um micro-ônibus apertado para Lauro de Freitas, na Bahia. Demoramos 24 horas para chegar até nosso destino tão desejado, o I Encontro Nacional de Juventude Negra -Enjunes. A ansiedade, vontade, alegria e motivação de estarmos indo para esse evento fizeram com que a gente não se importasse nem um pouco com a lata velha que estávamos indo, com as paradas de hora em hora que precisávamos fazer para esticar as pernas, com as paradas que o ônibus precisava fazer para ser consertado, nem com a falta de ar condicionado e muito menos com os peidos no coletivo. Nada era motivo para estragar tanto êxtase dessa galera, aliás estávamos indo para a Bahia, pertinho de Salvador, viagem inédita e sagrada para muitos de nós.

Lula Rocha não estava conosco dentro do ônibus, nos encontraria em Lauro de Freitas, pois ainda com seus 22 anos já se responsabilizava com as questões burocráticas de nossa viagem. Alguns ali ainda não o conheciam, eu e meu irmão, que também estava na viagem, fomos criados junto com ele e seus irmãos. Desde criança estava conosco,

ajudando a aprontar com o seu pai Isaias, de quem puxou, junto com sua mãe Penha, aquele sorriso no rosto que cativava e unia todos que estavam ao seu redor. Sua liderança sempre foi natural e também um dom divino e até hoje ainda não caiu a ficha de sua partida. Mas bora voltar ao Enjunes?

Depois de uma viagem cheia de aventuras e tendo como nossos responsáveis Izomar e Zumba, os dois integrantes mais velhos e de grande importância para nossa formação negra – e, ao mesmo tempo, tão doidos quanto a gente, pois havia momentos em que éramos nós que estávamos cuidando deles –, ao chegarmos em Lauro de Freitas nos juntamos aos jovens de todo o país para elaborar um projeto de vida para nós, jovens pretos. Era algo inédito que estava acontecendo naquele espaço e posso dizer que era um marco que mudou todo o mundo político de gerações posteriores. Precisávamos de minimamente duas semanas para discutir assuntos que foram há séculos negligenciados, mas tínhamos que resumir tudo isso em três dias, do dia 27 a 29 de julho de 2007, tarefa impossível. Realmente não havia como, era muita potência, emoção e assuntos a serem tratados em um espaço só, porém ali nascia uma chama que incendiou o país mais tarde.

A conexão com jovens pretos de todo o país e que viviam nos bairros mais violentos de diferentes cidades era motivo de festa e reflexão. A gente, com os tambores e a casaca, nos destacávamos por onde passávamos, pois em qualquer intervalo Lula estava lá com a gente puxando um congo ou um samba. À noite, éramos nós os responsáveis por puxar a vaquinha e fazer o momento cultural acontecer. Eram noites lindas de encontros incríveis e realidades diferentes, mas todas com o mesmo olhar negro de noites pretas feitas para jovens pretos. As discussões eram quentes, emocionadas e, como na maioria dos encontros políticos, o pau comia solto.

Nossa delegação saiu de Lauro de Freitas e o encontro continuou com aqueles que podiam ficar além do prazo estabelecido pela organização. Como disse antes, era impossível séculos de silêncio serem resumidos em três dias, mas o fato de jovens pretos organizarem jovens pretos para um primeiro encontro na raça, sem estrutura financeira, mas com muita vontade, com certeza foi um dos mais marcantes encontros que já vivenciei.

Nossa delegação foi questionada sobre o fato de aqueles jovens serem os representantes ideais para estarem ali, simplesmente por não brigarmos nas plenárias e por não nos aliarmos a partidos políticos; mas foi na volta, dentro da nossa lata velha, que nasceu a ideia de nos reunirmos dentro de casa e construirmos o primeiro Fórum de Juventude Negra do Brasil: o Fejunes. Nunca me esqueço de um momento em que estava extasiado com nosso grupo e em uma conversa com Lula e Eduardo falávamos que, ao chegarmos em casa, não poderíamos deixar tudo aquilo que estávamos vivendo ser em vão.

O Fejunes, que ainda nem tinha esse nome, era apenas um grupo, uma forma de nos mantermos conectados e de coletivamente trabalharmos uma nova “ala” do Movimento Negro que pautasse nossas questões. Lula, com aquele jeito empolgador e mágico de ser, tratou de já marcar uma data para nos reunirmos e colocarmos a ideia em prática e assim fizemos. Encontramo-nos, no Odomode, uma semana depois, para organizarmos as ideias, que mais tarde resultariam no primeiro Encontro Estadual de Jovens Negros em Colatina, surgindo dali o Fejunes. Lula trazia para o grupo uma demanda que se tornou lema de luta do Fejunes e, mais tarde, se tornou a maior urgência da Conferência Nacional de Juventude, que é o Extermínio da Juventude Negra. Jovens negros de todo país se juntaram na conferência para defender uma pauta que até hoje é a maior ferida do Estado brasileiro e pouco ainda se faz para cicatrizá-la.

O Fejunes discute e inicia no mês de novembro a Marcha Contra o Extermínio da Juventude Negra, marcha que passou a servir de exemplo para vários outros estados do Brasil, denunciando o que os dados do mapa da violência, realizado pelo próprio governo federal, relatava: o racismo estrutural brasileiro tinha como principal alvo o jovem preto.

O Fejunes começou a se firmar no estado e servir de exemplo para outros estados da federação e Lula acabou se tornando, com seu jeitinho cativador, uma das maiores referências, não só de juventude negra, mas de todas as áreas dos movimentos sociais, sem nenhuma dúvida, e com algumas críticas que tinha dele, eu vi nascer uma das maiores lideranças do país. Em 2010, eu e um pequeno grupo resolvemos nos afastar do Fejunes, por não concordarmos com a ideia de o fórum apoiar abertamente um único partido. Nós éramos os apaziguadores entre a galera do PT e a galera do PSOL. Éramos a favor de um grupo apartidário, que conseguisse desvincular nossa imagem de qualquer partido que fosse. Queríamos que nossos companheiros que tinham partido não fizessem daquele fórum um espaço para discussões que não fossem nossa pauta. Eu dei um pulo da cadeira quando, em uma propaganda eleitoral daquele ano, vi Lula falando em nome do Fejunes e apoiando o PSOL. Possivelmente, isso pode ter sido decidido em alguma reunião em que eu não fui de dar esse apoio, mas naquele momento meu encanto pelo Fejunes havia acabado. Sem criar maiores discussões, resolvi me afastar e voltar-me mais intensamente para o grupo de cultura afro Kisile.

O Kisile e o Lula



Lula entre amigos e membros do Kisile, novembro de 2018.

O Kisile é um grupo que criamos em 1996, em Jacaraípe, Serra-ES, depois da igreja local tentar barrar o teatro criado por minha mãe, Rosa Maria, que seria apresentado dentro dela. Por sorte, o Frei Davi, que iria celebrar a missa, era visitante e uma das lideranças negras que muito fez e faz pela educação do povo negro. Frei Davi peitou o povo da igreja e colocou o teatro para acontecer. Após a missa, ele questionou minha mãe dizendo que estava na hora de ser criado naquele local um grupo que trabalhasse as questões do povo negro. Nunca nos registramos, nunca concorremos a edital, nunca tivemos uma sede,

mas sempre estivemos ali na base, com os pequenos, provocando o sistema de acordo com as pernas que temos. Lula sempre esteve conectado com o Kisile, sempre esteve conosco, sempre que podia e precisávamos, assim como, mesmo depois de me afastar do Fejunes, ajudávamos sempre que podíamos ou éramos chamados. A relação entre Fejunes e Kisile é muito parecida com a minha e de Lula, ou seja, era da mais pura irmandade. As duas organizações eram realmente nossas mães, nossos irmãos e nossos pais.

Com o passar dos anos e amadurecimento, entendíamos nossa importância dentro dos caminhos que estávamos traçando na vida. Lula caminhando com o Fejunes e eu, com o Kisile. Ele era mais mediador e eu queria botar fogo em tudo; Lula era mais político e eu, mais base; ele cursou Direito e eu, Ciências Sociais; Lula era mais Luther King e eu era mais Malcom X. Éramos opostos, completamente diferentes um do outro, mas sabíamos que nossas diferenças completavam nossos objetivos de luta. Em 2014, voltamos a trabalhar juntos em uma das maiores conquistas que a juventude negra havia obtido, o Plano Juventude Viva. Em uma de nossas conversas, Lula, chorando comigo, expressava o quanto estava feliz de eu estar com ele naquela caminhada, dizendo-me: “[...] tá vendo Feijão, é possível, é possível quebrar a estrutura por dentro. Vamos acabar com essa estrutura racista!”

Realmente eu estava acreditando nessa possibilidade. Deram-nos condições para que acreditássemos e choramos juntos novamente quando vimos que o Estado brasileiro pouco se importou com o racismo estrutural e acabou com o plano que poderia evitar mortes de Marieles e Amarildos, além das prisões de Rafaeis Braga. Essa foi a maior decepção que eu vi Lula passar. Foi uma das poucas vezes que vi a serenidade e o sorriso dando lugar a uma tristeza profunda, de imensa decepção. O Juventude Viva havia acabado, mas Lula não tinha tempo de deixar a tristeza bater.

Todo mundo precisava de Lula, nosso estado, o Brasil, a TV, as entidades e as pessoas mais simples. Todo mundo precisava de Lula. Se tinha alguma ideia pra botar fogo no sistema eu ligava pra Lula e lá estava ele na favela com a gente. Em final de reunião, o bar era certo, e lá estava mais uma semente a ser semeada. Lula era um semeador de esperança, daqueles que conseguem fazer a flor brotar nos lugares mais improváveis, no meio da rocha mais dura ou no meio do asfalto.

Hoje, escrevendo esse texto, as lágrimas descem e vejo que Lula era uma divindade. Alguns, ao lerem isso, podem até achar doideira minha. Lula perfeito? Ficou doidão, Feijão? Fiquei não. Quem disse que divindades são perfeitas? Quem disse que divindades não erram? Divindades passam em nossas vidas para nos ensinarem. E Lula foi essa divindade que passou em nossas vidas ensinando companheirismo, solidariedade, amizade. E com aquele sorriso no rosto, que é impossível de não ver nesse texto inteiro, Lula ensinava a amar e a nunca desistir de nosso povo, nem de nossa luta: luta de Zumbi, Dandara, Malcom, Biko, Mariele, Jesus Cristo e tantas outras divindades que passaram e se foram tão jovens, sempre nos deixando o legado de continuar lutando sem deixar de sermos felizes.

Se você sentir saudades e quiser ver Lula é só sair de casa, vá até uma favela e veja o sorriso das crianças que estarão correndo pelas ruas, converse com elas, lute por elas, viva por elas. Ali estará Lula, em sua forma mais natural de ser.

Lula é uma divindade e também é meu irmão!

A juventude de Lula Rocha

Aline Passos, Hingridy Fassarella, Max Dias, Morgana Boostel, membros fundadores do Observatório Capixaba da Juventude



I Encontro Estadual de Juventude, em 12 de julho de 2013, organizado pelo Observatório Capixaba de Juventude, 2013. Na foto estão Aline, Lula, Morgana e Max do Observatório e Ângela Guimarães (na época vice-presidenta do CONJUVE).

A partida precoce ainda dá aquele nó na garganta e emociona a cada homenagem realizada, seja por meio de fotos, de lembranças de

redes sociais, de textos reflexivos e também de resgates de chavões e de brincadeiras que marcaram a trajetória do nosso parceiro de defesa dos direitos humanos e dos direitos das juventudes no Espírito Santo, Luiz Inácio Silva da Rocha, o nosso Lula.

Negro, morador de Cariacica, mas figurinha carimbada do centro de Vitória, do samba e de diferentes cantos do estado, mantinha viva e circulante a resistência e o ideal de uma outra sociedade, que o guiava. Estava por todo lugar, desde uma roda de conversa com um grupo de estudantes, até eventos estaduais, nacionais e internacionais, atividades promovidas pelas universidades, faculdades, movimentos sociais, grupos de estudos, conselhos de direitos, governo do estado e diferentes prefeituras.

Lula entendia na pele a necessidade de suas lutas, pois elas eram orgânicas e presentes no seu cotidiano. Acompanhou o luto e a luta de muitas famílias, ecoando-as por instâncias nacionais e internacionais. Foram inúmeras as vezes em que ele foi para a frente da TV denunciar o extermínio da juventude negra no estado e como as instituições vinham tratando uma geração inteira: na base da violência do encarceramento em massa e dos confrontos nas periferias urbanas, que renderam ao nosso estado o destaque no cenário nacional devido aos altos índices de violência praticados.

Foi a sua esperança e força cotidianas que acabaram por alimentar a de muitos outros jovens que encamparam a luta por direitos para a juventude, a exemplo do Fórum da Juventude Negra e da Marcha Contra o Extermínio da Juventude, assim como dos cursos, conferências, conselhos e formações mobilizadas por esse camarada. Traçou, no coletivo, até os seus últimos dias, mesmo de dentro do hospital, caminhos para ultrapassar o triste retrospecto de Estado que projeta a matança de uma parcela do seu povo calcado no racismo e na ausência de políticas públicas.

Iniciou o debate e a defesa das políticas públicas para as juventudes quando essa agenda ainda era uma grande novidade no cenário público. Para exemplificar, somente no início dos anos 2000, o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) começa a realizar estudos sobre as juventudes brasileiras, referente a perfil e problemas enfrentados. Foi nesse contexto que as juventudes começaram a se organizar em diferentes frentes no Espírito Santo. Lula, por meio do movimento estudantil secundarista, entra nessa defesa ainda em sua juventude e toma-a como bandeira de luta por toda a sua trajetória de vida, contribuindo para os debates e mobilizações realizadas desde o início dos anos 2000 no estado, por meio de um núcleo de estudos na Universidade Federal do Espírito Santo chamado Nejup (Núcleo de Estudos das Juventudes e Protagonismo).

Até que em 2004, entre 14 e 15 de maio, no auditório da Escola Técnica Federal, há uma audiência pública articulada pela Comissão de Juventude da Câmara dos Deputados Federais²³. Nela, um grupo de jovens capixabas começam a se articular no estado para inserção de contribuição na organização da agenda nacional de defesa dos direitos das juventudes, centrada na aprovação do Estatuto da Juventude e do Plano Nacional da Juventude e Lula Rocha estava entre esses jovens. Pouco tempo depois, o Governo Federal cria a Secretaria Nacional da Juventude, o Conselho Nacional da Juventude e começa a traçar estratégias de organização das políticas públicas para os estados e municípios, fato que requereu dos governos organização.

Lula, por ser de Cariacica, lutou pela aprovação e organização do conselho de juventude do município (que foi o primeiro no estado) e também do espaço na prefeitura para efetivar essas defesas. Foram nos

23 ROCHA, Heber Silveira. **Juventude e políticas públicas**: formação de agenda, elaboração de alternativas e embates no Governo Lula. 2021. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2012.

diferentes encontros para debater a necessidade de políticas públicas de juventude, organizados pela sociedade, pela UFES, em diferentes espaços, assim como também pelo governo federal e estadual, que essa pauta se tornou permanente nas falas e na vida de Lula Rocha. Tornou-se tão orgânica que quando o governo federal chamou a primeira conferência nacional ainda em 2007 e deliberou pela organização das etapas estaduais e municipais, o governo do estado nomeou uma comissão organizadora e Lula Rocha estava presente nela.

A expectativa era muito grande na 1ª Conferência Estadual de Políticas Públicas de Juventude (27 a 30 de abril de 2008), tanto pela efervescência nacional quanto estadual. Isso porque, desde 2003 (com a ascensão de Paulo Hartung ao governo do Estado do Espírito Santo), havia uma sinalização de crescimento econômico e estabilidade política, após um longo e turbulento período. Entretanto, tal harmonia política e econômica não significou uma consequente melhoria na qualidade de vida da juventude capixaba. Houve aumento da mortalidade por armas de fogo e o encarceramento de jovens pretos e pobres. O crescimento na arrecadação, o saneamento das contas públicas, a construção e pavimentação de rodovias estaduais ficaram ofuscados ante o autêntico genocídio do povo negro e a diuturna afronta aos direitos humanos. O governo Paulo Hartung acabou marcado negativamente pelo seu veto à Lei n. 8.594/07²⁴ que criava a Política Estadual de Juventude.

Na prática, essa primeira tentativa de construir uma Política Estadual de Juventude remonta à primeira conferência, por isso a importância de falar dela. Junto com sua organização estava a defesa por espaços de escuta e formulação de políticas públicas aliadas à institucionalização das demandas juvenis pelo Estado. O passivo social

24 ESPÍRITO SANTO. Lei n. 8.594/07. Institui a Política Estadual de Juventude, seu Conselho e dá outras providências. **Diário Oficial do Espírito Santo**, Vitória, 13 jul. 2007. Disponível em: <http://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/LO8594.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

era cada vez maior e preocupava os jovens o fato de uma conferência não resultar em transformações políticas e econômicas visíveis.

As propostas aprovadas na primeira conferência evidenciaram os problemas da educação e da segurança pública. Esta última acabou por fortalecer a juventude nas defesas que seguiram após a primeira conferência e aparecem com força na segunda conferência. Foi no governo seguinte, de Renato Casagrande (2011-2014), que o passivo social ficou ainda mais evidente e a solução encontrada até então passava longe de resolver as demandas juvenis. A vitrine do governo estava no programa Estado Presente, mas a juventude organizada defendia que a intervenção estatal estivesse menos focada na utilização do aparato policial e mais na solução de problemas historicamente conhecidos pelo poder público. Não era na segurança pública que a defesa de políticas públicas para a juventude deveria se resguardar; mas no âmbito dos direitos humanos, da garantia da vida. E essa era uma pauta defendida por Lula muitas vezes.

A 2ª Conferência Estadual, ocorrida entre os dias 27 e 29 de outubro de 2011, ilustrou um governo fortemente pressionado, cujas juventudes partidárias que lhe davam suporte estavam divididas em razão da pressão exercida pela sociedade civil. As defesas por políticas públicas efetivas para jovens concentrava-se, nesse momento, em duas iniciativas: a campanha estadual contra a violência e extermínio de jovens e a frente em defesa das políticas públicas de juventude. Lula esteve ativo em ambas, organizando as tarefas de mobilização das diversas juventudes e o mote da campanha que buscava denunciar o alto índice de homicídio entre a população de 15 a 29 anos, negros e moradores de periferias do ES. “Essa situação evidencia a ausência de medidas que possam garantir novas perspectivas na vida da juventude. Precisamos de políticas efetivas voltadas a assegurar os nossos direitos”, dizia Luiz Inácio²⁵.

25 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/21-de-novembro-fejunes-promove-marcha-contra-o-extermínio-de-jovens-no-espírito-santo/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

O clima de acirramento que tomou conta da segunda conferência baseava-se, entre tantas coisas, na ausência de interlocução do governo para a construção daquele espaço de formulação de políticas. Os problemas vinham desde a comissão organizadora da conferência que, dessa vez, teve caráter diferente da anterior.

Todavia, após a experiência do dia 30 de outubro de 2011, a pressão começou a gerar resultados mais práticos nessa organização das juventudes no território do estado. Foi com a Marcha Contra a Violência e o Extermínio de Jovens, que reuniu milhares de pessoas da capital em um grito de “BASTA!”, quando Lula era um dos coordenadores do Fórum de Juventude Negra do Espírito Santo (Fejunes), que a pauta ganhou com força as ruas. Provocado e em parceria com a Arquidiocese de Vitória, juntamente com muitas outras entidades da sociedade civil, o Fejunes construiu um dos maiores movimentos de rua da história recente do estado. O recado em letras garrafais chegaria às mãos de Renato Casagrande por meio de um documento com diversas reivindicações em prol da juventude capixaba, entre elas a criação de um órgão específico, a instalação do Conselho Estadual e a elaboração de Plano Estadual de Políticas para Juventude.

Apesar do discurso no palanque de compromisso com a agenda juvenil, a institucionalização das políticas públicas para juventude, fruto dos debates realizados na primeira e segunda conferência e dos compromissos assumidos nelas, só ganhou corpo no ano seguinte, quando o governo esboçou abandonar a postura intransigente. Foi nesse contexto que surgiu o Observatório Capixaba de Juventude, como uma tentativa de acompanhar a execução de tais políticas públicas compromissadas pelo governo e, por fim, contribuir para a formulação de indicadores para a superação da desigualdade social com corte geracional.

Enquanto fundador do Observatório Capixaba de Juventude, Luiz Inácio foi aquele personagem sempre preocupado em construir

uma instituição que pudesse aliar pesquisa e ação militante, afinal uma trajetória em defesa de políticas públicas havia nos levado até ali. Formado em direito, Lulinha fazia parte de uma equipe composta por jovens das mais diversas áreas e a diversidade na formação contribuiu para que, naquele contexto, fosse possível ampliar a pressão sobre o Estado.

A fundação do observatório, em agosto de 2012, coincidiu com o momento em que o governo de Casagrande retirou da gaveta os projetos da Gerência Estadual de Políticas Públicas de Juventude (GEPPJ) e do Conselho Estadual de Juventude (CEJUVE). Se por um lado a criação do órgão institucional foi um passo importante, por outro frustrou os movimentos juvenis que reivindicavam um secretaria articuladora da política pública e não uma gerência (composta apenas pelo gerente) subordinada à subsecretaria de Movimentos Sociais (Casa Civil), como ocorreu.

A regulamentação do Conselho Estadual de Juventude - Cejuve obedeceu a uma tendência de ampliar a presença e participação da sociedade civil. Foram definidas 20 cadeiras para a sociedade civil e 10 para o poder público e foi atribuído ao conselho o caráter consultivo. Lula defendia que o Cejuve compreendesse não apenas uma diversidade de segmentos juvenis (o que ocorreu), mas também pudesse deliberar efetivamente sobre a política pública, já que um órgão sem orçamento e um conselho que nada ordena atendia apenas à política de ocasião. Em uma de suas falas, em defesa de um Fundo Estadual de Juventude que pudesse financiar políticas públicas para os jovens, Lula reiterou: “a gerência nem tem orçamento e sem recursos não há como colocar em prática nenhuma ação afirmativa”²⁶.

Lula, ao se tornar presidente do Conselho Estadual de Juventude, liderou a campanha “Ser Jovem Não é Crime”, que tinha por mote

26 Disponível em: <https://jornalfato.com.br/noticias/homicidios-de-jovens-negros-tem-relacao-com-ausencia-de-investimentos,252044.jhtml>. Acesso em: 17 ago. 2021

denunciar a constante criminalização da juventude e promover os direitos juvenis. Bem a seu estilo, sempre manteve postura firme quando era convocado a falar sobre a temática das políticas públicas de juventude. Assim, tornou-se impossível analisar o desenvolvimento das PPJs no Espírito Santo sem esbarrar no seu nome e sua história. Suas marcas estão nos marcos legais, nos projetos e programas executados, na articulação com os grupos, na condução da luta, mas em especial no modo leve e sorridente que sempre carregou, sendo aquele que sem abrir mão de suas perspectivas sentava para conversar com todo mundo e construir novos caminhos. Foi um privilégio para todos nós. Vimos e vivemos cada um desses momentos com ele e nossa tarefa agora é prosseguir com o seu legado, erguendo a mesma bandeira que o motivou a cerrar fileiras em favor das juventudes.

É um desafio escrever em breves linhas o quão gigante foi o Lula para a juventude capixaba. Desde a defesa intransigente dos direitos, a luta por políticas públicas até as histórias mais hilárias e inusitadas, que sempre renderam as melhores resenhas nos espaços culturais e de convivência. Esse era o jovem Lula Rocha, o dono da melhor gargalhada e da agitação cultural. Aquele que sempre nos ensinou que política sem afeto não tem efetividade. Ainda lutamos para transformar a dor em saudade, camarada; mas seguiremos sempre na luta por dias melhores para as juventudes! Salve, salve!

Juventude negra em Primeira Pessoa

Felipe da Silva Freitas, Fernanda de Carvalho Papa,
Larissa Amorim Borges, Juventude Viva ²⁷

A gente precisa cobrar a apuração dos crimes, mas a gente também precisa transformar estas mortes numa movimentação contra a violência contra a Juventude Negra, a gente espera que a sociedade se engaje e espera respostas efetivas do governo neste sentido. (LULA ROCHA, 2018a).

Lula Rocha foi onipresente nos debates sobre os direitos da juventude negra nos anos 2000. Foi presidente do Conselho de Direitos Humanos do Estado do Espírito Santo, coordenador do Círculo Palmarino e do Centro de Direitos Humanos do Espírito Santo, esteve presente e atuante nas Conferências Nacionais de Juventude, em Brasília e no Espírito Santo, na idealização, realização e estruturação do Encontro e do Fórum Nacional de Juventude Negra, na luta pelo Estatuto da Juventude e pela PEC da Juventude e do Plano Nacional de Juventude. Não há um marco da política nacional de juventude durante os governos Lula e Dilma que não tenha sido, de algum modo, beneficiada pelo ativismo e sagacidade de Lula Rocha e das suas companheiras e companheiros das organizações da juventude negra brasileira. Sobre o Enjune, Lula nos conta:

O Enjune apontou o desafio de nós jovens negros nos organizarmos enquanto um seguimento

27 Felipe da Silva Freitas, Fernanda de Carvalho Papa e Larissa Amorim Borges trabalharam na Coordenação Nacional do Plano Juventude Viva durante o governo da presidenta Dilma Rousseff e interagiram ativamente com Lula, que atuou como articulador territorial no Estado do Espírito Santo, bem como conviveram com ele em outros contextos de militância política em defesa da juventude negra brasileira.

político, dentro do movimento negro, dentro dos outros movimentos sociais e na própria sociedade, e também de conseguir pautar este debate sobre a letalidade que recai sobre os jovens negros e negras, e neste contexto, agente lança uma narrativa contra o genocídio do povo negro, contra o extermínio da juventude negra. (LULA ROCHA, 2018b, n.p.).

Lula condensava, em uma mesma pessoa, a intransigente firmeza ideológica e a defesa radical dos direitos do povo negro, com a leveza e a suavidade própria das grandes lideranças. Transitar, dialogar, escutar e convencer eram verbos que Lula Rocha conjugava com maestria, sempre articulando improváveis alianças e combinando com coerência diferentes frentes de atuação.

Como quem brinca com sabedoria em uma roda de samba, Lula nunca esteve em um único lugar. Sempre combinou a luta da juventude com a luta das crianças e adolescentes, colocou na mesma roda de conversa o movimento negro e outros movimentos de direitos humanos, as organizações tradicionais de juventude, os movimentos estudantis e as organizações de segurança pública. Moveu-se com respeito e habilidade no diálogo e na aliança com os partidos de esquerda e jamais se deixou engolfar pelo sectarismo e pela impaciência daqueles que não sabem ouvir. Lula era escuta, diálogo e liderança. Reconhecendo o vasto histórico de lutas dos Movimentos Negros no Brasil, Lula Rocha com sabedoria afirmava:

O Movimento Negro é formado por diversas organizações locais e nacionais, e em que pese ter tido sempre uma participação expressiva de jovens, desde a Frente Negra na década de 1930, Movimento Negro Unificado na década de 1970, nas diversas organizações negas que proliferaram dos anos 80 aos anos 2000, nunca tínhamos experimentado um processo específico de organização deste seguimento dentro do

movimento negro. Um segmento que pautasse com expressividade as questões específicas da juventude negra. E aí por uma realidade dura, que não é novidade para nós negras e negros, que é a realidade da violência. Essa necessidade ficou cada vez mais premente. Nós reivindicávamos, que no que pese, esse debate da violência e dos altos números em relação a letalidade fossem algo que o Movimento Negro e o movimento de Direitos Humanos denunciavam em nosso país, agente *não tinha um movimento que falasse isso na primeira pessoa. Ou seja, um movimento de jovens negros negras que reivindicasse e falasse por eles mesmos nessa luta pela vida. Por isso, em 2005 iniciamos este processo de organização política entre nós jovens negros para denunciar as mortes cotidianas de jovens negros e negros na primeira pessoa.* (LULA ROCHA, 2018b, n.p.).

Em 2012, quando o governo federal decidiu assumir como prioridade a construção de políticas para o enfrentamento à violência contra juventude negra, Lula Rocha teve papel destacado, participando ativamente das discussões promovidas pela Secretaria Nacional de Juventude e pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, subsidiando o desenho institucional sobre como construir uma política pública que pudesse, ao mesmo tempo, denunciar a violência de Estado e desenvolver ações de inclusão, combate às desigualdades e construção de horizontes de enfrentamento à violência.

O Plano Juventude Viva foi uma primeira resposta do governo federal à prioridade número 1 votada na I Conferência Nacional de Juventude e histórica bandeira do movimento social negro: enfrentar o genocídio da juventude negra no Brasil. Com objetivo de ampliação de direitos e prevenção a esta violência nos estados/municípios com mais altos índices de homicídio de jovens negros, o Juventude Viva reuniu ações de onze ministérios para reduzir as vulnerabilidades desses jovens à violência física e simbólica. As ações foram organizadas em quatro

eixos e voltavam-se para a desconstrução da cultura de violência, mais oportunidades de inclusão social, autonomia e garantia de direitos, oferta de equipamentos públicos nos territórios mais vulneráveis à violência letal e o aprimoramento da atuação do Estado por meio do enfrentamento ao racismo institucional e da sensibilização de agentes públicos para o problema.

A articulação do governo federal com estados e municípios foi fundamental para a implementação do plano. A partir de dados do DATASUS, foram selecionados 142 municípios em que se concentravam 70% dos homicídios de jovens negros com idades entre 15 a 29 anos e a implementação começou pelos estados com os mais altos índices. Na época, Alagoas, Paraíba, Distrito Federal, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Sergipe e a cidade de São Paulo foram priorizados na primeira fase do plano.

Em 2013, enquanto o Brasil era tomado por manifestações de rua em várias direções, o Plano Juventude Viva estava decolando e decidiu-se montar uma rede de articuladores locais capazes de preparar o terreno nos estados para a chegada do plano. A iniciativa visava promover engajamento social em torno da proposta de articulação de políticas públicas e apoiar os gestores locais na adoção das medidas de enfrentamento à violência institucional e construção dos planos (estaduais e municipais) de enfrentamento à violência institucional. Para viabilizar essa ação, foi firmada uma parceria entre a Secretaria Nacional de Juventude e a Fiocruz e foram contratados 17 (dezesete) articuladores em nove estados e no DF.

O perfil que buscávamos para os articuladores era bastante ousado em termos de gestão pública. Ao mesmo tempo, queríamos selecionar pessoas com capacidade de formulação em termos de gestão de governo, leitura política do fenômeno do racismo e das desigualdades geracionais na sociedade brasileira, com capacidade de interlocução

com os gestores locais e, o mais importante, com histórico de militância nas lutas de juventude e do movimento negro. Os candidatos inscritos eram uma constelação de estrelas do movimento de juventude negra, vários com destacada atuação no ENJUNE, que fora responsável pela criação do Juventude Viva. Com certeza, deram muito trabalho aos avaliadores, pois era muito mais talento do que vaga para preencher. Foi uma seleção bem exigente, marcada por escolhas difíceis entre candidatos excepcionais.

No caso do Espírito Santo, no entanto, a escolha era facilitada pela candidatura de Lula Rocha. Para toda equipe foi uma honra receber a candidatura de Lula, pois ele era uma liderança com larga experiência e ampla rede de interlocutores. Lula e outras lideranças relevantes em nível local, nacional e internacional, faziam uma aposta política ao se dispor a colaborar internamente no Plano Juventude Viva. Comprometeram-se em colaborar para viabilizar a materialização de ações consistentes para superação dos altos índices de letalidade que vinham denunciando.

Lula reunia – com louvor – as características que prevíamos para o articulador local do Plano Juventude Viva e, no período em que atuamos juntos, ele mostrou com muita desenvoltura toda sua capacidade de diálogo, articulação e liderança. Ao mesmo tempo, era não só um agente do Plano Juventude Viva no âmbito local, mas também uma referência para a maior parte de seus interlocutores, que liderava os colegas de outros estados também. Lula colaborava decisivamente para alertar a coordenação sobre temas importantes, apontar para diálogos necessários com outros movimentos sociais e indicando desvios de rota e perdas de oportunidades, sempre com muita doçura, leveza e solidariedade.

Em muitos momentos da condução do Plano Juventude Viva protagonizamos disputas em muitos níveis. Eram pressões de todos os

lados: pressão na briga interna dentro do governo para que todos os ministérios se mantivessem efetivamente comprometidos com o que estávamos fazendo e dedicados em apresentar as entregas prometidas; pressão no diálogo com gestões locais e no recorrente descompasso entre o que desejávamos fazer e o que era possível efetivamente apresentar e implementar; pressão dos movimentos negros e movimentos juvenis que, legitimamente, clamavam por velocidade nas ações; e também pressões próprias da dinâmica interna das equipes do plano, do fluxo de trabalho e da novidade de uma ação governamental inédita dentro de uma estrutura de trabalho inovadora. Dentro e fora dos espaços de trabalho do plano, Lula reafirmava a posição da Juventude Negra na defesa da vida:

A gente considera que os altos índices de letalidade que recaem sobre a juventude negra somados as péssimas condições de vida que nós enfrentamos cotidianamente, faz parte de um processo genocida do Estado brasileiro contra nós pessoas negras, mais especificamente contra nós jovens negros e negras. (LULA ROCHA, 2018b, n.p.).

A capacidade de discernimento e a firmeza com que Lula contribuía para a construção de saídas diante de um cenário tão desafiador era efetivamente impressionante. Nas visitas técnicas ao Espírito Santo, lembramo-nos, com muito carinho, do respeito que havia em torno da figura de Lula Rocha e da sua capacidade de diálogo com os diferentes, das autoridades no governo do estado, prefeitos e gestores municipais a ativistas de diferentes matizes políticos... todos eram absolutamente respeitosos quanto ao fato de que Lula era a nossa grande porta de entrada para liderar aquelas interlocuções. Lula também foi nossa liderança, em um caminho que ele trilhava há tempos,

com atuação inigualável e inesquecível junto a lutas fundamentais pelo fim do racismo, pelos direitos humanos e por um Estado Democrático de fato e de Direito no Brasil.

Participando ativamente das diversas ações do movimento negro para apoio à população durante a pandemia da Covid-19, pouco antes de retornar ao Orum, Lula Rocha ressaltava:

A gente denuncia já há muito tempo que existe um genocídio do povo negro, e esta pandemia infelizmente reforça, se não bastasse nós negros sermos as vítimas preferenciais da violência letal, por exemplo, agora neste contexto de pandemia se reforça que as nossas vidas estão em situação de maior vulnerabilidade. (LULA ROCHA, 2021).

Entre os grandes e belos encontros que a luta proporciona, Lula Rocha lutou ao lado de Malu Viana (Flor do Gueto - RS), grande liderança do Hip Hop e do Movimento de Mulheres Negras, que também compôs a equipe do Plano Juventude Viva. Ambos nos deixaram durante a pandemia da Covid-19.

Mesmo sabendo que em diferentes planos e contextos “a luta continua”, gostaríamos de encontrar com Lula mais uma vez, não para nossas infundáveis reuniões, mas para uma roda de samba, em que fosse possível celebrar o fim do genocídio do povo negro brasileiro. Celebramos aqui a honra de termos vivido e lutado ao lado de tão importantes figuras. E deixamos esta roda de samba como missão para as gerações futuras.

Não conseguimos seguir nesta sociedade tão desigual e tão violenta, sem que haja uma reação da nossa parte. Sem que haja uma reação de nós negros, pobres, que devemos disputar os rumos deste país. Cada vez mais esta luta tende a se acirrar. Mas, **para que tenhamos um resultado**

efetivo, a gente não pode apostar em criar novos mártires, a gente precisa que esta luta não seja só uma luta da Mariele, do Lula Rocha, do Marquinho e de tantos militantes que estão nas lutas sociais... **A gente precisa que esta seja uma luta coletiva e não só uma luta de nós pessoas negras**. Para que a gente possa de fato conseguir uma sociedade mais democrática, mais justa é necessário que esta luta seja de toda a sociedade. **A Gente precisa que vocês também se sintam parte desta luta**, seja no fazer profissional ou na vida pessoal, que tenham este compromisso de também se colocar ao lado destas pessoas que lutam contra as injustiças e contra todas as opressões. Pra que a gente consiga de fato viver numa sociedade menos desigual e mais justa daqui pra frente. (LULA ROCHA, 2018b).

Referências

LULA ROCHA. Lula Rocha fala sobre assassinatos dos irmãos Ruan Reis, de 19 anos, e Damião Marcos Reis, de 22. **Tribuna Online**, Vitória, 26 mar. 2018a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IvgdbK5vUck>. Acesso em: 10 set. 2021.

LULA ROCHA. **Direitos humanos, violências e saúde**. Palestra proferida por Lula Rocha na Aula Inaugural do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 4 abril de 2018b. Palestra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W15neKzuYLM>. Acesso em: 27 out. 2021.

Lula e sua atuação no Conselho Estadual de Direitos Humanos

Rafael Dias Valencio, Conselho Estadual de Direitos Humanos - CEDH



Lula em seminário promovido pelo Conselho Estadual de Direitos Humanos - CEDH, 2017.

O Conselho Estadual de Direitos Humanos (CEDH-ES) foi criado pela Lei 5.165 de dezembro de 1995²⁸ e é fruto de lutas de

28 ESPÍRITO SANTO. Constituição do Estado do Espírito Santo, 5 de outubro de 1989. Nós, os representantes do povo espírito-santense, reunido sob a proteção de DEUS, em Assembléia Estadual Constituinte, por força do Art.11 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, da Constituição Federal, baseados nos princípios nela contidos, promulgamos a Constituição Estadual, assegurando o bem-estar de todo cidadão mediante a participação do povo no processo político, econômico e so-

movimentos sociais frente às constantes violações de direitos humanos que assolam o Espírito Santo. Nos termos do Art. 3º da Constituição do Estado do Espírito Santo, tem como finalidade investigar as violações de direitos humanos no território do estado, encaminhar às autoridades competentes as denúncias e representações que lhe forem dirigidas, além de estudar e propor soluções de ordem geral para os problemas referentes à defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana. Trata-se de um mecanismo essencial na defesa dos direitos humanos, e controle social democrático.

Ao longo desses 25 anos de lutas em diversas frentes, destacam-se a luta contra o crime organizado e contra as milícias, as constantes violações contra pessoas privadas de liberdade, em situação de rua e de comunidades tradicionais e tantas outras que se fazem diante de um Estado que tanto oprime e viola direitos, seja pela ação, seja pela omissão.

Diante de tanta opressão que assola as famílias capixabas, o CEDH-ES teve ao seu lado um grande articulador, irmão e mestre Luiz Inácio da Silva Rocha, nosso camarada Lula Rocha. Foram aproximadamente 10 anos como secretário executivo desse conselho, tendo sido eleito como presidente, posteriormente, nos anos de 2015 e 2016, e mantendo-se como membro até 2019. Ainda que Lula tenha saído da composição formal do CEDH em 2019, sua presença permanece marcante na articulação política e na orientação à plenária que o sucedeu.

A realidade capixaba vive um momento em que a injustiça, a avareza, o egoísmo e a impunidade estão sendo semeados nos campos da sociedade. Na luta diária enfrenta-se a tentativa de homogeneização que a sociedade capitalista impõe, homogeneização nas ideias, na aparência, até mesmo impondo como uma pessoa deve ser, sentir ou

cial do Estado, repudiando, assim, toda a forma autoritária de governo. **Diário Oficial**, Vitória, 21 mai. 1990. Disponível em: <http://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/coe11989.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

desejar. Criminalizam o baile funk, demonizam os terreiros, violentam e matam as meninas e as mulheres, espancam e assassinam LGBTs. Se pessoas estão em situação rua ou em privação de liberdade, tratam-nas como se tivessem perdido a humanidade.

Quanto mais pobre se é mais é acusado de ser assim porque menos se esforçaram e quanto mais escura é a pele menos direitos e acessos se tem. Afinal de contas, para os poderosos, há aqueles “desprovidos de racionalidade”, fala diversas vezes reproduzida por secretários de estado. É uma forma ditatorial que tenta enquadrar as pessoas no formato de uma sociedade eurocêntrica, patriarcal, branca, heteronormativa, capitalista, que atua contra e pela morte das diversidades dos modos de ser, de viver, de criar, de amar, de brincar, de sofrer, de festejar.

No enfrentamento a toda essa violência estava Lula Rocha, que incansavelmente ia até onde as pessoas precisavam, não importava onde, lá estava Lulinha que, apesar do diminutivo, era grande e com incansável sede de justiça. Não só compôs e guiou o CEDH como também contribuiu sobremaneira para o apoio aos plenos que o sucederam.

Importante lembrar que além do conselho Lula Rocha também compôs o Comitê Estadual de Prevenção e Erradicação da Tortura no Espírito Santo - CEPET-ES. Esse é o tamanho e o legado de Lula, de angariar as mais variadas frentes, conselhos, comitês e movimentos sociais. Ele reunia o diverso, conseguia com maestria dialogar com os mais diferentes tipos de pessoas, ouvia e propunha soluções, fazia enfrentamentos, coordenava as diversas lutas. Lula estava em todos os espaços de debates com aquele sorriso que é seu cartão de visitas. “Salve, salve, camaradas!” Era assim que ele chegava, trazia para perto, orientava, aconselhava, chamava para a luta, com afeto, com amor, com amizade.

Hoje podemos falar de um legado de Lula Rocha que nos deixa a saudade e a lembrança de seus exemplos, de sua perseverança, sua

liderança e sua alegria. Que possamos sempre recordar de nosso amigo e camarada porque, como diz Galeano (2018)²⁹, “Recordar: do latim ‘re-cordis’, voltar a passar pelo coração”. Salve, Salve, negrada! Salve, Salve, camaradas! Salve, Salve, Lula Rocha! Lula, presente para sempre em nós.

Lula: sujeito imprescindível

Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH)³⁰



Debate público, 2016.

Há aqueles que lutam um dia; e por isso são muito bons;
Há aqueles que lutam muitos dias; e por isso são muito bons;
Há aqueles que lutam anos; e são melhores ainda;
Porém há aqueles que lutam toda a vida; esses são os imprescindíveis.
(Bertolt Brecht, 2021).

30 Homenagem feita por Paulo César Carbonari, da coordenação nacional do MNDH Brasil, por ocasião da Assembleia do CADH, em 12 de março de 2021. Disponível em www.facebook.com/100012722493935/videos/1172686746498731/. Acesso em: 10 set. 2021.

Afetuosos abraços aos familiares de Lula Rocha, Isaias, Penha e todos do Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH) no Espírito Santo, em particular. Todos vocês estão na vida do MNDH. Lula foi e seguirá sendo um daqueles que compõem “esse pessoal” dos direitos humanos. Solidariedade a vocês. Não gostaríamos de estar aqui fazendo este tipo de celebração, mas precisamos fazê-la.

Lula viveu a realização do sujeito engajado, daquele sujeito imprescindível³¹, um daqueles a quem nunca se poderia odiar por ser indiferente³²: ele nunca foi indiferente, ele “fez a diferença”. Lula foi um sujeito da luta, um sujeito cuja vida estava na causa daqueles que sequer têm condições de lutar; aqueles que Franz Fanon (1968) chamou de “condenados da terra”³³.

Quando são os mais velhos que se vão, as pessoas dizem que acham “natural”, mas quando se vão os mais jovens, a gente se pergunta: “por que tão cedo?” Essa é uma pergunta mal feita, mal colocada. Cedo ou tarde são aspectos relativos à noção que temos de tempo. Mas, há seres como Lula para os quais o tempo é apenas uma dimensão da vida; a maior parte de sua vida não está no tempo, seguirá na eternidade.

Lula está entre aqueles que são seres iluminados e que iluminam os caminhos em tempos sombrios, mantendo-nos alertas e confiantes na possibilidade de que “amanhã há de ser outro dia”. Nunca é cedo nem tarde para fazer o necessário fortalecer o direito de acreditar no amanhã... A presença de Lula segue nos iluminando sempre, porque alimentou e nos pede que sigamos alimentando o “inédito viável”.

31 Referência ao poema “Os que lutam”, de Bertold Brecht. Disponível em: <http://www.pensador.com/frase/NjY0Nzc/> Acesso em: 15 set. 2021.

32 Referência ao texto “Odeio os indiferentes”, de Antonio Gramsci. GRAMSCI, A. **Odeio os indiferentes**: escritos de 1917. Tradução de Daniela Mussi e Alvaro Bianchi. São Paulo: Boitempo, 2020.

33 FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

Lula está entre nós, ele segue entre nós, para nos ajudar a seguir por ele, em sua memória. Por ele seguiremos seu testemunho. Ele está nas lutas e nas obras que estas lutas fazem. Lula viveu causas e as causas pelas quais ele escolheu lutar são as causas da humanidade. E quem luta nas causas da humanidade sabe que a humanidade que está em cada ser humano é exatamente a mesma, nem mais nem menos. A humanidade de Lula segue na nossa humanidade, nos irmana, nos mantém juntos nas causas da humanização, da justiça, da liberdade, da igualdade, dos direitos humanos, que seguem em causa, em agenda, em luta.

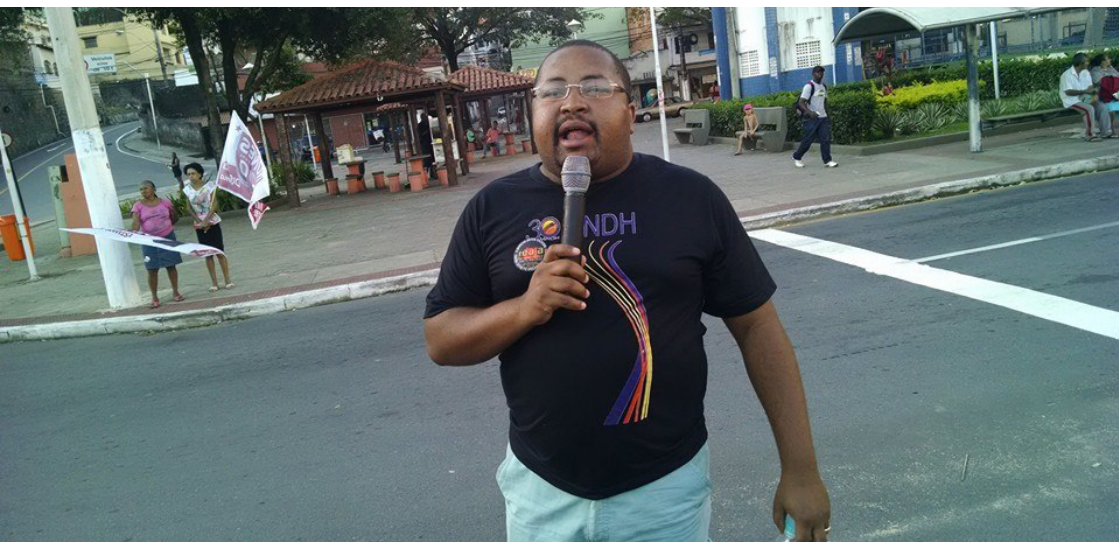
Cabe aqui a referência à canção “Gente”, interpretada por Renato Russo : “Non siamo angeli en volo venuti dal cielo, ma gente comune que ama davvero, gente que vuole un mondo più vero, la gente que insieme lo cambierà”³⁴. Juntos seguimos para fazer essa transformação por qual Lula lutou e espera que sigamos fazendo.

Nossa solidariedade. Lula Rocha, presente, agora e sempre!

34 Tradução do trecho da canção italiana: “Não somos anjos voando vindos do céu, mas pessoas comuns que amam verdadeiramente, pessoas que querem um mundo melhor e que juntas o transformarão”.

Lula Rocha, direitos humanos já! Hoje e sempre!

Galdene Santos, conselheira nacional do Movimento Nacional dos Direitos Humanos – MNDH ES



Ato Público em Vitória, 2014.

Escrever sobre um militante de direitos humanos sempre requer um mergulho tanto na história do Movimento Nacional dos Direitos Humanos - MNDH-ES quanto da vida do próprio militante.

O convite para falar sobre Lula Rocha no MNDH do Estado do Espírito Santo exige esse mergulho na história e trajetória de sua família, em especial de Isaías, que foi e sempre será um grande símbolo na luta e na defesa dos direitos humanos no ES. Os passos e trajetória de Lula Rocha vêm de longe, muito antes de seu nascimento.

No dia 25 de janeiro de 1984, acontecia no Centro de Aperfeiçoamento de Líderes Rurais - CALIR, situado em Cariacica-ES, a abertura do III Encontro Nacional do MNDH. Encontro este que

fortaleceu e reafirmou grupos de direitos humanos que já atuavam desde os anos 1970 aqui no ES, como o Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Serra - CDDH/Serra, e promoveu a criação do Centro de Apoio aos Direitos Humanos - CADH.

Lula Rocha nasce 1 ano depois, em 17 de janeiro de 1985, mas já fazia parte da história de luta pelos direitos humanos, com sua mãe Maria da Penha e seu pai Isaías.

A trajetória dos filhos são eles que fazem, mas o filho de Maria da Penha e Isaías já nasce firme como uma rocha para atuar na defesa da vida e da dignidade humana, trazendo vigor e força de outras lutas tão importantes e fundamentais para compreensão da luta pela vida como a questão racial.

Lula Rocha, entre suas várias trajetórias, assume a secretaria do CEDH muito jovem. Considerada a complexidade e confiança que o cargo exigia, a sociedade civil que atuava com direitos humanos conquistou o direito à indicação e Lula executou com muita dedicação e responsabilidade.

O MNDH-ES pôde contar com a lucidez e responsabilidade do militante Lula Rocha na articulação da organização e realização dos eventos de formação e mobilização para a promoção, defesa e garantia dos direitos.

Em 2014/2015 assumiu o cargo de conselheiro nacional do MNDH-ES, função que exige articulação, mobilização e, acima de tudo, fazer o papel animador, que ele sabia fazer muito bem. Aliás, a grande característica de Lula era trazer a alegria e dialogar com diferentes espaços de lutas para uma pauta que unisse todos: direitos humanos para todos e todas!!!

A perda de Lula Rocha guiou nosso olhar para sua jovem idade, o que muito nos impressionou e possibilitou olharmos para trás e ver quanta maturidade e habilidade para atuação política que Lula adquiriu, assumindo lutas e espaços muito jovem e com imensa grandeza.

Lula trazia na força do seu nome e na alegria do seu sorriso o exemplo de um jovem engajado, para quem a militância era uma prática movida à esperança.

São muitos LULAS de muitas LUTAS. São tantas as lembranças, sonhos, histórias e marcas que ele nos deixa nesta caminhada por justiça, que só podemos ser eternamente gratos! Em nós ficará a marca firme como uma rocha de um Lula incansável na luta intransigente pelos direitos humanos, contra todo o racismo, por justiça! Lula, uma luz que seguirá nos iluminando!

Lula e a luta pelos direitos humanos

Lula, menino que criou asas e voou para o alto, a fim de enxergar de longe e nos ajudar a continuar nossa luta pelos direitos humanos.

Rosa Maria Nascimento Miranda e Marta Falqueto, CDDH-Serra



Marcha contra o extermínio do povo negro no Centro de Vitória/ES, 2014.

Quem foi Lula enquanto viveu entre nós?

Lembramos quando ele apareceu entre nós. Foi em 17 de janeiro de 1985. Era um período efervescente para aqueles que sonhavam com mudanças e queriam ver o novo acontecer nesse país. Estávamos saindo da Ditadura Militar e ansiosos por construir um novo tempo, uma nova nação, um novo momento com o nosso povo.

De norte a sul desse país nasciam várias organizações, sendo que as mais fortes se desenvolviam nas classes operárias. Várias categorias se organizavam, principalmente os metalúrgicos, com o surgimento de muitas lideranças como Santo Dias e Lula Inácio da Silva, que tinham um grande compromisso com a causa operária. Santo Dias morreu assassinado em uma greve que aconteceu no ABC, em São Paulo. Lula se torna uma grande liderança, militante, ficando conhecido em toda nação pela sua luta em favor da classe operária, mais tarde se torna presidente do Brasil.

Nesse tempo, a igreja apoiava a classe trabalhadora e formava lideranças comprometidas com a vida do povo. Ressurgem, assim, os sindicatos. Muitos trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade tombaram mortos, na luta, na busca por vida digna para todos.

Estávamos reunidos no Conselho de Periferia quando alguém chega com a notícia: “nasceu o filho de Penha e Isaias”. Penha, mulher trabalhadora e de muita força, trabalhava como empregada doméstica e participava fortemente das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e das lutas das mulheres nos Grupos de Mulheres, em Cariacica. Isaias era operário da construção civil, participava ativamente da Pastoral Operária e das diversas lutas dos trabalhadores de diferentes categorias. Moravam na periferia de Cariacica. Foi assim que recebemos a notícia da chegada dessa criança entre nós. E o que trazia a notícia continuou: “o nome dele será Luiz Inácio”, homenagem a

uma liderança que crescia no meio da classe trabalhadora brasileira e logo, no meio dos companheiros e companheiras, começamos a chamá-lo de Lulinha.

Assim, Lula Inácio da Silva, militante operário crescia na história do povo e Lulinha crescia em graça e companheirismo nas comunidades junto com o pai e a mãe. Via a luta dos dois, vivendo junto aos companheiros e companheiras de luta, acompanhando tudo, pois era de costume levar conosco os nossos filhos para as diversas atividades das quais participávamos. Ele estava sempre ali, daquele jeitinho sempre calmo, mas sempre atento a tudo. Assim ele crescia e aprendia, sendo sempre aquele companheirinho que enquanto brincava percebia os acontecimentos e guardava-os no coração.

Entrou na adolescência sempre acompanhando a família, na comunidade, nas lutas pela defesa dos Direitos Humanos (DH), nas lutas do Movimento Negro. Enfim, assume sua luta maior que é a defesa da juventude negra, marcando presença em todos os momentos na defesa da vida.

Como nasceu em um momento marcante para a sociedade brasileira, viveu entregando sua vida na defesa da vida dos irmãos e irmãs mais pobres, mais sofridos, os últimos dos últimos, levando pela vida a frase dos DH presente no Evangelho de Jo, que diz: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude”. Acreditando isso, organiza, a partir do que aprendeu nos DH, em vários lugares, a Juventude Negra, assumindo assim a defesa da VIDA de jovens negros das periferias que morrem por causa de um sistema racista, discriminador, seletivo, excludente, marginalizador e que mata a juventude negra desse país. Assim, junto com os seus companheiros e companheiras, cria o Fórum Estadual da Juventude Negra do Espírito Santo - FEJUNES. Além disso, fez parte e ajudou a criar um programa do Governo Federal chamado “Juventude Viva”.

Como vemos, Lula foi para nós dos DH um ícone que viveu pouco tempo entre nós, mas o suficiente para se tornar uma de nossas estrelas-guia nos DH.

Nasceu dentro desse caldeirão que gritava pela vida. Deu seus primeiros passos em uma igreja comprometida com o povo. Fez sua lição na Carta da Declaração Universal dos Direitos Humanos, comprometendo-se assim com a dor, a vida, a luta dos jovens negros; assumindo a vida daqueles que eram da sua cor; marcando presença em todos os momentos em que esses jovens eram atingidos, perseguidos, discriminados ou excluídos.

“Vidas negras importam”!

É esse legado de bravura, coragem, leveza e compromisso de defender a vida e a dignidade humana que Lula Rocha deixa para os lutadores dos direitos humanos e que o Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Serra tem orgulho de testemunhar.

Lula Rocha, presente! Hoje e sempre!

Jovem negro nas quebradas...

Marcio Bertaso, PPCAAM/ES

Lá se vão 11 anos... Nos idos de 2010 foi criado o Conselho Gestor do Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte do Espírito Santo - PPCAAM/ES. Ninguém sabia muito bem o que esperar, ousou dizer até mesmo o que fazer. Cerimônias, microfones, formações, tapinhas nas costas e tudo como era antes... Houve a primeira reunião e o Lula toma a frente e confere o tom. Ali comecei a visualizar a sua importância. A tranquilidade com que se colocava e apontava o que era necessário ser feito sempre foi uma característica presente em todas as oportunidades que tive de dividir espaços com ele. Inevitavelmente e, conscientemente, havia um presidente eleito do Conselho Gestor do PPCAAM/ES.

Tratava-se de um conselho com objetivos muito políticos, afinal uma das linhas de atuação do PPCAAM sempre foi a temática do enfrentamento à violência letal de crianças e adolescentes, especialmente aqueles que são suas vítimas majoritárias: jovens, negros, moradores das quebradas desse país. E essa representatividade estava na presidência do Conselho Gestor, um jovem negro das quebradas do nosso estado! A legitimidade com que apontava as questões e as diretrizes do conselho era inegável; contudo o PPCAAM também é feito de ações diretas de proteção e estas, muitíssimas vezes, se sobrepõem às articulações políticas de enfrentamento e solicitam ações pontuais e específicas, com algum usuário da política, geralmente em momentos de algum tipo de tensionamento. E para isso o Lula também foi requisitado em muitas ocasiões. Sempre disponível! Fazia

questão de ouvir todas as histórias da própria pessoa e com a atenção exclusiva e sem pudores em devolver para o usuário a real da situação: “Mermão, cê tá encrencado, né?! Cê sabe?!”

Com a mesma intensidade e tranquilidade com que ouvia um adolescente ameaçado e encrencado até o pescoço, sentava-se à mesa de qualquer dirigente público e afirmava o necessário para a continuidade e aprimoramento da política de proteção. Nunca o vi exaltado. Sempre com o mesmo tom e sorriso no rosto. Fazia política como quem faz um samba na Rua 7!

Por causa dessa parceria com Conselho Gestor durante aproximadamente quatro anos e depois como dirigente do Centro de Apoio aos Direitos Humanos Valdício Barbosa dos Santos - CADH, tive a oportunidade de tê-lo como companheiro de viagens por esse país afora em inúmeros encontros e reuniões. Quase sempre dividíamos quarto e para mim já era quase uma rotina acordar com a movimentação no quarto, muito cedo. Lá estava o Lula de saída e conversávamos:

- Onde você vai, cara?! Tá cedo pra caramba!
- Vou desembolar umas paradas aí! Visitar umas quebradas com um parceiro!
- Rapaz, não esquece nossa reunião de hoje!
- Relaxa, eu chego lá!”

E assim chegava a hora da reunião e quando já desistia, acreditando que ele não chegaria, entrava Lula na sala com a mesma tranquilidade de sempre, sentava-se, ouvia e, em poucos instantes, puxava a palavra e as cabeças em volta dele começavam a balançar, acenando afirmativamente com o que dizia. Já nem me lembro mais de quantas vezes essa cena se repetiu nesses 11 anos.

Entre algumas instâncias do PPCAAM nacionalmente existe uma que é o Fórum Nacional de Entidades Gestoras do PPCAAM

- FNEG PPCAAM. O Estado do Espírito Santo sempre teve forte participação nessa instância e não havia pessoa com mais propriedade para ocupar esse lugar do que Lula Rocha. Em inúmeras oportunidades, quando estava em alguma reunião onde ele não se fazia presente, vinham as perguntas: Cadê o Lula? O que você acha que elealaria disso? Inevitavelmente, nosso amigo chegou à Coordenação do Fórum, no ano de 2019. Não surpreende que ele tenha sido escolhido para ocupar a Coordenação de um Fórum de Entidades Gestoras de um Programa que possui interface direta e estreita com o Governo Federal, exatamente em um momento de tantas incertezas frente a um mandato presidencial desastroso que se iniciava. Sua postura era rígida e afetuosa ao mesmo tempo, era o que tais instituições necessitavam para fazer frente ao governo que ora se apresentava.

Na ocasião de sua escolha para a coordenação do FNEG - PPCAAM, Lula compartilhou uma visão que até hoje ecoa em meus ouvidos: “Nós temos uma coisa que eles [governo federal] jamais terão – a vivência e a confiança da população que atendemos. A gente sabe o que essa população vive e como dialogar com as demandas que apresentam. Eles jamais conseguirão dar a escuta necessária para isso”.

Obrigado, Lula! Por todas as quebradas que você visitou tão cedo, por todas as escutas que você fez, por todas as palavras de incentivo para que não desistíssemos. Você marcou com suas mãos a construção e consolidação de uma fundamental política de proteção à vida da juventude pela qual tanto lutou. Obrigado, Lula Rocha!

Lula Rocha: aquele que tinha o corpo na América e alma na África

Verônica Bezerra, coordenadora de Projetos do Centro de Apoio
aos Direitos Humanos “Valdício Barbosa dos Santos” (CADH)



Reunião do CADH, 2019.

No primeiro volume da trilogia *Uma história da escravidão no Brasil*, Laurentino Gomes (2019, p. 24), de forma completa e contundente, afirma: “[...] o Brasil foi o maior território escravista do hemisfério ocidental por quase três séculos e meio, tendo recebido quase 5 milhões de africanos cativos, 40 % do total de 12,5 milhões

embarcados para a América”³⁵. E ainda, que o Brasil foi “a nação que mais tempo resistiu a acabar com o tráfico negreiro e o último a abolir oficialmente o cativeiro no continente americano, em 1888”. A escravidão é um fenômeno tão antigo quanto a própria história da humanidade e deixou marcas indeléveis que até hoje fazem ecoar nas estruturas e relações institucionais e sociais brasileiras, materializadas no racismo estrutural e preconceitos que reafirmam desigualdade.

Todos esses dados e realidades era bem conhecidas de um jovem negro que nasceu e cresceu na periferia e, encarnando na alma a cor e teor que tinha na pele, fez na sua origem luta e, mais do que isso, deu voz àqueles que os poderes tentam silenciar, criou oportunidade de vida para uma miríade de jovens que teimam em viver quando o sistema os massacra, tentando eliminá-los.

Luiz Inácio Silva da Rocha, ou simplesmente Lula Rocha, tinha certo de que toda realeza carrega em seus porões um legado de violações capazes de fazer ranger as estruturas e, por isso, fazia os enfrentamentos necessários, sem perder a ternura e, assim, rompia com as amarras que insistem em manter uma grande parte da sociedade, seja pela classe social ou cor da pele, na sombra das senzalas da falta de oportunidade e distantes das possibilidades de uma vida digna com acesso aos direitos fundamentais.

A contundência e firmeza se aliava com o jeito de conduzir qualquer debate tenso. Sentava-se em qualquer mesa, mas nunca esquecia a camisa que vestia. A mesma risada larga era ouvida em Genebra ou Santana. Lula Rocha tinha certeza de que o povo brasileiro é fruto de uma violação e disso ele fez sua liturgia de luta por uma vida melhor para todos.

A vida de militância requer do sujeito de direitos uma entrega e um conhecimento de causa que vai além do conhecimento acadêmico,

35 GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. v. 1.

requer a vivência de rua, em que os pés tenham sentido o calor do asfalto, a pele tenha reagido ao arrepio do contato com o outro e a alma tenha sido atravessada pela dor alheia.

Essa entrega e conhecimento acadêmico e popular eram encontrados em Lula Rocha, que ainda agregava uma ternura cadencial, própria do melhor samba que acalenta a maior dor existencial quando se está diante de uma violação.

O desafio de atuar ao lado de um jovem tão maduro ou de um homem gigante que não possuía vaidade ou arrogância fazia desmontar qualquer vaidade. Ele tinha a capacidade de gerenciar as maiores crises e articular as mais complexas ações. Como membro da direção e, posteriormente, tendo que assumir a Coordenação Geral do Centro de Apoio aos Direitos Humanos “Valdício Barbosa dos Santos”, possuía a maestria digna de um mestre-sala, pois sua condução sempre era permeada de responsabilidade republicana e coragem revolucionária. Era um republicano-revolucionário.

O lugar onde chegava conseguia habitar, mesmo que fosse por alguns minutos. Ele não passava por um lugar, ele ocupava todo e qualquer espaço a que chegava. Nunca passava despercebido. Sua presença era solicitada, identificada e facilmente sentida.

O jovem negro periférico, de hábitos singelos e utopias grandiosas, mantinha o corpo na América, mas a alma na África. Antenado, estava sempre com o radar da empatia ligado e não rejeitava nenhum atendimento. Sempre estava à disposição. Sua escuta era envolvente e suas palavras, um bálsamo de ânimo para prosseguir na caminhada. Talvez isso tenha custado a sua saúde e, conseqüentemente, a sua vida. Talvez isso o tenha transformado em um mártir, pois se entregou. Mesmo já enfermo e realizando um tratamento de saúde complexo, Lula Rocha jamais esmoreceu na luta. Era capaz de fazer uma reunião tensa minutos antes de ingressar em uma sessão de hemodiálise. Era

incapaz de reclamar de dor, pois reconhecia que a dor de uma mãe que tem um filho assassinado pela polícia poderia ser maior do que a dele.

Quando a ele era apresentado um problema, por mais grave que fosse, após soltar uma livre gargalhada e dizer que estamos lascados, ato contínuo, ele perguntava: “o que nós vamos fazer?” Ele sempre se colocava no front para resolver a questão. Era incapaz de não se imiscuir nos movimentos para encontrar saídas. Lula Rocha era um ser de luz plural.

Outra característica digna de imitação era sua capacidade de articulação e de estar em vários coletivos, os mais diversos possíveis, sempre de forma leve e politicamente responsável. Fazia da cultura e lazer lugar de resistência e luta, sendo capaz de ampliar a caixa de ferramentas da população que, de tão sofrida pelas reincidências de violações de que é vítima, conseguia em um mesmo ato denunciar e aliviar a dor.

Parafrazeando Padre Kelder Brandão durante as palavras das exéquias de Lula Rocha, temos: “[...] ele era o melhor de nós”. A sua grandeza e nobreza deixaram um vazio imenso.

Durante a sua primeira internação, uma de suas leituras foi o livro citado anteriormente e que despertou a curiosidade de alguns que estavam nas suas proximidades, terreno fértil para que nosso guerreiro estabelecesse uma discussão acerca do racismo estrutural e discriminação. Do leito do hospital fazia militância e lutava por melhores condições do serviço de saúde público.

Sem dúvida nenhuma, podemos afirmar que Lula Rocha respirava direitos humanos e não fazia nenhuma separação entre as pessoas. Tinha uma coerência cognitiva receptiva inclusiva que reconhece que todos e todas estão no mesmo barco.

Em seus derradeiros dias junto conosco, Lula Rocha continuava com sua veia propositiva e, nesse viés, criou o Conselho Político do

Centro de Apoio aos Direitos Humanos “Valdício Barbosa dos Santos”, que nasceu com propósito de travar discussões aprofundadas acerca da política de direitos humanos no Estado do Espírito Santo, Brasil e mundo. Assim, diante de um cenário permanente de violência e, a partir disso, o CADH poderia incidir de forma transformativa nessa realidade.

As discussões que Lula Rocha provocava nunca tinham somente o condão discursivo, no que tange a afirmar a existência das violações e criminalizações, pois avançavam para propostas e ações transformativas que realmente fizessem sentido e pudessem ser construídas coletivamente. Lula Rocha não fazia voo solo, sempre partilhava protagonismos. Era a encarnação da frase “nada sobre nós sem nós”. Era detentor de uma capacidade genuína de construir para o outro somente com o outro e jamais se apropriar da luta do outro para obter vantagens.

A ética praticante de Lula Rocha encontra-se em escassez atualmente. De denotada capacidade interventiva e tempestiva, primava pelos valores edificantes dos mais destacáveis em um militante de direitos humanos que conjugava o saber da academia e a urgência das ruas.

No dia 10 de fevereiro de 2020, a agenda de Lula Rocha estava cheia. Pela manhã, conduziu reunião do Conselho Diretor do CADH, planejou ações, cobrou retornos, propôs ações e animou a nossa luta. Durante a tarde e no início da noite, cumpriu a agenda com vários grupos, em reuniões que conduziu do leito do Hospital Dório Silva. Ao final da noite daquela quarta-feira, Lula Rocha, após cumprir todas suas agendas, fez sua Páscoa, indo militar em outra dimensão, deixando um legado de resistência, luta e afeto, que não encontramos fácil por aí. É isso que o torna imprescindível.

A Famoc e Lula Rocha

Membros da Federação de Associações
de Moradores de Cariacica - Famoc



Reunião na Câmara Municipal de Cariacica, 2019.

Em 2021 a Federação de Associações de Moradores de Cariacica - FAMOC completou 35 anos de existência e lutas ao lado das comunidades de Cariacica. Essa trajetória, por vezes, se encontra com a trajetória de vida e militância do nosso grande companheiro Luiz Inácio Silva Rocha – o Lula.

Tanto a Famoc quanto o Lula surgem nas Comunidades Eclesiais de Base e têm nas pastorais sociais da Igreja Católica suas raízes. É óbvio que a FAMOC, como entidade, já nasce com sua identidade formada pelos seus idealizadores; mas, nesse sentido, Isaias Santana e Dona Maria da Penha foram suas melhores referências e exemplos e, apesar de ter nos deixado tão cedo, aos 36 anos, Lula Rocha carregou consigo um legado enorme, impressionante e vibrante.

Assim, é ousadia tentar enumerar a quantidade de movimentos, ações, manifestações, entidades, pastas em que Lula atuou, coordenou, gerenciou ou presidiu. É “inacreditável” que um jovem de 36 anos possa ter tamanho engajamento, com tão pouca idade. Isso prova que sua trajetória é maior que ele próprio, ou seja, expirava e inspirava lutas.

Sua militância na igreja abriu portas para a formação humana. Logo cedo, no movimento estudantil, destacou-se pela sua inteligência, empatia e pelo poder da sua oratória. Dali, as portas foram se abrindo: participou da Coordenadoria de Juventude do Governo Municipal de Helder Salomão em Cariacica; foi Coordenador Geral do Centro de Apoio aos Direitos Humanos e do Círculo Palmarino; fundou e coordenou o Fórum Estadual da Juventude Negra - FEJUNES, onde se destacou na luta contra o extermínio da juventude negra; ajudou na criação do Centro de Referência da Juventude e o Observatório Estadual da Juventude; atuou no governo do estado, na pasta relacionada à juventude e aos direitos humanos; atuou fortemente no Conselho Estadual de Juventude; presidiu o Conselho Estadual de Direitos Humanos; como militante do Movimento Negro ganhou notoriedade nacional e internacional; foi representante do estado na Coalização Negra por Direitos; e atuou no Instituto Elimu Cleber Maciel de desenvolvimento de políticas públicas para a emancipação política e social da população negra do nosso estado. Recentemente, Lula idealizou e ajudou a fundar a Rede de Cursos Afirmação, como instrumento de luta para possibilitar ao jovem da periferia a ter acesso à formação profissional e universitária.

Toda essa trajetória tornou o Lula um notório cidadão de Cariacica, do Espírito Santo e do Brasil, e toda essa caminhada se encontra, por diversas vezes, com a história de luta da FAMOC. Atuamos juntos na Comissão Popular de Monitoramento do Programa Nacional de Enfrentamento à Criminalidade Violenta, denunciando

que a repressão não resolveria a realidade sofrida da população cariaticense, carente das mais básicas políticas públicas, tais como saúde, educação, moradia, saneamento, infraestrutura, lazer, emprego, renda, entre tantas outras.

Sua presença era marcante na organização e realização da Marcha pela Vida e Cidadania para celebrar o 1º de Maio nos municípios de Cariacica e Viana, mais uma realização da população capixaba. Nesse mês de setembro, tivemos a 27ª Edição do Grito dos/das Excluídos/ Excluídas, outro grande movimento que Lula sempre ajudou a organizar ao lado dos movimentos sociais, sindical e da FAMOC. Esse ano, o Grito ganhou relevos importantíssimos devido aos retrocessos que a nossa sociedade tem vivido: a forma criminosa como o “desgoverno” Bolsonaro trata a pandemia; a retirada de direitos da classe trabalhadora; desemprego em massa da população; inflação disparada, em especial de alimentos, gás e demais combustíveis; privatizações; destruição do meio ambiente; clientelismo, coronelismo, grilagem e invasão de terras por latifundiários e garimpeiros, com o aumento da violência no campo e contra os povos originários; privatizações das nossas empresas e riquezas essenciais e estratégicas (saneamento, petróleo, correios e telégrafos, eletrobrás, entre outras); perda da nossa soberania e ameaças constantes à nossa diplomacia internacional. Apesar disso tudo, a defesa da democracia foi uma das principais bandeiras de luta do 27º Grito, devido às constantes ameaças de golpe de estado por parte de Bolsonaro e seus asseclas. A Famoc, assim, se fez e se fará presente, ao lado dos oprimidos, e Lula com certeza estará onde nunca deixou de estar: nas ruas, ao lado da sua gente, nos corações e mentes, nos gritos e apelos em defesa dos excluídos.

Para a Famoc, é motivo de muito orgulho ter Luiz Inácio Silva Rocha no seu quadro de diretores (Diretor de Comunicação e de Formação), mas muito mais que isso é poder ter compartilhado toda

essa trajetória, ter aprendido e trocado experiências com esse gigante que, apesar de ter toda essa história de vida e esse grande legado, sempre será o nosso Lulinha do samba, do futebol, do carisma e do sorriso fácil que, mesmo na luta, nunca perdeu a ternura e sempre teve o amor ao próximo como referência de vida.

Lula, você sempre estará vivo e presente na luta!

Vida Longa à Famoc!

LULA ROCHA, PRESENTE!!!

Salve salve, Lula Rocha!

Uma trajetória de fé, coragem e alegria

Pe. Kelder José Brandão Figueira, Vicariato para Ação Social
Política e Ecumênica da Arquidiocese de Vitória-ES

A morte de Lula Rocha, como era conhecido Luiz Inácio Silva Rocha, chegou repentinamente, como uma nuvem escura de verão, empurrada por ventos tempestuosos, que ofusca a luz do sol.

No dia 12 de fevereiro de 2021, por volta, das 9h00, com o sepultamento de Lula Rocha, foi enterrada no cemitério Parque da Paz, no município de Cariacica, uma parte única, necessária e insubstituível da história e da militância política capixaba.

Nos breves anos de vida, Lula Rocha atuou em várias frentes, interagindo com diversas instituições, incidindo na vida de milhares de pessoas, com uma trajetória política e institucional definida pela intransigente defesa da vida, da liberdade e da dignidade, principalmente das juventudes empobrecidas, dos negros e negras e das minorias sociais.

Lula Rocha transitava e dialogava com diversas instituições religiosas, embora tenha nascido em berço católico e crescido na Comunidade Eclesial de Base Sant'ana, em Sant'ana, Cariacica. Seus pais participaram da fundação da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória, na década de 1980.

A mãe de Lula Rocha, Maria da Penha Silva, é muito ativa na Comunidade Católica e, ao longo de sua vida, Lula Rocha atuou na pastoral da Arquidiocese de Vitória, participando ativamente da Pastoral da Juventude e protagonizando, nos anos de 2009 a 2012, a Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio dos Jovens, que reuniu mais de 50.000 jovens de todo o estado, no Dia Nacional

da Juventude de 2011, que fomentou a criação do Observatório das Juventudes, do Conselho Estadual de Juventudes e a Semana Estadual das Juventudes, instituídos em 2012.

Em 2013, Lula Rocha foi fundamental na organização da Campanha da Fraternidade, que teve como tema “Fraternidade e Juventude”, e ajudou na construção do manifesto das juventudes, proclamado em frente ao Palácio Anchieta, aos pés de uma cruz preta, de 22 metros de altura, erguida em frente ao palácio e que teve ampla repercussão nacional, ao ser lido na Câmara dos Deputados o seguinte discurso:

Nós somos os jovens. Somos os jovens da Igreja; da escola e da universidade; do centro da periferia e do campo; da cultura do funk, do samba, do sertanejo, do rap, do grafite, da capoeira; do esporte, nas quadras e nas ruas; dos movimentos sociais; e é isso que queremos ser. Mas, ao mesmo tempo, somos os jovens do sistema socioeducativo, do presídio, das filas de hospitais, do trabalho precário, do ônibus lotado, da exploração sexual e dos paredões do baculejo. Nós somos a juventude capixaba.

A realidade do jovem no Espírito Santo é grave. Grande parte de nós é pobre, não tendo acesso nem às condições materiais mínimas para sobreviver. Os dados educacionais são péssimos: o estado possui cinco escolas entre as dez piores do Brasil em notas do ENEM, e, além disso, somos um dos poucos que ainda não contam com uma Universidade Estadual. A juventude indígena não tem suas terras garantidas e, por falta de perspectivas, acaba caindo no vício do álcool ou outras drogas. Para as mulheres jovens, que sofrem diversas violências, falta assistência e atendimento. Os jovens do campo são obrigados a migrar para as cidades por falta de oportunidades no seu lugar. Dos encarcerados somos a maioria e sofremos todas as violações imagináveis, inclusive tortura, como as que

aconteceram no início do ano, onde ficamos expostos ao sol de quarenta graus, nus, com queimaduras de 3º grau e, por mais de dez dias, sem atendimento médico. As masmorras de outrora se fazem presentes hoje: a população carcerária está sendo queimada viva.

Além disso, como já viemos denunciando, está em curso um extermínio de jovens, transformando nosso estado numa verdadeira UTI. Um jovem que vive no ES está entre a vida e a morte. Se for negro, a chance de morrer é ainda maior. De acordo com o Mapa da Violência de 2012, nosso estado apresenta um dos maiores índices de homicídios de jovens, 1612 mortos no último ano. Nos últimos 12 anos foram mais de vinte mil, sendo que a maioria absoluta dos mortos é de jovens negros e pobres. Portanto, o extermínio, além de ter faixa etária, tem cor, classe social e espaço. A juventude que morre é negra, pobre e moradora da periferia.

Mas a juventude não se cala. Apesar das repressões sofridas os jovens saíram às ruas várias vezes protestando contra o aumento da tarifa no transporte público. O Fórum da Juventude Negra a anos se insurge denunciando as violações sofridas pelos jovens negros. Realizamos o Dia Nacional da Juventude com a Marcha Capixaba contra o Extermínio da Juventude, colocando mais de 50 mil jovens nas ruas para celebrar a Palavra, denunciar a dura realidade dos jovens capixabas e anunciar a Civilização do Amor. Os jovens das Igrejas protagonizam mudanças eclesiais mantendo vivo o Espírito Jovial do Corpo de Cristo.

É deste modo, que a juventude quer falar: já falou destas e de tantas outras formas que não há espaço para citarmos, mas precisa ela precisa ser ouvida.

“Todas as vozes das juventudes capixabas continuam reivindicando a efetivação do Conselho Estadual de Juventude e a criação do Plano Estadual de Juventude, bem como políticas públicas específicas para a juventude nas mais diversas áreas.

Queremos políticas públicas para a juventude, e queremos já!

Eis aqui a juventude, enviada para construir hoje
o amanhã que há de vir: a civilização do AMOR!”

Em 2015, com o crime ambiental das mineradoras Vale, BHP Billington e Samarco, a Comissão da Arquidiocese de Vitória protagonizou a organização do Fórum Rio Doce. Lula Rocha estava presidindo o Conselho Estadual de Direitos Humanos e foi fundamental para a articulação dos movimentos sociais que se organizaram no Fórum, para apoiar os atingidos pela lama tóxica das mineradoras.

Com a chegada de Dom Dario, em 2019, na Arquidiocese de Vitória-ES, foi imediatamente criado o Vicariato para Ação Social Política e Ecumênica da Arquidiocese de Vitória-ES.

O primeiro encaminhamento feito pelo Arcebispo ao Vicariato foi o fortalecimento do diálogo com os movimentos sociais, seguindo a agenda do pontificado do Papa Francisco. Lula Rocha foi fundamental nessa construção.

Após algumas reuniões e muitos cafés com tapioca, visualizamos um encontro entre a igreja e os diversos movimentos sociais. Lula orquestrou com maestria o encontro, motivando, dialogando, aparando arestas e construindo pontes.

No dia 27 de julho de 2019, com a coordenação de Lula Rocha, aconteceu, no Centro Católico de Estudos, o Encontro Igreja e Sociedade em Ação, com a participação de centenas de entidades representadas por mais de 500 participantes. Nesse encontro, foi criado o Fórum Igrejas e Sociedade em Ação e sem o protagonismo e a disposição de Lula, provavelmente, esse encontro não teria acontecido. Desde a sua recente criação, o Vicariato desenvolveu diversas ações.

Muitas dessas ações foram organizadas com a participação singular de Lula que, com seu sorriso aberto, sua gargalhada estridente e cheia de vida e seu espírito leve, faceiro e alegre, contagiava o ambiente.

A vida segue em frente, a nossa e a dele, assim ensina a fé que Lula professava. A história tem seu fluxo, sempre contínuo, mas nossas reuniões e atividades jamais serão as mesmas sem o “salve, salve” de Lula Rocha, uma vida que se importava com as demais. E, como ele também costumava dizer: “Vamos em frente”.

Fórum Igrejas e Sociedade em Ação: um sonho interrompido

Pe. Kelder José Brandão Figueira – Vigário Episcopal para
Ação Social Política e Ecumênica da Arquidiocese de Vitória-ES,
Fórum Igreja e Sociedade



Lula Rocha no Encontro Igreja e Sociedade em Ação, 2019.

O encontro Igreja e Sociedade em Ação aconteceu no dia 27 de julho de 2019, no Centro Católico de Estudos, organizado pelo, então, recém-criado Vicariato para Ação Social, Política e Ecumênica da Arquidiocese de Vitória-ES.

A criação do Vicariato foi um dos primeiros atos de Dom Dario Campos, que assumiu o governo da Arquidiocese de Vitória no dia 5 de janeiro de 2019 como Arcebispo Metropolitano.

O encontro foi um marco importante na história recente da igreja capixaba e tinha como objetivo fortalecer a relação da Igreja Católica com os movimentos sociais, ressignificando a caminhada histórica da Arquidiocese de Vitória-ES com eles.

Foi um dia muito intenso, com muita participação e profundamente marcado pela emoção. Há muito tempo não se via no estado – e, sinceramente, nunca houve em algum momento da história – uma atividade que agregasse diferentes gerações, correntes políticas, credos religiosos e diversas formas de pensar, em um mesmo espaço e com o mesmo objetivo: o bem comum dos capixabas.

Lula foi o mentor e o fio condutor do encontro. Ele esteve presente em todos os momentos de construção do encontro, articulando, construindo pontes, mediando diferenças, aparando arestas e dando vida a uma ideia que, há poucos meses, parecia impossível de acontecer no estado. Ele tinha uma capacidade ímpar de trafegar entre pessoas, instituições e territórios, construindo relações de parcerias com fluidez e consistência.

O resultado do encontro foi muito maior do que o esperado. Ele reverberou com força nas entranhas das instituições, incomodando profundamente o espectro social e eclesial, acomodados durante anos, e, como consequência, pulularam denúncias nas redes sociais e nas instâncias eclesiais, que chegaram até à Nunciatura Apostólica, embaixada do Vaticano no Brasil.

Ao todo, participaram mais de 500 pessoas com os membros da coordenação e equipes de serviço. A tabela abaixo demonstra o tamanho e a representatividade do encontro:

RELAÇÃO DOS INSCRITOS POR REPRESENTAÇÃO			
Pastoral Carcerária	7	CEBI	8
Pastoral da AIDS	3	Equipes de Organização	18
Pastoral da Criança	51	CRB	5
Pastoral da Ecologia	7	Igrejas Irmãs	11
Pastoral da Pessoa Idosa	16	Juventudes	8
Pastoral da Saúde	26	Paróquias	63
Pastoral da Sobriedade	8	Sindicatos	10
Pastoral do Menor	20	Organizações e Projetos Sociais	28
Pastoral do Migrante	15	Movimentos Sociais	49
Pastoral da Pop. em Situação de Rua	15	Forças Vivas da Igreja	25
Pastoral Operária	15	Entidades de Ensino, Pesquisa e Observação	11
Pastoral dos Pescadores	6	Ass. de Moradores e Movimentos Comunitários	7
Seminaristas	7	Org. de Classes/Órgãos Públicos/Partidos e Conselhos	12
	196	Convidados e pessoa sem representação	9
			264

Como proposta do encontro, foi criado o Fórum Igrejas e Sociedade e Lula Rocha assumiu a coordenação com outros membros. O Fórum assumiu como missão:

Construir coletivamente um projeto comum de País, em que estejam incluídas todas as

lutas sociais, políticas, econômicas, ambientais, por uma sociedade igualitária, em defesa das políticas públicas, da Democracia e dos direitos, da dignidade humana, da Terra, e do meio ambiente, no enfrentamento à desigualdade e à pobreza e na esperança de uma sociedade efetivamente justa, democrática, igualitária, exercitando o “Amor no seu contexto total”, a ética da responsabilidade e comprometimento ético, religioso, político e econômico com os seres humanos, com a Terra e a sociedade.

O Fórum propôs uma agenda grande de atividades com o objetivo de unificar as diversas frentes de luta popular que estavam acontecendo. Deliberando as atividades em plenárias³⁶, o Fórum articulou o Grito dos Excluídos e Excluídas de 2019, que foi coordenado por Lula Rocha e realizado em Porto de Santana, Cariacica.

O Grito dos Excluídos e Excluídas de 2019 pautou a violência contra a juventude periférica, que havia aumentado muito em Cariacica, apesar da atuação da Força Nacional de Segurança nas periferias da cidade, que chegou no estado com pompa e circunstâncias e uma narrativa de que mitigaria os danos causados pela violência institucionalizada nas periferias. A organização do Grito dos Excluídos e Excluídas 2019 consolidou a organização do Fórum Igrejas e Sociedade, com a participação e o protagonismo de diferentes igrejas, movimentos sociais e sindicais.

A Organização do Grito, sob a coordenação de Lula, produziu uma cartilha popular, que foi distribuída, sobre os direitos da população nas abordagens dos agentes da Força Nacional de Segurança.

Na sequência das atividades propostas pelo fórum, aconteceu a formação da Campanha da Fraternidade de 2020, em dezembro de 2019, e a abertura da campanha se deu em março de 2020, com uma

36 Foram realizadas três plenárias intercaladas por várias reuniões da coordenação executiva com a coordenação ampliada, antes da pandemia da Covid-19.

multidão de milhares de pessoas caminhando pelas ruas de Vitória, da Catedral até a praça Getúlio Vargas.

Lula Rocha participou intensamente dessas atividades. Pela primeira vez, com a sua articulação, a Campanha da Fraternidade teve a participação de uma escola de samba, com o intérprete da Escola de Samba da Piedade, cantando, ao lado do Arcebispo Metropolitano, para uma multidão orante de fiéis, do alto do viaduto Caramuru, a Oração de São Francisco. Foi icônico!

Em março de 2019, a pandemia da Covid-19 chegou ao estado obrigando as pessoas e instituições a interromperem as rotinas. O isolamento social, tão necessário em tempos pandêmicos, causou profundas mudanças nas estruturas da igreja e dos movimentos sociais, impedindo as reuniões presenciais e as manifestações de rua e ensejando outros arranjos e atores políticos sociais.

O Fórum Igrejas e Sociedade suspendeu a agenda proposta e, desde então, não se reuniu. Até mesmo o Grito dos Excluídos e Excluídas de 2019 teve de ser adaptado e aconteceu de forma virtual, com uma projeção animada nas paredes do Convento da Penha.

O retorno das atividades do fórum está se dando de forma gradativa, com a organização do 27º Grito que, neste ano, retorna às ruas, em uma atividade pública de desagravo à memória de Lula Rocha, agredida pelo vereador de Vitória, autodenominado Gilvan da Federal, na sessão do dia 19 de julho de 2021, quando o vereador ofendeu gravemente a dignidade e a memória de Lula Rocha, chamando-o de vagabundo.

A pandemia interrompeu as atividades do Fórum Igrejas e Sociedade, da mesma forma que a morte interrompeu a vida dinâmica e fecunda de Lula Rocha e o sonho de ver os movimentos sociais e as instituições religiosas unidos, caminhando juntos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, principalmente para os

seus irmãos pretos e irmãs pretas, por quem ele consumiu seus dias e sua vida em uma incansável jornada de articulação, formação e organização de eventos, que encheram o coração de milhares de jovens de esperança, ensinando que VIDAS NEGRAS IMPORTAM!

Lula Rocha e o povo da rua

Membros da Pastoral do Povo de Rua
da Arquidiocese de Vitória-ES

Pensar como tem se constituído as múltiplas formas de atuação da Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de Vitória e sua rede de apoiadores implica efetivamente em reconhecer a grande contribuição e memória de Lula Rocha, principalmente no que concerne à sua atuação marcada pela alegria e pelo saber da “ignorância”. Uma pessoa que se colocava a caminhar e, na caminhada, se fazia gente/agente.

Em Lula, a alegria significava assumir um compromisso radical com a vida e todas as suas dimensões, nunca uma euforia ingênua, um rir por rir, rir do outro, das mazelas do outro, mas sim rir na luta com o outro, uma alegria que nos impulsionava a mudar o mundo, antes, a mudarmos nós mesmos. Já a ignorância traduzia a práxis de um mestre que ensinou, sem saber que ensinava e sem ter a pretensão de ensinar, a todos que o rodeavam. O ato de educar para Lula sempre esteve encarnado com o ato de sorrir, de lutar e de escolher amar incondicionalmente os desvalidos, os apátridas produzidos pela pandemia do capital.

Estamos falando de um tempo que tem insistido em ignorar nossa história escravocrata, explicitando a LGBTQ+fobia, celebrando o autoritarismo e as práticas de tortura. Tempo este que tem atacado os órgãos públicos, os movimentos sociais e militantes dos direitos humanos, relativizando a legislação ambiental, intensificando o desmonte dos já fragilizados órgãos de fiscalização das poucas áreas preservadas.

Trata-se de tempo de atirar em índios e tirar suas terras, tempo de deixar fluir livremente a morte nas favelas, tempo de reinvenção da

escravidão, com ampla contaminação e morte das vidas negras e não negras que lá residem.

Como Freire (1967)³⁷, Lula compreendia que a partir da ação transformadora, a Pastoral do Povo de Rua e apoiadores tinham a obrigação de tornar menos malvado o mundo que estamos constituindo. Mundo este que tem insistido em aprofundar a necropolítica, em ampliar os investimentos públicos em armamentos, intensificando a violência promovida pelas forças de segurança pública, incentivado a mercantilização das áreas de educação, assistência social, ambiental, ao mesmo tempo que esvazia os espaços historicamente conquistados pela participação social, imprimindo uma lógica em que a construção das políticas públicas, distantes de se caracterizarem por acúmulos em espaços plurais, assumem a marca da narrativa única, que hierarquiza as etnias, as classes sociais, os gêneros, as sexualidades e religiosidade.

Nesse contexto, aprendemos com Lula Rocha a atuar movidos por valores civilizatórios, afro-brasileiros, cujos princípios são pautados pela força vital, presente no axé; pela circularidade nos processos de construção de nossas agendas de luta; pelo reconhecimento de nossas ancestralidades; pela escuta do povo que se encontra em situação de rua a partir de suas práticas e saberes transmitidos pela oralidade; e fundamentalmente por um renascer de nossa corporeidade. Lula Rocha, ignorando sua ação, ensinou à Pastoral do Povo de Rua caminhos possíveis e necessários ao aquilombamento das forças vivas da resistência que surgem das potências criativas e ação protetiva, solidária e comunitária.

Lula compartilhou com a Pastoral do Povo de Rua e Apoiadores o saber/fazer, que aponta para a necessidade de subverter a compreensão de direitos humanos e não naturalizarmos o que tem

37 FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

reforçado um paradigma universalista, heteronormativo, branco e machista. Aprendemos que é preciso atuar juntos aos segmentos que historicamente estiveram excluídos desses direitos, convertendo-nos a uma outra lógica, fundamentada na singularidade dos sujeitos e de suas múltiplas formas de viver, de pensar e de atuar no mundo.

Em contexto de aprofundamento da transformação da assistência social em mercadoria, de captura da militância e das práticas coletivas de proteção comunitária pelo Estado, que tem sutilmente induzido atores sociais que atuam nas comunidades a operarem como fiscais de cesta básica ou fiscais da marmita, como se fossem servidores desse suposto Estado Provedor, Lula sempre nos alertou acerca de nossas formas de interação com os múltiplos canais de participação social.

Sua assertiva preocupação, provocava-nos reflexões acerca de que modo e quando deveríamos ou não atuar nos conselhos, nos grupos de trabalho, em câmaras técnicas, comissões, sempre focado em uma atuação de colaboração autônoma, mas fundamentalmente crítica e consciente de que não basta a mobilização em torno de pautas formais de reivindicação, tradicionalmente direcionadas às autoridades de plantão, pois faz-se necessária a atuação política mobilizadora de consciências e de ações, envolvendo os sujeitos.

Lula tinha a compreensão de que os direitos humanos não são naturais, não basta nascer biologicamente humano para ter direitos, pois é preciso nascer politicamente, na tomada de consciência da condição história que vive e passar a ser protagonista da conquista do direito a ter direito.

A Pastoral do Povo de Rua, inspirada nas práticas inventivas produzidas por/com Lula no “Círculo Palmarino”, no Movimento Negro Unificado, na bateria da Escola de Samba Chega Mais e no Pré-vestibular Afirmação, percebe-se hoje mais forte, mais preta e mais comprometida com a vida.

Lula Rocha, presente, presente, presente!

Lula Rocha e a Comissão Popular de Monitoramento do Programa Nacional de Enfrentamento à Criminalidade e Violência

Produção coletiva dos membros da Comissão Popular de Monitoramento do Programa Nacional de Enfrentamento à Criminalidade e Violência, Cariacica-ES



Reunião da Comissão Popular de Monitoramento do Programa Nacional de Enfrentamento à Criminalidade e Violência, Cariacica-ES, 2019.

Cariacica foi uma das cinco cidades do país escolhidas para receber o projeto piloto do programa do Ministério da Justiça e as outras foram: Ananindeua (PA), Goiânia (GO), Paulista (PE) e São José dos Pinhais (PR). No entanto, nossa cidade foi a única a se organizar e, a partir da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de Cariacica, presidida pelo vereador Professor Elinho, foi realizada uma audiência

pública no dia 28 de junho de 2019, que contou com a participação de vários movimentos sociais, os quais propuseram a criação de uma comissão popular para monitorar a execução do Programa Nacional de Enfrentamento à Criminalidade do Governo Federal.

Lula Rocha foi um dos idealizadores da audiência pública, participou da mesa e colocou em um tom crítico a forma violenta e sem diálogo por meio da qual esse projeto piloto foi trazido para a cidade de Cariacica. Em entrevista ao jornal on-line *Século Diário*, Lula disse: “Já sabemos que isso não resolve o problema da violência. Exercitaremos o nosso direito de participação e exigiremos que todas as medidas sejam construídas após diálogo com a população”.

Em 16 de julho de 2019, aconteceu a primeira reunião de trabalho da comissão, que definiu os membros desse colegiado popular, o qual, por consenso, ficou sob a coordenação de Lula Rocha, representante do Círculo Palmarino. A relatoria ficou sob responsabilidade do vereador e professor Elinho. Essa primeira reunião contou com a participação da sociedade civil organizada, servidores públicos, vereadores e alunos do curso de psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), momento no qual foi aprovada pela comissão uma moção de repúdio direcionada ao prefeito Juninho, por trazer o projeto para a cidade sem o devido diálogo com os munícipes.

Após instaurada, a comissão começou os muitos trabalhos realizados, entre os quais: reuniões ordinárias com periodicidade quinzenal; reuniões ampliadas com participação de outras entidades e movimentos sociais; reuniões públicas com representantes da Secretaria Estadual de Segurança Pública; e, por fim, um ciclo de debates, como “Segurança e Políticas Públicas: um debate sobre a transversalidade”, com o propósito de fazer um balanço das políticas públicas de Cariacica e debater como elas podem contribuir para o enfrentamento à violência.

A única materialidade do projeto piloto na cidade foi a vinda da Força Nacional e, logo no início, a comissão popular provoca a criação de um número de telefone para que os moradores pudessem fazer as denúncias de violações dos agentes policiais. Com os policiais já em atividade no município, o *Século Diário* fez outra entrevista com Lula Rocha, o qual explicou: “[...] lembramos de casos emblemáticos ocorridos na cidade nos últimos dias, como a execução de uma adolescente e toque de recolher em Nova Esperança e o tiroteio e morte em plena Expedito Garcia, em Campo Grande”. Além disso, Lula ponderou:

[...] queremos saber quais são os objetivos do programa, a metodologia de trabalho, as diretrizes, ações, investimento. Quais são os indicadores de redução de violência que o programa quer alcançar e de que modo? Não temos nada, pedimos e não recebemos. Se é um projeto do Ministério da Justiça, deveria ter uma parte escrita para ser disponibilizada para os movimentos sociais, mas parece que não existe nada. Mais uma vez, a lógica é mais a do marketing do que enfrentar o problema. Não vamos aceitar ser cobaias para promoção deste governo.

Com a permanência da Força Nacional, as ações e questionamentos da comissão popular só aumentavam e, no dia 29 de outubro de 2019, o então Ministro da Justiça, Sérgio Moro, realizou uma visita à cidade e, com isso, a comissão redigiu uma carta aberta com o título “Moro: Cariacica espera respostas”, a qual continha perguntas como: “Qual o custo mensal para garantir a permanência da Força Nacional no município? Quais ações serão implementadas para além do emprego da Força Nacional? Quais são os objetivos, metodologias, indicadores, metas e orçamentos dessas possíveis outras ações contidas no

programa? Qual é o cronograma de implantação do projeto piloto e como ele será avaliado para ser expandido ou não para as demais cidades?”

Sempre de forma crítica e realista, o trabalho da comissão foi realizado na cidade sob a coordenação de Lula Rocha, que às vésperas de se completar um ano da comissão, disse em entrevista ao *Século Diário*:

[...] foi apresentada como um programa, mas não passa de uma intervenção branca, uma intervenção federal na política de segurança pública local” e no momento que é publicada a prorrogação da permanência da Força Nacional em Cariacica, o representante do Círculo Palmarino diz: “achamos negativa a prorrogação sem a escuta da sociedade, dos movimentos populares. Deveria haver um debate público para avaliar o trabalho da Força Nacional.

Lula Rocha foi fundamental e sua luta, essencial para a juventude da cidade de Cariacica. Esse período de participação na militância, em defesa dos direitos humanos e da luta antirracista, na cidade, foi crucial e necessário!

Lula Rocha: a alegria, a firmeza de princípios e a amorosidade

Ana Heckert, Fórum Capixaba de Lutas Sociais



Ato Público em Memória dos mortos durante a greve da PM no Espírito Santo, Praça Costa Pereira, Vitória/ES, fevereiro de 2020.

O Fórum Capixaba de Lutas Sociais foi criado em fevereiro de 2017, no contexto da Greve da Polícia Militar do Espírito Santo, que emergiu em decorrência de uma política estatal de morte implementada

pelo governo de Paulo Hartung. O resultado dessa gestão da morte foi o assassinato de mais de 300 pessoas, em sua maioria negros e pobres. Desde 2017, com o lastro marcante da atuação de Lula Rocha ao nosso lado, em todas as ações que realizamos esse fórum reivindicou ao Estado a efetivação de políticas reparatórias às famílias desses mortos. Reivindicamos também a elaboração de uma política de segurança diversa da que tem sido implementada no Brasil, ou seja, aqui vigora uma política de segurança que coloca policiais para combater crimes gerados pelo Estado, para atuarem em um front que apenas destrói as vidas dos mais pobres e também as vidas de policiais.

A ampliação de uma política de morte e encarceramento é fato no Espírito Santo, a exemplo da presença da Força Nacional de Segurança em Cariacica, em 2019, do frequente crescimento de investimento em presídios, do encarceramento em massa da juventude pobre e preta, da dispensa de profissionais das áreas de saúde e assistência social no setor de formação e RH do IASES, do aumento do adoecimento desamparado da própria PM, que tem levado integrantes da corporação ao suicídio velado e não notificado. O governo do Estado do Espírito Santo, tanto em 2017 quanto agora, em 2021, nada fez para reparar as famílias das vítimas pela perda de seus entes queridos. Nenhum dia de luto foi decretado pelos mortos da chacina daquele fevereiro sombrio. As políticas de austeridade de antes, como de agora, só amplificam os problemas vivenciados ao escamotear as reais dificuldades sociais, com políticas de segurança pública que vão de encontro aos preceitos fundamentais dos direitos humanos.

Em todas as ações que fizemos contra o racismo estrutural, a violência na periferia, contra essa máquina estatal de morte, a destruição das políticas públicas, o encarceramento, e a favor da educação pública, da cultura popular e da alegria, das políticas afirmativas e da saúde pública, nosso grande Lula Rocha foi esteio e

força. Sua capacidade de análise e de efetuar diálogos, sua habilidade em agregar grupos e movimentos, sua sensibilidade para a dor advinda da violência tornaram-no uma referência nacional.

Na aliança efetuada com o Círculo Palmarino, costurada por Lula Rocha, iniciamos ações que tinham como foco o combate ao extermínio da juventude negra. Todos os anos, no mês de fevereiro, íamos para as ruas juntos, lembrar aos capixabas que mais de 300 mães ficaram sem seus filhos em fevereiro de 2017, lembrar que o Estado nunca fez uma política de apoio e reparação aos familiares das vítimas da violência de Estado. Como os familiares e amigos dos jovens que habitam as periferias continuavam a perder outros filhos e amigos em decorrência de uma necropolítica que elege os matáveis e encarceráveis, nossas alianças e ações se ampliaram a partir da conversação com Lula Rocha. Assim, íamos acompanhando as ações de uma rede múltipla e heterogênea que Lula criava.

Com a convocação de Lula ajudamos a organizar atos em favor do respeito à vida na periferia, apoiamos a criação do decreto de luto popular pelas mortes na greve da PM, apoiamos as ações da Rede AfirmAção de Cursinhos Populares e dos acampamentos da juventude negra, a marcha anual contra o extermínio da juventude negra e tantas outras ações e provocações, como a criação de uma ouvidoria popular de segurança na UFES. Lula estava sempre conosco, fabulando outros mundos.

Em tudo que estivemos juntos nesses 4 anos de existência desse fórum, nosso mestre da arte de articular, somar, multiplicar e juntar, chegava com seu sorriso iluminado e fazia o que tinha de ser feito. Por vezes, iniciava os atos e ações sozinho, ajeitando as faixas, pregando cartazes, falando no carro de som, fincando cruces. Era ele também quem nos ensinava os caminhos e os desenhos das políticas públicas que defendia para o seu povo negro.

Suas convocações de enfrentamento à criminalização da juventude negra continuam ressoando em nossos corpos. Lula destoava da razão cínica que tudo negocia para não perder os anéis. Lula destoava das práticas que, frente à farinha pouca, corre para defender para si um naco de feijão. Não deixava seus aliados na mão. Não titubeava frente às injustiças sociais. Lula era singular e era muitos.

Revisitando a página do Fórum Capixaba de Lutas Sociais vemos que a cada duas postagens tem alguma foto, carta ou vídeo com a participação de Lula. É curioso que, no dia 16 de março de 2017, Lula não estava presente na reunião de criação oficial do fórum, mas a partir desse momento esteve presente na maioria das ações que efetuamos em parceria com ele e outros movimentos e entidades.

A partida precoce de Lula nos deixa um vazio imenso. Mostramos que precisamos de muitos para fazer o que ele encaminhava sozinho. Nas lutas que partilhamos fomos tecendo uma política da amizade marcada pela coragem da verdade, pela sinceridade e lealdade, pela divergência olho no olho e pela gargalhada maravilhosa na análise das tretas que estavam ocorrendo. “Amanhã tem mais”, era a frase que emitia ao fazer uma avaliação das ações que conseguíamos concretizar. Amanhã tem mais alegria, amanhã tem mais surpresas, porque a resistência precisa se inventar sempre, amanhã tem mais notas de repúdio ou de apoio, amanhã tem mais propostas, amanhã tem mais gente, amanhã a gente vira o jogo. E agora não tem mais amanhã ouvindo sua voz e recebendo suas propostas; mas, por isso e por tudo que ele apostou, teremos que seguir lembrando que a gente combinou de não morrer.

Lula não morreu, está encantado em cada luta, em cada direito social e político que conseguirmos garantir, em cada negro e negra que não for obrigado a viver a terrível e violenta experiência do racismo. O Círculo Palmarino disse que ele foi para Palmares. O Fórum Capixaba

de Lutas Sociais concorda com essa afirmação. Lá de Palmares sua gargalhada vibra, de lá ele acompanha e dá firmeza em nossos passos. A potência de sua generosidade e a força de suas palavras apontam caminhos. A memória intensiva de suas lutas ficou conosco e nos cabe ser dignos desse acontecimento que é a vida de Lula Rocha. Nada e ninguém poderá calar os sonhos que ele gestou e embalou.

Não nos esqueçamos do que Lula Rocha dizia: “[...] nossa luta não começou agora e ainda não acabou”. Que a alegria, a amorosidade e o rigor ético de Lula Rocha nos fortaleçam e continuem semeando lutas potentes.

SEÇÃO III

**LULA ROCHA E SEUS DIÁLOGOS
COM PARTIDOS POLÍTICOS E SINDICATOS**



Lula Rocha, 2014.

O Lula do PSol

Ana Paula Rocha³⁸, Antônio Barbosa³⁹,
Camila Valadão⁴⁰, PSOL/ES



Campanha Eleitoral, Cariacica, 2018.

A importância da organização partidária sempre fez parte da trajetória de Lula Rocha, parido e forjado no contexto da formação do PT, nas lutas pela redemocratização e também nos movimentos

38 Membro do Diretório Estadual do Psol.

39 Presidente do Psol Cariacica-ES.

40 Primeira Vereadora eleita do Psol Vitória-ES.

populares por moradia, água, transporte emprego, saúde e educação e também, não podemos deixar de fora, no movimento negro. Lula sintetizou em sua experiência um elo entre as batalhas dos trabalhadores, a experiência das organizações de juventude no movimento estudantil e as novas formas de incidência do protagonismo negro e periférico, agindo sobre o estado, ao pautar políticas públicas, também no movimento de direitos humanos, atento às novas formas de organização e de fazer política do povo negro.

A afirmação de que a classe trabalhadora não é ente abstrato, mas tem cor, gênero, território, ama, come... aponta a necessidade de recuperarmos o diálogo com a maioria e traduzir em luta e organização contra o sistema que transforma pessoas em números.

Lula Rocha localizou o Partido Socialismo e Liberdade - PSol como instrumento de reorganização da esquerda, um chamado à construção de um partido vivo e popular, que debate e se organiza a partir das quebradas, vielas, quilombos, aldeias, enfim na perspectiva de que a política se constrói em uma relação cotidiana, no dia a dia com o povo. Como membro da executiva estadual, defendia a necessidade do partido se debruçar cada vez mais sobre a realidade do Espírito Santo e manter seus fóruns vivos, a fim de produzir uma intervenção unitária no PSol, ampliando nossa base social e capacidade de intervenção política para melhorar a vida dos nossos e nossas para perseguir nosso objetivo estratégico na construção do socialismo.

Na presidência do PSol Cariacica, Lula Rocha demonstrou sua extraordinária capacidade de analisar e intervir na realidade, transitar em diferentes espaços, construir pontes, mobilizar pessoas, sonhar e construir a transformação.

À frente do partido no município, Lula manteve diálogo constante com movimentos sociais, partidos e lideranças políticas, organizou importantes debates sobre a cidade, fiscalizou e contribuiu

para a formulação de políticas públicas. Mostrou-nos que política deve ser feita com planejamento e estratégia, mas também com empatia, solidariedade e amor. Revelou-nos que a política partidária deve ser construída permanentemente com o povo periférico e que a luta política faz a diferença na vida das pessoas.

Lula Rocha, hoje e sempre

Não são muitos os que entram para história como uma referência das lutas de um tempo. Lula Rocha é um desses poucos, é a genuína lenda da nossa época. Pertencente a uma geração de jovens insurgentes que perseguem o sonho irredutível de outro mundo de justiça, igualdade e solidariedade, Lula é o exemplo da obstinação.

De um tempo em que o debate racial não encontrava espraiamento nos círculos acadêmicos, na imprensa ou até mesmo no seio da própria esquerda, Lula forjou parte das lutas que hoje colhemos. É vanguarda nos debates sobre o extermínio do povo negro e a violência institucional, na ação contundente para cobrar direitos e políticas públicas para a nossa juventude.

Contra o sectarismo que reina em nossa época, Lula é exemplo do diálogo, da escuta, da acolhida e da generosidade. Compreendeu desde muito cedo que o futuro acontece enquanto se caminha, a partir das contradições reais da ordem existente, mas que para explorar o campo do possível é preciso sonhar.

Lula continuará entre nós, hoje e sempre.

Lula Rocha e o PT

Célia Maria Vilela Tavares, PT/ES



Lula Rocha em Brasília, na posse do presidente Lula, 2003.

Ao ser convidada para escrever sobre Lula Rocha e a sua militância no Partido dos Trabalhadores - PT, eu ponderei que, partidariamente falando, a minha proximidade com ele se deu durante os processos eleitorais de 2016 e 2020, período em que ele estava filiado ao Partido

Comunista do Brasil - PCdoB e ao Partido Socialismo e Liberdade - PSol. Sobre o período de militância no PT, dialoguei com pessoas de sua família e pessoas do partido que tiveram mais convivência com ele.

Filho de militantes, Lula Rocha recebeu o nome de Luiz Inácio em homenagem ao sindicalista e líder político Luiz Inácio Lula da Silva, que era admirado por seus pais, Isaias Santana e Maria da Penha Silva, e não imaginavam que Lula se tornaria presidente da República do Brasil e Lula Rocha, uma das maiores lideranças do movimento popular, ainda tão jovem. Lula Rocha, antes do seu nascimento já era chamado de Lulinha. Ainda criança participou de um comício na Praça Getúlio Vargas, no Centro de Vitória, e entregou uma carta escrita por ele mesmo ao futuro presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Sua militância começou bem cedo, tendo participado da criação do Grêmio Estudantil do Colégio Polivalente de Itacibá, em Cariacica.

Nesse contexto, a filiação de Lula Rocha ao PT foi um processo natural porque tanto a Penha quanto o Izaias sempre foram militantes dos movimentos sociais e militantes do PT. Para os petistas, é unânime a posição de que Lula teve uma participação forte e geral na vida do PT, com destaque para a sua atuação no Setorial de Direitos Humanos e na Secretaria de Combate ao Racismo.

A deputada estadual e ex-ministra Iriny Lopes afirmou que Lulinha sempre foi uma presença marcante como formulador e articulador. Pertenceu à corrente interna do PT Força Socialista e, posteriormente, à Ação Popular Socialista - APS, porém tinha boa circulação com as demais correntes, pois conversava com todos. Ele nunca foi de criar problemas, pelo contrário, ele era sempre parte das soluções, pois sabia como ninguém fazer as mediações necessárias.

Lula Rocha teve uma importância muito grande em todos os movimentos pelo quais transitou. Essa importância foi destacada na nota da Direção Nacional do Partido quando de sua morte. Diz um trecho da nota:

[...] Lulinha iniciou muito cedo sua militância na juventude do PT de forma ativa para a ampliação do debate da questão racial e dos movimentos sociais. Esteve anos nas fileiras do PT e dedicou seus últimos anos de vida à construção e fortalecimento das lutas sociais em seu estado e em todo o país. Lula era filho de Izaías Santana e Maria da Penha, históricos militantes do movimento negro e do PT, ao qual externamos nossos profundos pêsames por essa perda.

O Partido dos Trabalhadores reconhece o trabalho valoroso de Lula Rocha e relembra sua incansável luta contra o genocídio da população negra e pelos direitos humanos no estado do Espírito Santo e no Brasil [...].

Lula deixou os quadros do PT em 2005, quando uma parte dos integrantes da Força Socialista/APS saiu do PT para construir o PSol no Espírito Santo. Mesmo não estando mais filiado ao PT, a sua interlocução com os petistas não se rompeu, principalmente junto aos militantes dos direitos humanos e do combate ao racismo.

Sobre o processo eleitoral de 2016, nós constituímos um grupo com representantes de alguns partidos políticos para discutir uma aliança, visando a uma candidatura desse campo à prefeitura de Cariacica. A ideia era retomar a forma de gestão do período em que Helder Salomão esteve à frente da prefeitura do município. Nesse grupo, Lula Rocha, então representante do PCdoB, tinha voz de destaque por sua capacidade analítica e defesa de uma frente progressista. Nós conseguimos fazer uma boa articulação e, apesar dos percalços, alcançamos o objetivo que era fazer aprovar o nome de Célia Tavares, do PT, como a candidata do grupo. Entretanto, movimentos oriundos da cúpula do PT ligada ao Palácio Anchieta conspiraram contra a candidatura própria do partido e apostaram suas fichas na candidatura de Marcos Bruno, da Rede. Dentro do

PT, o movimento da cúpula do partido ligada ao Palácio Anchieta teve que enfrentar a base partidária que exigia candidatura própria. Como a tese de não ter candidatura própria era difícil de passar no encontro ampliado do diretório municipal, a saída que tiveram foi aprovar uma resolução em que o PT teria candidatura própria desde que garantisse ao partido uma aliança, na proporcional, que resguardasse a manutenção da bancada de quatro vereadores que o partido tinha. E esta não era uma tarefa fácil, pois vários partidos não queriam fazer coligação com quem já iniciava a disputa com quatro nomes que detinham a estrutura de mandatos.

E qual a posição de Lula Rocha nisso tudo? Ele esteve do começo até o final junto conosco para construir uma candidatura progressista para Cariacica. No entanto, ele também sofreu revés do seu partido, o PCdoB, que se afastou do grupo, atendendo à orientação da cúpula vinculada ao Palácio Anchieta. Nossa articulação conseguiu reunir sete partidos políticos em torno do nome de Célia Tavares; entretanto, a partir de orientação vinda de cima, os partidos foram se afastando. Teve partido, inclusive, que sofreu intervenção da direção estadual. Devido à mão forte palaciana no processo eleitoral do município, na véspera da convenção do PT, apenas o Partido Trabalhista Brasileiro - PTB mantinha sua disposição de caminhar conosco.

Em uma tentativa de fazer uma coligação que reunisse pelo menos três partidos, eu e Fábio Veiga fomos à residência do Lula, no bairro Santana, para convencê-lo a ficar conosco. Ao nos receber Lula disse: “Como vamos ficar com vocês se o próprio PT está sabotando a candidatura da Célia?” Eu e Fábio tivemos que ouvir calados, pois se tratava de uma verdade que não era nada secreta. Resultado: o PT não teve candidatura própria e, à revelia do desejo da base, a cúpula estadual vinculada ao Palácio Anchieta conseguiu levar o PT para o apoio ao candidato da Rede, indicando o nome para o cargo de vice.

Imagino que a decepção de Lula de ter que cumprir ordem superior para apoiar a candidatura de Marcos Bruno, como queria o mandatário do Palácio Anchieta, tenha sido uma das razões que o fez se afastar do PCdoB e voltar para o PSol.

Durante o processo eleitoral de 2020, Lula estava filiado ao PSOL e eu sabia que o caminho a trilhar para construir uma chapa progressista para a Prefeitura de Cariacica passaria pelos caminhos de Lula Rocha, com a diferença de que agora ele não corria o risco de ter que cumprir ordem superior para impedir a aliança. Todavia, eu também sabia que quem deveria fazer o dever de casa primeiro era o próprio PT, no sentido de garantir candidatura própria do partido. Eu cultivava o sonho de uma chapa em que Lula estivesse conosco não somente como apoio, mas com seu nome de vice. Quando se trata de discutir candidatura dentro do PT a coisa não é simples. Eu brincava com Lula dizendo que ser candidata pelo PT é só para os fortes, mas torcer para o Botafogo também era e eu sou botafoguense... Ele respondia que como cruzmaltino nossos caminhos alvinegros se cruzavam.

Como eu disse, não foi um processo fácil a deliberação da minha candidatura pelo PT, pois dentro do Partido tínhamos cinco pré-candidaturas e a definição pelo meu nome se deu no encontro do Diretório Municipal em 6 de junho de 2020. No dia 7 de junho, recebi mensagem de Lula pelo *WhatsApp*, parabenizando-me pela “conquista na etapa de ontem” e ainda acrescentou com seu bom humor: “Dessa vez vai né?!”, seguido com *emoji* de risos e pulso firme. Depois disso, conversamos outras vezes, até que no dia 9 de setembro ele me enviou mensagem, do hospital, relatando seu processo de recuperação e indicando o professor Antônio como interlocutor do PSol durante seu restabelecimento. Em 24 de setembro, enviou-me nova mensagem, informando que o PSol decidiu apoiar a minha candidatura e que o partido faria uma declaração pública, mas que ele estava me avisando

em primeira mão. Em 16 de novembro fez novo contato e, com seu otimismo de sempre, afirmou que não tinha dúvidas de que venceríamos a etapa do primeiro turno e que já estava discutindo estratégias para o segundo turno. Nós não ganhamos a eleição e ele telefonou-me para dar os parabéns, ressaltando que as *fakes* e o poder econômico prevaleceram.

Este é o Lula Rocha, uma pessoa múltipla e de uma generosidade enorme. Quando Helder assumiu a prefeitura de Cariacica, em 2005, criou a Assessoria de Juventudes e ele era um dos nomes para ocupar a pasta, porém cedeu o lugar para Alex Siqueira. Foi o grande articulador para a criação do Conselho Municipal de Juventudes e coordenou a Conferência de Juventudes como representante da sociedade civil.

Da experiência vivida nas articulações político-partidárias, dizia que era melhor militar nos movimentos sociais, mas ao mesmo tempo admitia que estava aprendendo muito a fazer política com lideranças de reconhecimento. Relatou a pessoas próximas que viveu uma experiência ímpar em fazer articulação político-partidária. Em uma das ações estratégicas da eleição de 2016, fizemos uma reunião às 6h00 e Lula teve que sair de casa às 5h00, quando chegou foi logo dizendo: “[...] caramba, nem em reunião secreta para tratar de alguma ação contra o governo tive que acordar tão cedo.”

Quando da sua morte, em 11 fevereiro de 2021, o ex-presidente Lula divulgou nota de pesar. Em um dos trechos Lula diz:

[...] Meu xará Lula Rocha partiu muito, muito jovem, com tanta coisa ainda para fazer pelo Espírito Santo e pelo Brasil, que precisa de mais cidadãos como ele para lutar pelo direito de ter uma vida plena e livre de violência para a nossa juventude.

Não há palavras para definir ou confortar a dor de pais que perdem seu filho. Minha solidariedade

nesse momento difícil para os companheiros Izaias Santana e Maria da Penha, que deram meu nome ao seu querido filho, e a minha certeza que a história e o exemplo de Lula Rocha irá emocionar e inspirar muitos outros jovens que lutam por um Brasil melhor.

O presidente Lula traduziu o sentimento que nos tocou quando da partida do nosso querido amigo e companheiro Lula Rocha. A sensação que temos é de que ele foi recrutado para outras lutas em outro plano. Sei que essa abordagem foge ao sentido do que se pediu para este relato, mas como entender a sua partida tão cedo com tantas necessidades de lutas que temos nesse mundo? Em conversa com nosso militante histórico, Perly Cipriano, sobre Lula, ele disse: “O Lulinha tinha uma característica que grande parte dos militantes não tem, qual seja, a alegria e o sorriso nos lábios mesmo nos debates mais pesados”. Portanto, a forma mais vigorosa e eficaz de eternização da memória de Lula Rocha é cada um de nós assumir o protagonismo da luta contra as injustiças sociais com a firmeza, a alegria e a doçura que ele estampava em seu rosto.

Lula Rocha: a dignidade, a resistência e o afeto

Ana Carolina Galvão, Presidenta da Adufes no Biênio 2019-2021



Debate na Associação de Docentes da UFES (ADUFES), 2019.

A Associação dos Docentes da Ufes (Adufes) foi atravessada muitas vezes de forma marcante por Lula Rocha. Em defesa dos direitos da classe trabalhadora, Lula esteve sempre conosco ou nós estivemos com ele.

Como integrante do Fórum Capixaba de Lutas Sociais, a Adufes participou de diversas ações contra o extermínio do povo negro, uma das grandes lutas de Lula. Nessa direção, ano a ano tem apoiado as atividades

em memória dos mortos da greve da Polícia Militar (2017). Foi a partir da inserção da Adufes no fórum que o sindicato tomou assento no Conselho Estadual de Direitos Humanos (CEDH), ocasião em que se estreitou minha relação com Lula, que também era conselheiro, pelo Instituto Elimu Professor Cleber Maciel. Para ele, minha “origem” de representação sindical e não de movimentos de direitos humanos não tornava a Adufes menos importante, aliada ou reconhecida.

Tive duas ocasiões muito marcantes com ele nesse período. A primeira, na entrega da premiação do Concurso de Redação do CEDH (2018). Ao ver os adolescentes fazendo suas apresentações de música e textos, os olhos de Lula brilhavam ao mesmo tempo que marejavam. Até que ele diz: “é muito emocionante ver que quando a gente faz a coisa certa, o resultado é só beleza!”

A segunda ocasião foi em 2019, quando estivemos juntos para fazer inspeção em unidades prisionais. Lula – experiente –, manteve a calma, o tom de voz baixo e a cabeça erguida, enquanto o diretor da unidade questionava o que os conselheiros queriam ali. Depois, com paciência, ele explicava quais eram os procedimentos e apurações a serem feitas. Ao entrar nas galerias, Lula sinalizava cada detalhe: “olha a ventilação do local, quem aguenta?”; “Todos deviam poder trabalhar e estudar!”; “Não tem condições de ter atendimento de saúde mental apenas quando o sujeito está à beira do colapso”; “Hoje tem água o dia todo e não tem comida azeda”; e sussurrando, ele explicou: “[...] é porque nós estamos aqui”. Ao final de algumas entrevistas com presos, ele desabafa: “[...] nunca vou me acostumar com isso. Sempre fico mal”.

Lula é sinal de humanidade. Isso é o que ele deixa em mim: **a luta pela dignidade sempre, para todos.**

Quando a Reitoria da Ufes anunciou convênio com a Polícia Militar – até hoje em vigor –, para fazer a segurança dos *campi* da universidade (2018), foi Lula que buscamos e a quem pedimos ajuda

para uma série de atividades que fizemos para denunciar as implicações do braço armado do Estado dentro da Ufes.

Ele afirmava a inadequação da decisão, que era insuficiente, autoritária e que buscava uma solução simples para um problema complexo, apenas respondendo a uma pressão midiática. Foi dele a ideia de constituir uma Ouvidoria Popular e foi com ele que escrevi sobre os antecedentes, a constituição da ouvidoria e nossas propostas de atuação. Ali, afirmamos que “nossas apostas estão na resistência e na incontestável certeza de que nenhuma escola é lugar de polícia, porque não deve se prestar a um projeto de sociedade desigual, como este sob a égide do qual vivemos”⁴¹. **Resistir e manter posição firme, mesmo que vencida, por coerência, compromisso e caráter**, foi o que ele me trouxe de alento quando a PM começou a patrulhar dentro da universidade.

Outra articulação importante que envolve a Adufes e os movimentos dos quais Lula participava (e que segue firme!) é a Rede de Cursinhos AfirmAção. Primeiramente, esse cursinho universitário popular, preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), constituiu-se como ação mais que fundamental para apoiar a classe trabalhadora no ingresso ao ensino superior público; mas durante a pandemia o projeto se expandiu, uma vez que a população empobrecida, desempregada e necessitada precisou de assistência, o que levou à criação da “Rede AfirmAção Solidária”, que a Adufes auxiliou diversas vezes com fornecimento de cestas básicas. O sindicato deu o pontapé inicial da campanha de arrecadação com uma doação que deu para fazer apenas 20 cestas. Eu, decepcionada, disse a ele: “[...] poxa, é tanta gente precisando...”. Mas Lula me respondeu: “[...] é um bom começo, Ana. Estava preocupado em ter que começar do nada”. A lição aqui é que **precisamos insistir e persistir, sem titubear**.

41 Disponível em: <http://wp.adufes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Ouvidoria-Popular-de-Segurana-na-UFES-antecedentes-constituiu-e-proposta-de-atuao.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

Lula é tudo isso... lutador compromissado, coerente, insistente e persistente; mas acima de tudo Lula é a lembrança da alegria, da gargalhada frouxa, da fidelidade aos amigos e às causas e da consciência de que nada disso é possível sem afeto.

Brigo com a tristeza, que não combina com você, mas que é inevitável ao não poder mais te abraçar apertado. Resta (mas não é pouca coisa) tentar honrar seus princípios.

Obrigada, companheiro! Obrigada por acolher a mim e ao movimento sindical e nos ensinar a olhar com cuidado e atenção para os movimentos populares, a fortalecer os vínculos e seguir em frente.

ANEXO – FOTOGRAFIAS DIVERSAS

As fotografias a seguir retratam parte da militância de Lula tanto no movimento negro quanto em outros movimentos sociais. A exposição de tais imagens não representam a totalidade de seu ativismo; mas registram, em diferentes perspectivas e ângulos, a importância de sua luta pelas vidas negras e garantia dos direitos humanos.



Lula e amigos em reunião nacional do Círculo Palmarino, 2019.



Lula e Gilbertinho Campos, Panfletagem na feira de São Pedro contra a reforma da Previdência, Vitória-ES, 2019.



f LulaRochaES
 9 9833-8604

VEREADOR 

LULA ROCHA 65 123

surge uma nova força

Lula Rocha iniciou sua luta por direitos muito cedo. Com 15 anos já era liderança do movimento estudantil e foi o primeiro presidente do Conselho de Juventude de Cariacica. Filho de Isaias Santana e Penha, Lula Rocha aprendeu muito cedo a se posicionar e atuar na defesa de direitos.

Lula Rocha também foi coordenador do Fórum Estadual de Juventude Negra (FEJUNES) e presidente DO Conselho Estadual dos Direitos Humanos. Estudou direito, trabalhou durante dez anos na Secretaria de Justiça (SEJUS) e foi articulador do Plano Juventude Viva do Governo Federal, que buscava diminuir a violência contra os jovens.

Na Câmara, Lula Rocha lutará por uma educação de qualidade, políticas públicas de juventude, cultura, assistência social, de enfrentamento à violência, ações afirmativas e pela adoção de um modelo de desenvolvimento que valorize as potencialidades do município e todas as suas regiões.



LULA ROCHA 65 123

surge uma nova força

VEREADOR 
 65 123

Coligação Renova Cariacica - PCdoB, PSDC e PTN

f LulaRochaES
 9 9833-8604



Divulgação da candidatura de Lula a vereador de Cariacica, 2016.



Lula e amigos em campanha eleitoral, 2016.



Lula em Brasília, 2019.



Lula no Centro Cultural Elizário Rangel, São Diogo - Serra/ES, no evento Tablado Queimado, debatendo processos de resistência, março de 2018.



Lula realizando debates no Centro de Detenção Provisória de Aracruz, 2018.



Lula em atividade de recepção a calourxs na UFES, 2018.



Lula com Stel e Edson Bonfim (Foto de Paty e Stel), 2018.



  afrokizombabloco

Lula e integrantes do Bloco Afro Kizomba, Museu Capixaba do Negro, 2018.



Lula e amigos em partida de futebol, 2019.



Lula em reunião promovida pela Coalizão Negra por Direitos com Ângela Davis, São Paulo, outubro de 2019.



Companheiros de Movimentos e Coletivos Negros, 2020.



Lula com familiares em comemoração ao Dia das Mães, janeiro de 2020.



Lula em reunião com a vereadora eleita do PSOL Camila Valadão,
Novembro de 2020.



Lançamento da Campanha da Fraternidade,
Centro de Vitória, março de 2020.



Atividade na Escola Estadual Olímpio Cunha com Janio Silva,
Santana-Cariacica/ES, julho de 2017.



Ato Público na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, 2013.



Oficina sobre Racismo no Território do Bem/Vitória, 2018.



Lula e companheiros de militância em Ocupação NoVe De Julho, 2019.



Reunião com a Defensoria Pública do Espírito Santo, 2017.



Cartaz Comemorativo à criação da Comenda Lula Rocha pela Câmara Municipal de Vitória, proposição do mandato de Camila Valadão (PSOL), 2021.



Cartaz Comemorativo à criação da Comenda Lula Rocha pela Câmara Municipal de Cariacica, proposição do mandato de André Lopes (PT), 2021.



afirmação

Crença
Palmarino

VIDAS NEGRAS
IMPORTAM

FEEMES

RESPEITA
A VIDA
IMPORTA

BRASILIA
RITMO